FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 121

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Presidente da Républica foi hoje inaugurar o museu do Caramulo

O sr. Presidente da Republica saiu de sua casa de Cascais ás 8 da manhã, acompanhado apenas pelo brigadeiro Teixeira Pinto, chefe da sua Casa Militar, e por um ajudante de campo. Seguiu de automóvel para o Buçaco e Caramulo.

A esposa do sr. almirante Américo Tomás almoçou em Cascais e seguiu depois com a esposa do sr. general Teixeira Pinto, directamente para o Caramulo. A filha do Chefe do Estado, D. Maria Natália Rodrigues Tomás, só na segunda-feira vai juntar-se a seus pais para os acompanhar na viagem ao Norte.

O sr. Presidente da Republica tomou o pequeno almoço ás 10 horas, na Estalagem do Cruzeiro, em Aljubarrota, e seguiu logo depois para o Buçaco.

Almoço no Buçaco

BUÇACO, 20 *(Pelo telefone)* — O sr. Presidente da Republica chegou aqui cerca das 12 e 30, e era aguardado pelos srs. ministro da Educação Nacional, subsecretário das Obras Publicas, prof. dr. Reynaldo dos Santos e sua esposa, drs. Azeredo Perdigão, António Luís Gomes, João de Lacerda, José de Melo Figueiredo, presidente da Camara Municipal de Mealhada, srs. Alexandre de Almeida, e Gil de Almeira, comandante da P. S. P. de Aveiro e o comandante da P. V. T.

No Palace Hotel, houve um almoço íntimo a que assistiram 17 pessoas.

Depois do almoço, o sr. Presidente da Republica seguiu para o Caramulo, afim de inaugurar as novas instalações do museu do Caramulo.

A esposa do Chefe do Estado e a do brigadeiro Teixeira Pinto, che-

(Continua na 3.ª página)

Os noivos mais célebres do momento — Brigitte Bardot e Jacques Charrier

Três satélites com objectivos diferentes lançarão os Estados Unidos nas próximas semanas

WASHINGTON, 20 — A Agência Nacional da Aeronáutica e do Espaço (N. A. S. A.), lançará na próxima semana, em Cape Canaveral, na Flórida, um satélite «Vanguard» carregado de instrumentos meteorológicos. E' uma esfera de 50 centímetros de diametro, cuja aparelhagem estudará, especialmente, a irradiação do calor solar e a sua absorção pela Terra.

Será o décimo satélite «Vanguard» a ser lançado pelos Estados Unidos de há ano e meio para cá. Falharam oito experiências e circulam ainda em torno da Terra dois satélites daquele tipo. Os ensaios «Vanguard» são agora efectuados sob a direcção dos dirigentes civis da N. A. S. A.

No domínio militar, os Estados Unidos lançarão, durante as próximas semanas, um novo satélite «Discoverer» (Forças Aéreas) na base de Vandenberg, na Califórnia, e um «Explorer» (Exército) em Cape Canaveral. O primeiro, se a experiência tiver êxito, liberta, depois de fazer algumas órbitras em torno da Terra, passando pelos Polos, uma «cápsula» destinada a ser recuperada por aviões, em voo. O «Explorer» tem por finalidade o estudo das radiações cósmicas — (F. P.).

Um modelo melhorado do «X15» em serviço antes de 1965

LOS ANGELES, 20 — «Antes de 1965, um avião de propulsão por foguetões, modelo melhorado do «X15», cujas experiências começaram já, cobrirá a distancia entre Cape Canaveral e a Base Aérea de Edwards, na Califórnia, em hora e meia — declarou o tenente-coronel Harold Russell, director de ensaios do «Programa Dyna-soar», daquela base.

O «Dina-soar» (Dynamic Soarer) servirá para fazer evolucionar um piloto nos confins do espaço e fazê-lo regressar á base de partida, em voo planado. Assim como o «X15», será transportado por um avião de bombardeamento que o largará em voo. Quando estes ensaios estiverem concluídos, o «Dyna-soar» será largado de um missil balístico intercontinental. Poderá elevar-se então a uma altitude de cerca de 800 quilómetros. Depois o piloto entrará de novo na atmosfera terrestre em voo planado, abrandando, gradualmente a velocidade para evitar que o aparelho se consuma por fricção com o ar.

A velocidade de aterragem será superior a 320 kms. á hora. — (F. P.).

Ampliam-se as condições em que o Governo poderá comparecer nas duas Câmaras

Conforme anunciáramos, a Assembleia Nacional, a funcionar com poderes constituintes, suspendeu ontem os seus trabalhos, por motivo da viagem do Chefe do Estado ao Norte do País, que os deputados pelos distritos nortenhos acompanharão.

Ficou, porém, já votada toda a proposta de lei, enviada pelo Governo, com alterações á Constituição Política.

Além daqueles que ontem registámos, foram aprovados os artigos 12.º a 22.º, com excepção dos 20.º e 21.º, já aprovados anteontem.

Das novas alterações aprovadas, resultaram os seguintes novos textos:

«A Assembleia Nacional é composta de cento e trinta deputados, eleitos por sufrágio directo dos cidadãos eleitores, e o seu mandato terá a duração de quatro anos improrogáveis, salvo o caso de acontecimentos que tornem impossível a realização do acto eleitoral».

«As comissões só estarão em exercício durante o funcionamento efectivo da Assembleia, salvo quando esse exercício deva prolongar-se, pela natureza das suas funções ou pelo fim especial para que se constituiram, ou ainda quando se trate de comissões eventuais que o Presidente constitua fora do funcionamento efectivo da Assembleia».

«Os ministros, secretários e subsecretários de Estado podem tomar parte nas sessões das comissões, e

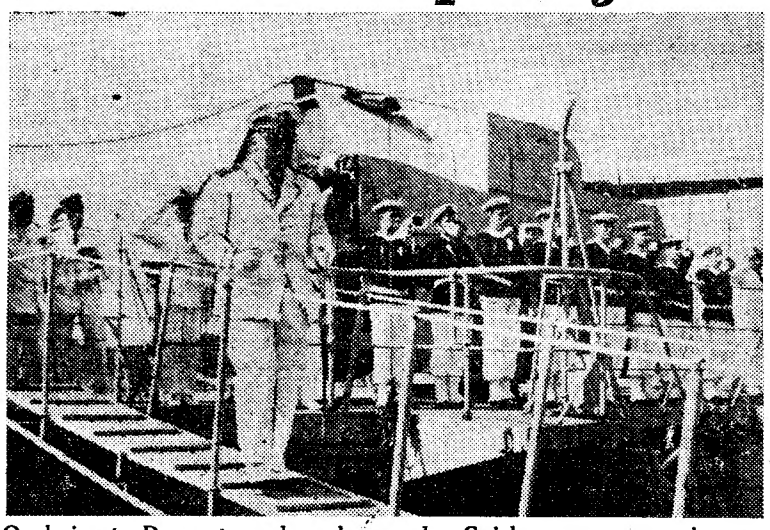
(Continua na página seguinte)

Nota do dia

PALEATIVOS

De quando em quando, os serviços de fiscalização da I. G. A., que velam não só pela qualidade dos géneros que se consomem no País, como pela manutenção dos preços tabelados, prende e envia para o tribunal um talhante que não respeitou a tabela e vendeu alcatra pelo preço do lombo ou rabadilha pelo preço do assem redondo. Todas as donas de casa sabem, no entanto, pela triste experiência adquirida em longos anos de mercado negro, que os preços tabelados não se praticam, geralmente, e, se querem ter carne mastigável, têm de puxar pelos cordões á bolsa e fazer vista grossa, quando vão ao talho, para o lado onde está afixada a tabela. Não pomos em duvida a eficácia da fiscalização, que tem prestado, certamente, serviços inestimáveis á população, defendendo-a dos abusos de mercadores sem escrupulos cujas artimanhas dariam ao padre António Vieira assunto para um novo capítulo saboroso da «Arte de furtar». Quer-nos parecer, no entanto, que os esforços constantes e louváveis da fiscalização resultam um tanto improfícuos, pois toda a gente sabe que nenhum talhante consciente pratica os preços tabelados e nenhuma dona de casa, por mais diligente, consegue obter um quilo de lombo de vaca senão por muito favor do magarefe, que vende para os hoteis e para o corpo diplomático, por todo o preço, a melhor carne que recebe. Para que havemos de iludir-nos com paleativos inuteis e soluções inoperantes, se o problema tem raízes mais profundas e exige soluções mais radicais do que aquelas com que se tem pretendido resolver?

Chegou hoje ao Tejo a esquadra francesa que andou em exercícios com unidades portuguesas



O almirante Douguet ao desembarcar do «Guichen» para cumprimentar as autoridades navais portuguesas

Começaram a entrar esta manhã no Tejo as formações navais francesa e portuguesa, que, desde a madrugada do dia 18, executaram no Atlantico, ao largo da nossa costa, exercícios de conjunto, segundo planos elaborados pelos respectivos altos comandos, incluindo acção anti-submarina com a colaboração de esquadrilhas de aviões dos dois países.

A primeira unidade a demandar a barra, começando a subir o rio ás 7 e 30, foi o navio-chefe da for-

(Continua na página central)

Diario de Lisbôa publica hoje 32 páginas, nas quais se inclui MAGAZINE

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO..

Viva muito, coma pouco...

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O embaraço gástrico agudo é, geralmente, motivado pela ingestão de alimentos em grandes quantidades, de alimentos em via de decomposição ou, ainda, por alimentos que alteram, em profundidade, o mecanismo normal do complicado processo digestivo.

Qual a etiologia, a mais comezinha, de semelhante fenómeno? Não é difícil descortinar que se trata, em primeiro lugar, de uma atonia gástrica, seguida de espasmos pilóricos, retenção alimentar, enfartamento, enfim, de estômago que não se esvazia a tempo e horas.

A massa alimentar revolvida, não trabalhada pelos sucos, provoca alarme, estado-de-sítio, irritação, gastrite aguda, exagerado aumento do muco e diminuição da secreção ácida, que é assaz importante para a mecanica de uma boa digestão.

Convém, a propósito, referir que

(Continua na 13.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

DE CARA ERGUIDA

LUÍS JOSÉ SIMÕES, agora desaparecido, era um homem simples e um carácter firme como poucos. Daqueles homens que jogam a vida, cara-a-cara ao inimigo, para poderem viver depois de cara levantada e consciência tranquila. Mas tudo isso com a naturalidade de quem não faz mais do que os outros... Nascera em 5 de Outubro de 1878 e teria o seu grande presente de aniversário ao completar os trinta e dois anos: a proclamação da Republica por que sempre se batera. Fôra aprendiz de serralheiro no Arsenal, sendo seus colegas de oficina Rocha Martins e Peres Trancoso; depois assentara praça na marinha como 2.º condutor de máquinas em 1897. Conspirou e serviu em muitos navios. Foi para a guerra embarcado e bateu-se com a valentia de sempre. No mar dos Açores, quando sargento-ajudante chefe de máquinas do caça-minas «Augusto de Castilho», viu morrer a seu lado Carvalho Araujo, e as granadas do submarino alemão pouparam-no por mais que ele as desprezasse. Três anos depois, no 19 de Outubro, desgostoso, o tenente Luís José Simões saía do serviço activo e entrava ao serviço das Companhias Reunidas... A epopeia do «Augusto de Castilho» fê-lo escritor publicando «200 milhas a remos». Vai hoje a enterrar este homem simples e perfeito cidadão — Luís José Simões — cujo ataude estava coberto com a bandeira do «Augusto Castilho

FEIXE DE NOTÍCIAS

A morte é certa, a hora incerta. E é. Quem diria ao pobre João Rodrigues, de 17 anos, da freguesia de Jardim do Mar, na Madeira, ao sair despreocupadamente para o campo que uma pedra desprendida lá do alto lhe iria pôr termo á vida? E assim foi. Quem diria aos pais do pequenino Diocleciano Ribeiro Pereira, de Setubal, quando ele saiu de casa para brincar com outras crianças, que só o tornariam a ver cadáver? E assim foi. Caiu a um tanque e os bombeiros para retirar o cadáver tiveram de utilizar fateixas.

✱ No S. N. I., a dr.ª Maria Manuela Silva, dos Serviços de Acção Social, proferiu uma palestra sobre aspectos específicos da prevenção de acidentes de trabalho feminino. Acentuou a conferente: «As medidas de segurança a adoptar não podem deixar de atender aos gostos daqueles a quem se dirigem; caso contrário, não lograrão captar o seu interesse. Impõe-se, aqui como em outros aspectos da organização humana da empresa, que se reconheça o trabalhador na sua dignidade. Sem isso não só se desrespeitam os princípios morais das relações entre os homens como deixam de alcançar-se mais altos níveis de produtividade. É esta a razão por que as empresas progressivas consideram estes problemas cada vez com maior atenção».

✱ Duas instituições de beneficência de Gaia estão de parabéns, e portanto os desprotegidos da sorte a que elas valem: D. Isabel Mullier, do Pará, Brasil, agora falecida, deixou todos os seus bens no valor de dois mil contos á Assistência aos Pobres de Valadares, fundada há quinze anos, e á Cantina Escolar da mesma localidade. Quem dá aos pobres, empresta a Deus e a sua memória vive no coração dos homens para sempre...

✱ No cemitério de Vila Real de Santo António foi depositado em jazigo de família, em 10 de Agosto de 1902, o sr. José Abecassis, administrador da Empresa da Mina de S. Domingos. Ao ser aberto agora o caixão verificou-se que o cadáver estava incorrupto. Na alta Idade Média, mais não seria preciso para se criar um centro de peregrinação; agora, o cadáver foi simplesmente enterrado mas desta vez em campa rasa.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência os srs. prof. dr. José Beleza dos Santos e Joaquim Oliveira da Silva, do conselho de administração da «Sacor». Esteve ali a inscrever-se no livro de cumprimentos o sr. dr. Jacinto Nóvais da Camara Pestana, director-geral das Alfandegas. ✱ O Instituto de Coimbra elegeu sócio honorário o sr. almirante Américo Tomás. ✱ Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação. ✱ Encontra-se em Lisboa, o dr. António de Faria, embaixador de Portugal em Paris. ✱ António da Cunha Correia, de 30 anos, foi apanhado com a boca na botija. Enquanto o pároco de Bertiandos celebrava missa, ele assaltava-lhe a casa. Acorreu o povo e o ratoneiro foi caçado. ✱ O barbeiro da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz foi fazer a barba aos seus companheiros de reclusão e epois pôs-se em fuga. ✱ Em Mira de Aire, o pedreiro Manuel da Silva Constantino, natural de S. Mamede, Batalha, trabalhava num lavadouro de lã. Caiu de uma escada e fracturou uma perna. ✱ No Entroncamento caiu de uma mula Joaquim José Valerian, de 40 anos, seguindo bastante maltratado para o hospital de Abrantes. ✱ Albino Quaresma da Silva, de Forma, Arganil, quando lançava foguetes, esfacelou uma mão pelo que recolheu ao hospital. ✱ Em Paúl um incêndio destruiu uma corte e matou onze cabras. ✱ O pintor Alfredo Martins partiu os pés por ter caido de um andaime em Algueirão. Deu entrada em S. José. ✱ A sr.ª Aurora da Cruz Reis, de 61 anos, de Peroviseu, colhia cerejas. Caiu da árvore e está muito mal porque fracturou uma clavícula e os ossos da bacia. ✱ Em Souto da Carpalhosa, um automóvel colheu Alcina Duarte Damásio, de 21 anos. Está no hospital de Leiria com fractura do craneo. ✱ António da Piedade Diamante, de 29 anos, ia a dormir numa camioneta de carga. Caiu. O motorista não deu pelo caso e prosseguiu na marcha. Estendido na estrada e muito contuso o pobre homem foi transportado ao hospital de Abrantes.

Assembleia Nacional

(Continuação da página anterior)

nas sessões em que sejam apreciadas alterações sugeridas pela Camara Corporativa pode tomar parte um delegado desta Camara».

«As propostas e projectos aprovados pela Assembleia Nacional denominam-se decretos da Assembleia Nacional e são enviados ao Presidente da Republica para serem promulgados como lei dentro dos quinze dias imediatos».

«Os decretos não promulgados dentro deste prazo serão de novo submetidos á apreciação da Assembleia Nacional e, se então forem aprovados por maioria de dois terços do numero dos seus membros em efectividade de funções, o Chefe do Estado não poderá recusar a promulgação».

«Na discussão das propostas ou projectos (isto diz respeito á Camara Corporativa) podem intervir o Presidente do Conselho e os ministros, secretários e subsecretários de Estado competentes, os representantes de uns e outros e o deputado que do projecto houver tido a iniciativa».

«O Governo é constituido pelo Presidente do Conselho, que poderá gerir os negócios de um ou mais Ministérios, e pelos ministros, os quais serão substituidos por aquele nos actos da sua competência, sempre que se achem ausentes do continente ou impedidos e não hajam sido nomeados ministros interinos».

«O Presidente do Conselho é nomeado e exonerado livremente pelo Presidente da Republica. Os ministros, os secretários e os subsecretários de Estado são nomeados pelo Presidente da Republica, sob proposta do Presidente do Conselho, e as suas nomeações por este referendadas, bem como as exonerações dos ministros cessantes».

«As funções dos secretários e subsecretários de Estado cessam com a exoneração do respectivo ministro».

«Os membros da Assembleia Nacional ou da Camara Corporativa que aceitarem o cargo de ministro, de secretário de Estado ou de subsecretário de Estado não perdem o mandato, mas não poderão tomar assento na respectiva Camara».

«Tratando-se de assuntos de reconhecido interesse nacional, poderá o Presidente do Conselho ou um ministro por ele autorizado comparecer na Assembleia Nacional para deles se ocupar».

«Este passa a ser o texto do parágrafo unico do artigo 113.º, por proposta do «leader», professor Mário de Figueiredo. Difere do da proposta do Governo apenas por dizer «ou um ministro por ele autorizado», quando a expressão usada naquele documento era «ou um ministro seu delegado». O texto constitucional em vigor era o seguinte: «Tratando-se de assuntos que respeitem a altos interesses nacionais poderá o Presidente do Conselho comparecer na Assembleia Nacional para deles se ocupar».

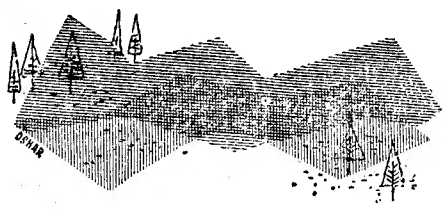
«No corpo do artigo 115.º as palavras «actos dos ministros e subsecretários de Estado» serão substituidas por «actos dos ministros, secretários e subsecretários de Estado».

«A lei determinará como hão-de ser substituidos os orgãos da soberania e quais as condições da sua actividade, quando em estado de necessidade e para salvaguarda do livre exercício do poder ante inimigo externo não possam funcionar ou actuar livremente».

Os trabalhos parlamentares — que devem terminar nos primeiros dias de Julho — recomeçam em 29 do corrente, com a apreciação dos projectos de lei, com alterações á Constituição, apresentados por deputados, que não foram prejudicados pela aprovação da proposta de lei do Governo.

PIRILAMPO
RESTAURANTE FRANCÊS
(ALTA COZINHA)
A pedido dos seus distintos clientes continua aberto aos domingos.
RUA DOS SAPATEIROS, 168
(A dois passos do Rossio)

TRAFARIA
Todos os domingos partidas do CAIS DO SODRÉ de hora a hora, das 7.30 ás 17.30

ACEITAMOS CARGA AÉREA PARA TODO O MUNDO

mais rápido
mais simples
Consulte o seu agente oficial ou a TAP
Rua Braamcamp, 2 Telefone 59101 (10 linhas)

Sofre de
Figado?
Vesicula?
Cálculos Biliares?
Tome o Chá Nattermann No. 7 Cholagogum
e verificará a sua acção benéfica
Os Chás Nattermann são usados em todo o Mundo
Preparados e controlados cientificamente e embalados na Alemanha
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS
Peça amostras e catálogos aos representantes. JOÃO PATRICIO ALVARES FERREIRA, LDA.
R. da Madalena, 78 — LISBOA

O HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
A ORIGINAL CANÇONETISTA ITALIANA
LAURA BETTI
(Maiores 17 anos)
AMANHÃ: «MATINÉE» COM TODAS AS ATRACÇÕES
CHÁ COMPLETO, 25$00

FONTORIA
HOJE
FOLIES SISTERS

A visita do Chefe do Estado no Caramulo

(Continuação da 1.ª página)

garão ao Buçaco ao fim da tarde, acompanhadas pelo capitão Freitas do Amaral.

O sr. Presidente da Republica ficará no Buçaco a repousar até segunda-feira, partindo depois para o Porto.

A inauguração do museu do Caramulo

CARAMULO, 20. — (Pelo telefone) — O sr. Presidente da Republica veio hoje a esta localidade inaugurar as novas instalações do museu do Caramulo, obra magnífica demonstradora do forte querer do falecido dr. Abel de Lacerda.

O museu foi criado em fins de 1953, com o produto da generosidade de alguns amadores da arte; enriqueceu-se rápidamente devido ao empenho que o dr. Abel de Lacerda nele pôs e a forma como a sua dedicação foi compreendida por particulares e pelo Estado. Hoje pode dizer-se que constitui uma das mais importantes colecções de Arte do País, e, com certeza a colecção nacional em que a arte moderna se encontra mais bem representada, tanto por artistas nacionais, como por estrangeiros.

Acentuem-se as esculturas da escola de Coimbra, talhas policromadas, a secção de artes decorativas, ourivesaria, porcelanas da China, e da Companhia das Indias, as porcelanas Ming, do século XVI. Lembre-se ainda a magnífica série de tapeçaria do século XVI e a mais notável mesa indo-portuguesa do século XVII.

Quando o dr. Abel de Lacerda morreu em 1957, a construção do novo edifício estava em meio. Para ele teve a comparticipação de 1.500 contos do Estado e de 2.000 contos da Fundação Gulbenkian.

O sr. Presidente da Republica saíu do Palácio Hotel do Buçaco ás 15 e 10, acompanhado pelas personalidades que com ele almoçaram.

O cortejo de automóveis tomou a estrada de Mortágua, Santa Comba Dão, Tondela e Campo de Besteiros, antes de chegar ao Caramulo.

Em Tondela, sede do concelho, o sr. Presidente da Republica era aguardado pelos srs. Manuel Couto Proença, António Almeida Matos, D. Elisa Varela, da gerência da estancia.

Por toda a parte o cortejo presidencial era saudado por muito povo e pelas entidades oficiais.

No Caramulo encontra-se também o dr. Manuel Tapia, director-clínico da estancia.

O sr. Presidente da Republica chega ao Caramulo por volta das 16 e 30, seguindo-se as cerimónias da inauguração do museu do Caramulo, cortando a fita simbólica o Chefe do Estado.

64 novas casas de renda económica em Aveiro

AVEIRO, 20 — Com grande regozijo dos Aveirenses, principiaram agora os trabalhos de construção de quatro blocos de casas de renda económica, para 64 habitações, destinadas ás classes de débeis recursos.

As novas construções que ficam situadas no sítio da capela do Senhor das Barrocas, desta cidade, são consequência da persistente acção da Camara Municipal que, para o efeito dispensou o necessário terreno á Federação das Caixas de Previdência do Ministério das Corporações que há pouco estabeleceu acordo para a efectivação deste grande melhoramento que constitui uma velha e justificada aspiração local.

O PORTO pelo telefone

Hospital de S. João

PORTO, 20.—A convite da comissão administrativa das novas instalações universitárias, efectuou-se esta tarde uma visita dos representantes da Imprensa ao novo Hospital de S. João e ás dependências da Faculdade de Medicina do Porto, integrados naquele monumental edificio.

A propósito do próximo funcionamento do novo hospital e Faculdade de Medicina, naquele lugar bastante afastado do centro do aglomerado populacional da cidade, os Serviços de Transportes Colectivos alteram, a partir de amanhã, os itinerários de duas das suas carreiras de autocarros que passam a ter novos percursos e designações, para poder servir aqueles estabelecimentos com carreiras ordinárias de 30 a 40 minutos, com início e regresso na Avenida dos Aliados, aos preços de 1$80 e 2$00.

As carreiras funcionarão, nos dias de semana entre as 8 e 35 e 20 e 35, e aos domingos, entre as 9 e 30 e 20 e 30.

A carreira de Contumil, que não serve aquele hospital, também sofre alteração.

Automóvel mal vendido

Patrício Pinho de Sousa, condutor de automóveis, residente em Gaia, incumbiu determinado indivíduo, residente na Rua Coutinho de Azevedo, de vender um automóvel. Sucede que o vendedor cumpriu em parte a sua missão, vendendo o carro por 20 contos, mas só entregando 8 contos e ficando com o resto.

Acidente de viação

Recolheu ao Hospital de Santo António, com fractura do cranio, o operário Manuel Tomás da Silva, de 30 anos, de Gondomar, que seguia em bicicleta motorizada na Rua Conde de Ferreira, e ali embateu com uma furgoneta.

Uma petição de 600 funcionários da C. P.

Subcrita por 600 funcionários da C. P., pessoal de estações, foi entregue no respectivo sindicato uma petição para revisão dos seus baixos vencimentos, de forma a serem actualizados e equiparados a cargos e funções idênticas ou semelhantes no Exército, Bancos, C. T. T. e empresas fabris.

A essa exposição anexou-se uma tabela dos vencimentos actuais dos referidos funcionários da C. P.

CARTAZ DO PORTO

TEATRO EXPERIMENTAL — A's 21 e 45 — «Guerras do Alecrim e Mangerona».
SÁ DA BANDEIRA—As 21 e 45— A revista «Champanhe Saloio».
RIVOLI—Ás 15 e 30 e 21 e 30— «Contigo nos meus braços».
COLISEU—Ás 21 e 30—«Morena dos meus sonhos».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30—«Labirinto infernal».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30—«Fim de semana no ascensor».
ÁGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Raparigas na noite».
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 «Os 39 degraus».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Uma luz na floresta».
NUN'ALVARES — As 21 e 30 — «Absolutamente certo».
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 «Pressa de viver».
PALACIO DE CRISTAL—Feira Popular do Porto.
JULIO DINIS — Ás 21 e 30 — «A «Nazzarele».

CASINO

APRESENTA
A ESCOLA DE SAMBA
«BRAZÍLIA RITMOS»

EXPRESSÃO VIVA DO RICO FOLCLORE BRASILEIRO ENVIADA À EUROPA SOB PATROCÍNIO OFICIAL

12 dos melhores intérpretes da música e da canção

*

(Maiores de 17 anos)

*

A SEGUIR: A GRANDE VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA
LINE RENAUD

*

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo 25$00

ESTORIL

STUDIO 4

Prefira
Brandy
HUTCHESON
Medalha de Ouro
1955
DEPOSITÁRIOS:
T. VILARINHOS, L.da
TELEFONE, 863399
LISBOA-2

Tágide

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL
A VEDETA FRANCESA
JACQUELINE ROLAND
E
O COMPOSITOR FRANCÊS DOS 100 SUCESSOS
HENRI BOURTAYRE
MAURICE CHEVALIER — TINO ROSSI — LUÍS MARIANO — ROBERT LAMOUREUX, ETC., CANTAM OS SUCESSOS DESTE FAMOSO COMPOSITOR

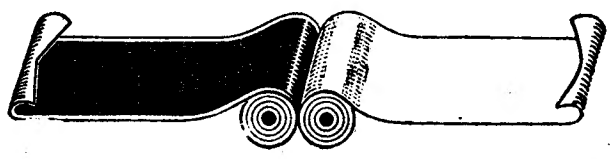
*

SÓMENTE DURANTE MAIS QUATRO NOITES
A FAMOSA ATRACÇÃO QUE ED. SULLIVAN CONTRATOU, NA TÁGIDE, PARA ACTUAR NA T. V. AMERICANA POR 90 CONTOS POR NOITE
THE MODERN JAZZ DANCERS
QUE NO DIA 24, VÉSPERA DA SUA PARTIDA PARA A AMÉRICA, SERÃO HOMENAGEADOS NA TÁGIDE E NO PALM BEACH COM UMA GRANDIOSA FESTA DE DESPEDIDA

NESTA, ENTRE OUTRAS ATRACÇÕES, COLABORARÁ O EXCELENTE
GRUPO CORAL E ETNOGRAFICO DE SERPA
(MAIORES DE 17 ANOS)

AVISO
APESAR DOS EXTRAORDINÁRIOS ENCARGOS QUE REPRESENTAM TODOS OS NOSSOS PROGRAMAS DE «MUSIC-HALL» (CLASSIFICADOS ENTRE OS MELHORES DA EUROPA) E OS PREÇOS DOS JANTARES SEREM IDENTICOS AOS DE QUALQUER RESTAURANTE DE LUXO SEM ATRACÇÕES TODAS AS PESSOAS QUE JANTAREM PODEM ASSISTIR, SEM MAIS ENCARGOS, AO «SHOW».

PALM BEACH
BREVEMENTE
INAUGURAÇÃO DO RESTAURANTE-DANCING
CONCHA
PISCINA DA PRAIA DAS MAÇÃS
A MELHOR E MAIS BEM LOCALIZADA DA PENÍNSULA
Tágide — Palm Beach — Concha
OS 3 RESTAURANTES — MUSIC-HALL DE GRANDE CLASSE, DO MAIS BELO TRIANGULO TURÍSTICO DO MUNDO!



PAPEL ALCATROADO
E
JUTA IMPERMEABILIZADA PARA SACARIA
FARINHA DE PEIXE — ROLHAS — DISCOS
PÓ DE CORTIÇA, etc.
JUTALPA
Estrada de Odivelas, 3 — Telef. 910198

TERMAS DE MONFORTINHO
Especialmente destinadas ao tratamento de afecções hepáticas, ginecológicas e doenças de pele e dos climas quentes
Abertas todo o Verão e até 30 de Novembro
HOSPEDE-SE NO
HOTEL FONTE SANTA - Telefs. 4 e 28

LISBOA RI NO MARIA VITORIA

H. MADEIRA, ANTÓNIO SILVA e BARROSO LOPES nas «3 LAVADEIRAS»

SALVADOR no «CABO DE MAR»

MIMI GASPAR na «MENINA PRECOCE»

ANTONIO SILVA no «TANGERINO»

HUMBERTO MADEIRA e BARROSO LOPES nos «DOENTES DA BOLA»

ALGUNS MOMENTOS QUE FAZEM DA NOVA REVISTA

ARRAIAL DE LISBOA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins»
ÀS 21 E 23 HORAS
ADULTOS — M/17 ANOS

A MAIS ALEGRE | A MAIS CÓMICA | A MAIS HILARIANTE | A MAIS ENGRAÇADA

DAS ÚLTIMAS REVISTAS DE SALVADOR

AMANHÃ
ESPECTÁCULO
À TARDE
ÀS 16 HORAS

Uma verdade que todos sabem:
Permanentes casas à cunha
EM ÊXITO TOTAL:

TRIO RUDDY and RODDY
EM CANÇÕES E BAILADOS EXCENTRICOS

5 BRIZAS DE ESPANHA
EM VIBRANTES DANÇAS REGIONAIS

e ainda, todo o elenco de ouro do «RITZ»
Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)

No SALÃO TÍPICO: CEIAS
com FADOS e GUITARRADAS

NA PRÓXIMA SEMANA
o maior acontecimento do ano:

BALETT VISON

A SENSACIONAL ATRACÇÃO ALEMÃ
DE QUE TODO O MUNDO FALA
10 esculturais mulheres que vão dar brado

ÀS 20,30 — Para maiores — **ABC** — ÀS 22,45 — de 17 anos

Maria de Fátima Bravo

JOSÉ MIGUEL APRESENTA A SENSACIONAL REVISTA DE NELSON DE BARROS E JOSÉ VIANA EM

2.º Mês
MULHERES A' VISTA!

✱ Triunfo absoluto e incondicional dum grandioso elenco ✱ **Leónia Mendes** ✱ **Aida Baptista** ✱ **José Viana** ✱ **Raul Solnado** ✱ **Carlos Coelho** ✱ As grandes atracções **Maria de Fátima Bravo** e **Max** ✱ A irresistível vedeta brasileira **Berta Loran** e a estrela italiana **Linda Belmonte** ✱ **Muitas «girls», discípulas e modelos** Maria da Nazaré, Conceição Gomes, Maria Manuela e Mariano Franco

Berta Loran

AMANHÃ ✱ ESPECTÁCULO À TARDE, ÀS 16 HORAS

RECEPÇÃO À ARTISTA
MARIA PEREIRA

Chegando hoje a Lisboa, cerca das 23,45 horas, no avião da T. A. P., a simpática artista Maria Pereira, que tão grande êxito acaba de alcançar no Ultramar, um grupo de amigos e admiradores prepara-lhe uma entusiástica recepção no Aeroporto, para a qual convidam todos que queiram associar-se a tão justa homenagem.

Maria Pereira realizou, ontem, com estrondoso êxito, no Cine-Teatro Restauração, de Luanda, a maior casa de espectáculos do nosso ultramar, o ultimo espectáculo desta sua digressão, tendo sido obrigada, pelo publico, que no final lhe tributou a maior ovação da sua vida artística, a cantar 35 vezes.

FONTORIA
HOJE
FOLIES SISTERS

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

TODAS AS NOITES, ÀS 21 E 45 (12 ANOS)
ESPECTÁCULOS CULTURAIS PARA TRABALHADORES, FUNCIONÁRIOS E ESTUDANTES
PARA QUE TODO O PUBLICO POSSA ASSISTIR ÀS ULTIMAS REPRESENTAÇÕES DE
O PROCESSO DE JESUS
PREÇOS EXCEPCIONALISSIMOS

VOSSA EXCELENCIA
Encontra: café de Balão — uma Pega 6.50
DOÇARIA CASEIRA
no Bar Ribatejo — Praça do Areeiro, 11-D

VÁ À CANOA
DANÇAR

Cine-Clube Imagem

A segunda sessão do ciclo dedicado ao cinema espanhol pelo Cine-Clube Imagem realiza-se depois de amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Capitólio e é preenchida com o filme de Bardem, «Morte de um ciclista».

HOJE
às 20,30
NA
CANOA

O Sucesso Mundano da Época
em
— CASCAIS —
Pode V. Ex.ª jantar neste aprazível Restaurant-Boite, o mais Elegante da Linha do Estoril, com música moderna pelo Conjunto italiano
DINO MOLTENI
AS GRANDES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS
O CONJUNTO BRASILEIRO
COPACABANA
— e —
YVONE e CLARA
Marcações pelo telefone: 081397
Maiores de 17 anos

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Ao contrário do que fomos informados, não é exacto que a companhia do Teatro Nacional inicie a próxima época de Inverno numa casa de espectáculos do Porto.

—O actor e jornalista brasileiro Rui Viana, que veio á Europa em missão do Ministério da Saude do Brasil, aproveitou o ensejo da sua passagem por Lisboa para entregar á actriz Amélia Rey Colaço duas peças de seu pai o falecido dramaturgo brasileiro Renato Viana, intituladas «Fogueiras da carne» e «A ultima conquista».

—A temporada de Inverno no Teatro Monumental deve inaugurar-se com a peça «Boa noite Bettina», traduzida do italiano por Armando Cortez. Laura Alves, desempenhará a protagonista.

—O empresário Vasco Morgado organizou uma companhia que concorrerá ao subsídio do Fundo de Teatro, para itinerantes, levando no repertório o original de Luís Francisco Rebelo, «Alguém terá de morrer».

—Conclui-se amanhã no Teatro Sá da Bandeira, do Porto a temporada de revista da companhia do Teatro Variedades.

—Rosa Mateus ensaiará o poema da revista que vai ser apresentada

(Continua na 13.ª página)

COLISEU • Amanhã às 21.30
Emp. Ricardo Covões, Herd. - T. 31997
(Maiores de 12 anos)
4.º CONCERTO SINFÓNICO
DO
III FESTIVAL
GULBENKIAN DE MÚSICA
A mais notável e extraordinária orquestra da Europa
PHILARMONIA
ORCHESTRA OF ENGLAND
SOB A DIRECÇÃO DO INSIGNE MAESTRO
LORIN MAAZEL
OBRAS DE BERLIOZ, BELA BARTOK e BEETHOVEN
BILHETES A' VENDA GERAL, 12$50
2.ª FEIRA, 22 — 5.º CONCERTO
com o NOTABILÍSSIMO VIOLONCELISTA HUNGARO
JANOS STARKER
PHILARMONIA ORCHESTRA OF ENGLAND

A "BOITE" DA MELHOR SOCIEDADE
Pasapoga
TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
ADULTOS M/ DE 17 ANOS)
SEMPRE O ELENCO DE MAIOR CATEGORIA
A triunfal atracção grega
BALLET NIKOLSON
em novas criações típicas
O incomparável e vibrante
TRIO LA CAVA
em danças maravilhosas
A ESCULTURAL VEDETA VENUS RUBIA EM CRIAÇÕES FRIVOLAS
Baile por ESTEVÃO e sua orquestra. com Manuel Serrano

Primeiras exibições

«A Cidade do Amor», no Avís

Heidelberg, Coimbra germanica pela vida universitária e pelos amores dos estudantes, ressurge neste filme com todos os seus encantos e uma série de romances criados pelo seu ambiente propício. Através a evocação dos amores do pai, até aos da filha, afastados no tempo mas ligados pela continuidade das sugestões de Heidelberg, desfilam no filme os velhos costumes dos académicos germanicos, duelos e serenatas, com bons actores e bom interesse de espectáculo. Bons também os complementos: curiosos bonecos animados, e actualidades jornal «No-Do», com Pepe Luís, António Bienvenida e Manolo Vazquez na recente corrida da Beneficência, na Monumental de Madrid. — VISOR 70.

RESTAURANTE SALOIO
«Filha da Ti Jaquina»
OLIVAL DE BASTO — Tel. 910082
HOJE, SÁBADO, 20
(Maiores de 17 anos)
Inauguração de Serviço de Jantares
com Baile
aos Domingos ao almoço
Baile e Canções Regionais
Boa comida: Bom ambiente
a 200 metros do autocarro
Reservado o direito de admissão

VÁ JANTAR
À CANOA

O PÚBLICO
É QUE MANDA...
18.ª E ULTIMA SEMANA
no teatro MONUMENTAL
VASCO MORGADO apresenta
Eles, Elas e os meninos
uma comédia de André Roussin
em 5.º mês
com Irene Isidro Benamor e Paula
à FRENTE DUM GRANDE ELENCO
RIR! RIR! RIR! RIR!...
HOJE À NOITE, ÀS 21,45 H.
(ADULTOS M/ 17 ANOS)
BONS LUGARES desde 5$00
Amanhã, Esp. á tarde, ás 16 h.
O ÚNICO TEATRO COM AR CONDICIONADO

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 Tel. P. B. X. 29807

FONTORIA
HOJE
FOLIES SISTERS

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
Todo o deslumbramento da Lapónia, o país do Sol da meia-noite
LAILA
Em Eastmancolor
com Erika Remberg e J. Hansen

EDEN — TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.45
Adultos (17 anos)
O filme que foi aplaudido no festival de Bruxelas
«A DEUSA»
com Kim Stanley e Lloyd Bridges
A história da ascenção e queda de uma grande estrela de Hollywood que é ao mesmo tempo a crítica a uma geração despida de senso.

ALVALADE — Telefone 63080
15.45 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Passado nos maravilhosos cenários de uma das mais belas regiões do Mundo
LAILA
Em Eastmancolor
com Erika Remberg e J. Hansen
A's 18.30, Espectáculo de variedades em homenagem ao artista Max Lossafan.

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Aventura, expectativa e romance em
A MARCA DO CHICOTE
com Rhonda Fleming e Guy Madison
Cinemascope — Technicolor

ROYAL — TEL. 845037
A's 21 (M/12 anos)
Vistavision Tech.
ORGULHO E PAIXÃO
com Sidney Poitter
AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Panoramico
OLHOS NEGROS
com Johanna Von Koezian

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
SUSANA E EU
com Abbe Lane

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/12 anos)
Uma maravilha de Walt Disney em Cinemascope e Techn.
A CAMINHO DAS TERRAS DE OREGÃO
com Fess Parker e Kathleen Crowley

POLITEAMA — TEL. 26301
15.15, 18.15 e 21.30
Exito total
Um filme de aventuras heroicas sobre a história de uma arriscada missão secreta
LUTA SEM TRÉGUAS
com Randolph Scott e Virginia Mayo
Warnercolor — (M/12 anos)

CONDES — TEL. 22525
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
Colossal filme de Cecil B. de Mille
Uma aventura de Bufalo Bill
com Gary Cooper e Jean Arthur

AVIS — Tel. 47165
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Uma maravilhosa história sentimental na romantica cidade de Heidelberg
A CIDADE DO AMOR
com O. W. Fischer e Liselotte Pulver

TERRAÇO DO CAPITÓLIO — Telef. 27493
21.30 (M/17 anos)
TEMPOS MODERNOS
c/ Charlie Chaplin (Charlot)
Colorido
O ULTIMO APACHE
com Burt Lancaster

ESPLANADA PORTUGALIA
21.30 (M/12 anos)
Cinemascope Warn.
ALDEIA EM FUGA
Technicolor
DIABRURAS DE JANE

RAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer)
21.30 (M/12 anos)
A TUNICA
com Victor Mature
COMPLEMENTOS VÁRIOS

IMPÉRIO — Tel. 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma festa de alegria e mocidade passada na Itália
A LOIRA CIUMENTA
Reunindo pela 1.ª vez Diana Dors e Vittorio Gassman.
Ar condicionado — Temp. da sala a 21°

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Frank Sinatra, Tony Curtis, Natalie Wood
em
SÓ FICOU A SAUDADE
A mais emocionante história de amor dos nossos tempos!
Ambiente refrigerado

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O TUNEL DO AMOR
Uma alta comédia, romantica e hilariante para fazer rir, cheia de sabor malicioso, com Doris Day e Richard Widmark.

ROMA — Telef. 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Em rigoroso exclusivo a mais divertida e sensacional comédia francesa
DESFOLHANDO A MARGARIDA
com Brigitte Bardot e Daniel Gelin

CINEMA IDEAL
A's 21 (M/12 anos)
SAFARI
A QUEDA DE UM CORPO

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21 (M/17 anos)
CREPUSCULO NO OCEANO
Mister Cory

LIZ — TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
FRUTOS DE VERÃO
Colorido
A RAINHA DO MAL

DESPORTOS

Dois jogadores do sector defensivo do Sporting procuram evitar que um adversário conduza uma avançada

ONTEM À NOITE EM ALVALADE

Fomos para ver Pélé e vimos *Faustino*

POR HENRIQUE PARREIRÃO

Dos trinta e cinco mil espectadores do desafio de ontem á noite em Alvalade, metade foi ali só para ver o famoso Pélé. Ele era a grande atracção do jogo e absorveu as atenções gerais. Todos os olhares incidiram especialmente sobre a camisola n.º 10 do famoso jogador, que dentro em breve virá viver aqui ao lado, na vizinha Espanha, a troco da bonita soma de 10 mil contos — em homenagem ao seu numero de interior-esquerdo — importancia que só um clube da Europa, o Real Madrid, parece ser capaz de despender hoje na sua política de coleccionar os astros mais cintilantes do futebol mundial.

Por vezes esses olhares tão dedicados a Pélé procuraram ver, também o miudo Coutinho; os outros campeões do Mundo ali presentes, iluminados pela luz de Alvalade — e, em suma, toda a equipa do Santos, que ao fim e ao cabo sempre é a do campeão do Brasil.

Esses olhares tão teimosos em se fixarem na camisola n.º 10 do interior-esquerdo do Santos, depressa, porém, se desviaram para outro lado para poderem ver alguma coisa. Desviaram-se, um tanto ou quanto surpreendidos para o quinteto dianteiro «leonino» e em especial para Faustino, endiabrado e empenhado em fazer exibição de gala com o seu compatriota Fernando aos olhos dos brasileiros visitantes.

*

Fomos como quase toda a gente ao Estádio do Alvalade para ver Pélé e a equipa do Santos — e acabámos por ver Faustino e o grupo do Sporting em prometedora fase de reabilitação.

Grande jogo fez o Sporting. Certinho na defesa á zona — deixando sempre os brasileiros para além da cortina. E brilhante no ataque mercê, especialmente, das desconcertantes trocas de bola, no sentido progressivo das balisas do Santos, entre Faustino e Fernando.

Na base do belo conjunto «leonino» estiveram, ainda, as pedras do meio do campo, com Diego no desempenho mais esforçado, alternando a sua presença ora em frente das balisas de Carlos, ora em auxílio ao «triunvirato» da retaguarda, chefiado por Mourato.

Deve dizer-se, no entanto, que a equipa do Santos — sobretudo na primeira parte— aceitou o jogo numa toada muito lenta, movimentando-se a passo e sem iniciativa.

Nítido o contraste da lentidão dos Brasileiros com a extraordinária aplicação dos Portugueses — e isso, mais do que tudo, justificou em absoluto a vantagem de 2-0 alcançada pelo Sporting até aos primeiros momentos da segunda parte.

O grupo «leonino» merecia e podia ter ganho o desafio, pois foi sempre mais esclarecido e eficaz, actuando com empenho e vontade e sendo, até, mais objectivo para dar pouco descanso ao guarda-redes Carlos.

*

Mais decididos e voluntariosos a partir do 2.º golo marcado pelo Sporting, os Brasileiros deixaram de jogar a passo para procurarem a alteração, que pretendiam e que alcançaram no marcador.

Teve influência da maior a entrada de Jair (um veterano) para o lugar de Fiote. As balisas de Octávio de Sá passaram a sofrer maior assédio. Bombardeio de longe — uma vez que era difícil a penetração numa defesa que marcava por zonas os diateiros contrários, velando-se da antecipação, como arma de excelentes recursos.

Mais por sorte do que por merecimento — o Santos conseguiu chegar á igualdade de 2-2. E se a boa estrela tem continuado com os visitantes, nos derradeiros cinco minutos da partida remates de Jair e Pélé poderiam ter tornado ainda mais injusto o resultado da partida.

A sorte do jogo, a que nos referimos, verificou-se precisamente na obtenção dos dois golos do Santos. O primeiro num remate traiçoeiro de Dorval, que levou a bola a fazer tabela no corpo de Osvaldinho — e o segundo num remate de tão longe de Pélé, que se fosse repetido estamos certos que Octávio de Sá não deixaria de defender.

*

O jogo foi muito agradável e melhor seria com uma arbitragem mais feliz, não interrompendo tantas vezes — e não raras em benefício do infractor a prejudicar o Sporting — lances de bom futebol.

Noutro aspecto em que a arbitragem não foi feliz: nas suaves reprimendas aos jogadores brasileiros, quando — como vai sendo hábito — enveredaram para o «suruzu». Aquele Pavão (o n.º 2) com tantas «entradas a matar» bem merecia ter sido expulso do campo...

Como diziamos, atrás, fomos a Alvalade com o interesse particular de ver o Santos — campeão do Brasil — e ...vimos o Sporting numa excelente exibição. Verdadeira surpresa.

Fomos para ver Pélé, principalmente» Coutinho e outros campeões do Mundo — e vimos Faustino, Fernando, Diego, Mourato, Osvaldinho (no 1.º tempo) e Julius (depois do intervalo) a chamarem as atenções gerais.

*

As duas equipas alinharam da seguinte maneira:

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julius, Mourato e Osvaldinho; Hugo, Faustino, Fernando, Diego e Morais.

SANTOS — Carlos; Pavão e Mourão; Getulio, Ramiro e Fiote (aos 57 m. Jair); Dorval, Alvaro, Coutinho, Pélé e Pepe.

Arbitro — António Calheiros, de Lisboa.

Marcaram: Morais e Faustino, pelo Sporting; Dorval (com remate a fazer tabela em Osvaldinho) e Pélé, pelo Santos.

HENRIQUE PARREIRÃO

SE TÊM GANHO... OS JOGADORES DO SPORTING RECEBERIAM O PRÉMIO A DOBRAR

Pode ter parecido estranho que os jogadores do Sporting se aplicassem, ontem, com tanto empenho.

Mas há uma explicação: em caso de vitória, os jogadores «leoninos» teriam recebido o prémio a dobrar...

Futebol

Jogos de passagem

Realizados há três semanas os encontros da 7.ª jornada, o torneio dos jogos de Passagem á 1.ª Divisão, já meio esquecido, retoma amanhã a sua carreira, para a embalagem final.

E' oportuno recordar antes de mais a ordenação das equipas na tabela da classificação:

1.º, C. U. F.	10	pontos
2.º, Boavista	10	»
3.º, Barreirense	7	»
4.º, Farense	7	»
5.º, Salgueiros	5	»
6.º, Olhanense	3	»

A jornada de amanhã inclui os seguintes desafios:

Boavista-C. U. F. (0-2)
Barreirense-Salgueiros (1-1)
Olhanense-Farense (0-2)

Naturalmente, tem de colocar-se no primeiro plano, como desafio de maior interesse, o que se disputará, no Porto, no campo «Dr. Mascarenhas Junior».

O vencedor deste desafio ficará numa posição invejável para a conquista do primeiro — quase certo da sua presença na 1.ª Divisão, na próxima época. O desafio pressente-se pleno de interesse, com as duas equipas a lutarem ardorosamente e sem que se torne possível prever o vencedor. Um empate parece ser o desfecho mais capaz de se registar.

O encontro Barreirense-Salgueiros envolve para o grupo visitado as ultimas esperanças de alcançar ao menos o 2.º lugar, sobretudo, se, no Porto, não houver um empate. Os Barreirenses merecem favoritismo condicionado. E a condição reside em não confiarem demasiadamente.

Relativamente ao «derby» algarvio, o Farense pode alimentar as mesmas esperanças do Barreirense. Precisa, para tanto, de ganhar, o que não pode deixar de considerar-se tarefa bastante dificil, porque os Olhanenses vão dar tudo por tudo para fugirem ao ultimo lugar. Vamos por um empate.

Os jogos de passagem à 2.ª Divisão

No «panorama» do futebol português principia amanhã uma nova competição: a prova de competência com vista á subida á 2.ª Divisão Nacional.

Engloba quatro jogos:

ZONA NORTE — Paredes c. Vianense e Gil Vicente c. Académico.

ZONA SUL — Casa Pia c. Serpa e Desportivo de Beja c. União de Montemor.

Todos os jogos se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

A última fase da 3.ª Divisão

Quatro equipas — as vencedoras das «poules» da 2.ª fase do campeonato nacional da 3.ª Divisão—começam amanhã a luta decisiva para a conquista do título.

O Beira Mar recebe o União de Coimbra e o Lusitano de Vila Real de St.º António é visitado pelo S. L. Olivais. Dois jogos de muito interesse e de resultado indeciso.

Provas da A. F. L.

Do programa dos jogos da A. F. L. para amanhã, salienta-se a final da prova distrital de principiantes, entre o Atlético A e Benfica, em «Pina Manique», ás 10 e 30 h.

A ultima jornada do campeonato distrital da 3.ª Divisão engloba os desafios Loures-Algés e Linda-a-Velha-Vialonga.

Na 3.ª eliminatória (2.ª «mão») da «Taça Lisboa» o Amadora recebe o Charneca e o Camarate é visitado pelo Queluz.

JOSÉ MARQUES

é homenageado amanhã na Tapadinha

O antigo futebolista José Marques, conhecido, entre os seus admiradores, pelo «Padeirinho» e que, durante anos, defendeu, com o seu habitual entusiásmo, as cores do Atlético, vai ser alvo, amanhã, na Tapadinha, de justa homenagem, promovida por um grupo de amigos.

Tomam parte no interessante festival as «velhas-guardas» do Sporting, do Belenenses, da C. U. F. e do Atlético.

A ordem do programa é a seguinte: Belenenses-C. U. F., ás 17 e 30 e Sporting-Atlético, ás 19 horas.

GINÁSTICA

As selecções espanholas que defrontarão as portuguesas estão já constituidas

Na sua primeira sessão de treino, efectuada ontem, no Lisboa Ginásio, os ginastas espanhois deixaram uma impressão muito favorável, superior mesmo á que esperávamos, atendendo á falta de Joaquin Blume, apesar de conhecermos o sensível progresso da ginástica do país vizinho.

Excelentemente orientadas, as duas equipas trabalharam com grande vivacidade, denunciando alguns dos atletas magnífica forma. Num primeiro relance, chamou-nos a atenção a classe verdadeira de Martinez, subcampeão espanhol e o melhor depois do malogrado Blume, de quem foi companheiro no ultimo Campeonato da Europa, em Paris, onde alcançou muito boa classificação. Valbuena e Abaurrea, este já conhecido do publico lisboeta, também nos impressionaram favoràvelmente. São duros, correctos e seguros.

No ponto de vista global, a evolução técnica do grupo feminino foi o que mais nos surpreendeu. Na trave, trabalha absolutamente de harmonia com as características do aparelho: exercícios amplos, soltos e dinamicos, de ritmo magnífico. Neste aspecto, Elena Artamendi, actual campeã de Espanha, e Renata Muller, que também há três anos actuou em Lisboa, demonstraram nível internacional.

As equipas de Espanha

A constituição dos grupos de Espanha, que depois de amanhã e terça-feira defrontarão Portugal, é a seguinte:

HOMENS — Hermenegildo Martinez, Luís Abaurrea, Luís Valbuena, Emílio Lecuona, Enrique Montserrat e Ramon Garcia.

SENHORAS — Elena Artamendi, Renata Muller, Montserrat Artamendi, Rosa Balaguer, Elena Gimenez e Carmen Gonzalez (suplente).

Serão juizes da competição masculina, os srs. Vitor Jover, Aparício e Juanito Gonzalez, devendo este chegar amanhã a Lisboa; e da feminina, Carmen Riera e Goyta Postigo. Os treinadores são os srs. Ernest Nicolet (homens) e José Bazal (senhoras).

Chegou hoje a Lisboa, por via aérea, o sr. dr. Gutierrez Salgado, presidente da Federação Espanhola de Ginástica e chefe da delegação, que abrange também algumas entidades particulares.

Os atletas espanhois actuam hoje em Algés

Num festival promovido pelo Sport Algés e Dafundo, nas suas instalações, para encerramento da sua época de ginástica, os ginastas das equipas espanholas, que ontem á noite foram homenageados no Ginásio Clube Português, exibir-se-ão em alguns numeros, aproveitando a coincidência da sua visita á prestigiosa colectividade de Algés.

TIRO A CHUMBO

Um importante torneio em Vila Real

VILA REAL, 20 — Com o patrocínio do Clube de Caçadores de Vila Real, realizam-se, no Campo do Calvário, dois torneios, um de tiro aos pratos, para o qual serão disputadas as taças «Governador Civil», «Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão», «Grémio do Comércio» e «Companhia de Seguros Império», bem como prémios na importancia total de 4.000$00, que tem lugar hoje.

Amanhã será efectuado o torneio de tiro aos pombos, no qual serão disputados prémios no valor de 8.000$00 e as taças «Governador Civil», «Camara Municipal», «C. R. Turismo da Serra do Marão», «Grémio do Comércio», «Sindicato N. E. E. C. de Vila Real», «Sissi» e «Companhia de Seguros Império».

Para este torneio espera-se grande afluência de atiradores dos clubes de caçadores do Norte do País.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Prosseguem os Campeonatos Nacionais de Principiantes, na pista do Estádio «José Alvalade», a partir das 16 horas. O programa inclui as seguintes provas: eliminatórias de 110 m. barreiras e 100 m., saltos em altura, lançamento de disco, 1.500 metros, elim. de 400 m., 10.000 m. (torneio de equipas), final de 110 m. barreiras, final de 100 m., 2.000 m. obstáculos, lançamento de dardo, final de 400 metros e 4×100 metros.

BASQUETEBOL — Prosseguem os campeonatos regionais de juniores e infantis da A. B. L., estando marcados os seguintes encontros: Campo de Ourique - Belenenses - Algés (jun.) e Belenenses-Carnide (inf.); Liberdade - Queluz - Benfica (jun.) e Sporting A-Benfica (inf.); S. Bento - L. Ginásio - Sacavenense (jun.) e P. de Arcos-Sacavenense (inf.), todos ás 9 e ás 10 horas; Pedrouços, a partir das 9 horas: Nacional - Cruzquebradense (jun.). Campo de Ourique-Cruzquebradense (inf.) e Casa Pia-Sporting B (jun.); Tapadinha — Benfica B-Oriental (jun.); Barbadinhos — Liberdade-Atlético Arcos (jun.), todos ás 9 horas, (jun.) e Algés — Rio Seco-Paço de Passadiço — Pedrouços — Alvalade e Campo Grande — Lisboa Ginásio-Ateneu, ambos os jogos em infantis, ás 10 horas.

CICLISMO — Campeonato regional de equipas (amadores-seniores), entre Lisboa-Cartaxo e volta, na distancia de 120 quilómetros, ás 8 horas, da Avenida Rio de Janeiro e chegada cerca das 11.30, no Pote de Água.

— Disputa-se, na Lourinhã, um circuito local, para populares, com a extensão de 90 quilómetros.

— Também se realiza o Circuito do Algueirão, para populares.

HANDEBOL DE 7 — Continua o campeonato de 2.ª categorias da Divisão de Honra, jogando-se no campo da A. E. do I. S. Técnico, os encontros: Glória-Belenenses, Almada-Oriental e Sporting-Benfica, respectivamente, ás 9, 10.15 e 11.30 horas.

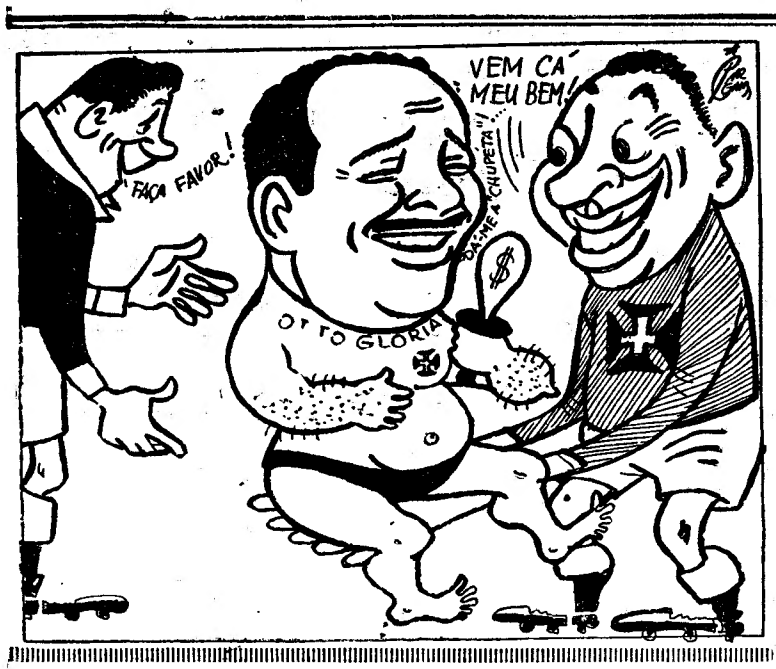
HÓQUEI EM PATINS — Conclui-se a 1.ª jornada da 2.ª fase do campeonato regional de juniores, jogando, na série A, o Azeitonense com o Campo de Ourique, e, na série B, o Belenenses com o Parede — ambos os jogos no «rink» dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 horas.

— O Campeonato de Principiantes continua com os encontros: Benfica-Cascais, Sintra-Paço de Arcos, L. Francês-C. Ourique e Azeitonense-R. e M. Algés.

NATAÇÃO — O nadador Baptista Pereira, no prosseguimento da sua preparação, com vista á travessia do Canal da Mancha, propõe-se fazer, amanhã, uma prova entre o Terreiro do Paço e Cascais, lançando-se á água ás 4,45 horas e esperando alcançar Cascais, ás 10 horas.

PEDESTRIANISMO — O Odivelas F. C. promove, amanhã, ás 16 horas, uma prova pedestre, denominada «8 voltas a Odivelas», para populares, com prémios individuais

(Continua na 11.ª página)



A Direcção-Geral dos Desportos

tem, anualmente, 1.400 contos

para distribuir por 4.500 associações

Declarou o ministro da Educação Nacional

no jantar de comemoração do Dia Olímpico

Realizou-se, ontem, o tradicional jantar de comemoração do dia olímpico de 1959. Presidiu o sr. prof. Leite Pinto, ministro da Educação Nacional.

A' sua direita, o sr. dr. Rui de Andrade; á sua esquerda, o sr. general Correia Leal. Na frente daquele membro do governo, o sr. presidente do Comité Olímpico Português.

✻

O primeiro acto consistiu na entrega, pelo sr. ministro da Educação, das taças ás diversas federações que conquistaram as provas olímpicas; e da medalha olímpica de 1958 á melhor atleta, Regina Veloso, de Lourenço Marques.

✻

Quase no final do jantar falaram: o sr. comandante Joel Pascoal, delegado da Federação de Natação, em nome de todas as federações nacionais; dr. Armando Rocha, inspector do Desporto Universitário; dr. Abreu Torres, colaborador desportivo do nosso prezado colega «Diário Popular», que falou, nessa qualidade, a convite do Comité Olímpico Português; o sr. presidente do Comité Olímpico Português e o sr. ministro da Educação Nacional.

✻

De interesse fundamental uma passagem do discurso do inspector do Desporto Universitário e tudo quanto disse o sr. ministro da Educação.

O sr. dr. Armando Rocha afirmou que o desporto nacional tem de optar pela autodirecção ou pela intervenção absoluta do Estado. Considera chegada a hora de tomar a posição. O desporto universitário — concluiu ? quer a autodirecção.

✻

O sr. prof. Leite Pinto, depois de agradecer o convite para presidir ao banquete disse que a pobreza do fundo que devia subsidiar o desporto é uma verdade, entre nós, tão grande como a respeitante á qualidade dos participantes e das instalações.

Na opinião do sr. ministro da Educação Nacional, no nosso país, não há desportos pobres nem ricos, pois são todos, igualmente, pobres, mesmo os que podem contar com algumas receitas.

Sobre o problema da distinção entre profissionais e amadores, afirmou o ministro não saber se no nosso país será possível fazer-se essa destrinça. A sua experiência embora ainda curta, leva-o a concluir que a respectiva regulamentação é difícil, porquanto há condicionalismos sociais, para não dizer políticos, empregado o termo na sua acepção mais extensa, a interferir, decisivamente, na matéria. Sobre a secretária de trabalho há, nesta altura, novo projecto para estudo da vasta matéria, o que significa ter novas dificuldades para vencer.

Ainda sobre as possibilidades materiais do nosso desporto o sr. prof. Leite Pinto disse que tem-se o futebol como modalidade rica. Pois, a despeito disso, é aquela onde o desequilíbrio financeiro é maior.

E prosseguindo, declarou que a percentagem anual das bilheteiras arrecadadas pela Direcção-Geral dos Desportos é de 1.400 contos, o que dá a média mensal de 120 contos, importancia a distribuir por 4.500 associações... Essa distribuição é quase uma lotaria, por força das circunstancias!

O sr. ministro disse, depois, da sua esperança na aposta mutua, embora, quanto a isso, existam também condicionalismos. «Mas, concluiu, tenho esperanças que alguma coisa se conseguirá em breve.»

HOJE À NOITE

BADMINTON — No ginásio do Liceu Gil Vicente, a partir das 21 horas, com a participação de jogadores do G. D. de Direito, Benfica, Sporting e Triangulo Vermelho, torneio do «Dia Olímpico», para encerramento da época.

BASQUETEBOL — No Pavilhão dos Desportos, ás 21 e 30 horas, continuação do campeonato nacional, entre equipas femininas: Belenenses c. Galitos, de Aveiro.

BILHAR — Na sede da A. A. B. L., ás 21 e 30 horas, continuação de campeonato regional, ás três tabelas, com o encontro António Vinagre - Jorge Pinto.

GINASTICA — Sarau ginástico, comemorativo do 44.º aniversário do Sport Algés e Dafundo, na piscina de Algés (estrado sobre a piscina), ás 21 horas, com a apresentação de todas as classes do clube e participação de atletas da equipa espanhola que vem disputar o 1.º Portugal - Espanha.

HANDEBOL DE 7 — Conclusão do campeonato regional da 1.ª Divisão, no Ateneu da Madre de Deus, das 20 e 45 horas em diante, com os encontros: Sporting da Penha - Ginásio do Sul, Hóquei C. P. - Paço de Arcos e Ateneu da Madre de Deus - Amoreiras.

TÉNIS DE MESA — Na sede do Campolide A. C., a partir das 21 horas, dentro do programa das comemorações do 29.º aniversário do clube, encontro Benfica - Sporting, para disputa da taça «A. Coronel» e exibições por duas jogadoras do Sporting.

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

AMANHÃ, EM BERLIM

Alemanha Oriental-Portugal

Um jogo inédito no nosso futebol

para a Taça das Nações da Europa

Força, coragem, vontade e entusiasmo podem proporcionar aos lusitanos um resultado tranquilo para a «repetição» no Porto

por Fernando Soromenho, enviado especial do «Diário de Lisboa»

BERLIM ESTE, 20 — Mais ou menos tudo está a postos para o jogo de amanhã no Estádio Albert Ubritch. Um ou outro pormenor não invalidará a asserção, visto que as duas equipas já fizeram o máximo para se apresentarem no relvado decididas a chamar a si um triunfo. A condição de visitados deverá, sem duvida, constituir um forte estímulo para os Germanicos e como a questão, nestes dois jogos a eliminar, consiste na vantagem de golos, compreender-se-á o estado de espírito dos adversários de Portugal.

A hipótese, como é óbvio, não é a unica. O regulamento da Taça das Nações da Europa — uma ideia de Henry Delaunay, o dirigente francês que tanto batalhou pela aproximação dos povos através do futebol — prevê os encontros disputados pelo sistema de eliminatórias a duas «mãos», contando os golos para os casos de empate. Todavia, se as duas equipas estiverem empatadas, com o mesmo numero de golos, estão previstas duas hipóteses para desempate:

1.ª — Terceiro jogo, em país neutro, desde que haja acordo das duas Federações comunicado á U. E. F. A. (União Europeia de Football Association), com 15 dias de antecedência;

2.ª — Em caso de se verificar desacordo, o segundo jogo será prolongado de dois períodos de 15 minutos, com escolha de campos á sorte. Se o empate persistir, haverá dois novos períodos de 15 minutos, mas o jogo será interrompido logo que uma das equipas marque um golo. Finalmente, se o empate ainda persistir, o vencedor será tirado á sorte.

Na primeira hipótese o processo dos prolongamentos é idêntico ao que se preceitua para o segundo caso.

E' evidente que só interessará á selecção de Portugal, como garantia inamovível, empatar e ganhar ou registar um duplo triunfo. Se assim acontecer, a passagem aos quartos-de-final será uma realidade.

Isto deverá ser, portanto, o alvo da operação na zona oriental da Alemanha, não obstante se ignorarem as reais possibilidades do do grupo germanico que nos dizem ser forte, destemido e invulgarmente ofensivo.

A previsão afigura-se, por conseguinte, arriscada, embora saibamos, por exemplo, as características da selecção da Alemanha Ocidental que em 1954 «pregou uma partida» aos Hungaros, tirando-lhes o campeonato mundial. Se os factores psicomáticos não se diluirem nas correntes ideológicas, é de crer que o estilo dos «orientais» seja muito semelhante ao dos «ocidentais»—hipótese que sugere um tumultuar de duvidas para a banda dos lusitanos.

Seja como for, uma verdade assenta arraiais em todos os espíritos — Portugal agirá como visitante cauteloso, disposto a não soçobrar ás primeiras para aguardar, no Porto, o ensejo de rectificar (ou ratificar) um resultado que se apresenta como uma incógnita maiuscula.

Força, coragem, vontade e entusiasmo constituem um somatório inestimavel capaz de fazer resplandecer o «orilho» do futebol portugues pela primeira vez chamado a uma prova inedita e a um jogo também inedito no seu historial.

●

A preparação do «onze» nacional surpreendeu. Preferiu-se o trabalho individual em vez de se apurar o rendimento de um conjunto, pelo que se esqueceu a «ma prova» prestada frente aos Escoceses. Queremos, no entanto, acreditar que Bela Guttmann tera tido a preocupação de afinar os músculos. Talvez (oxalá que sim) o seu método alcance o êxito desejado.

A escalação do «team» (está no feitio do responsável guardar segredo até á ultima hora) admite a presença de homens duros, na defesa, e rápidos, para exploração do contra-ataque.

Todavia, pode muito bem acontecer que ao previsível «assalto» germanico o «onze» lusitano responda com a utilização das mesmas armas. Então, prevalecerá a manutenção de um permanente «espírito de competição» e a perícia dos avançados no aproveitamento dos lances de golo. Basta que se repita a inspiração de Genebra desde que a colmatagem do sector defensivo seja mais perfeita.

✻

Infelizmente, o nosso futebol, vítima de erros de secretaria, não atravessa um bom momento. Em relação a 26 de Maio de 1957 (quando se logrou derrotar os Italianos por 3-0, em Lisboa, em eliminatória do Campeonato do Mundo, foi o 3.º triunfo lusitano em competições oficiais, separado dos dois primeiros por 19 anos!...). O «espírito de equipa» é notòriamente inferior. Caprichosamente (ou sàbiamente?) remou-se contra a maré, teimando-se em não reconhecer a validade das correntes hodiernas. O contraste entre os clubes e a selecção dispensa quaisquer considerações. Fala eloquentemente...

Mas como no desporto tudo é possível (mas não convincente, em absoluto), afigura-se viável o registo de um resultado animador — de uma perspectiva risonha.

Temos homens capazes para retorquir com galhardia, ao ímpeto atlético dos «orientais» e temos homens experientes, precavidos contra qualquer ratoeira.

A principal duvida residirá na instrução teórica. Dela dependerá o aproveitamento de apreciáveis qualidades individuais. Mas se as mesmas forem «amordaçadas», então, terá que se escrever uma «história»... e recomeçar de novo.

A Alemanha Oriental carece de categoria no plano internacional. Mais uma razão para se esperar do grupo português um comportamento digno. Outros mais fortes já baquearam e... «choraram». Mas se acaso a «lamúria» entrar pelas nossas portas a dentro, não devemos envergar vestes de luto carregado. Na «repetição» do Porto o objectivo fundamental consistirá na recuperação da alegria.

O seleccionador ainda não sabe

a constituição da equipa nacional

que defronta amanhã a Alemanha

BERLIM, 20. — A recepção á comitiva portuguesa não podia ser melhor. Os dirigentes alemães, com a sua tradicional meticulosidade, não esqueceram sequer um pormenor e os rapazes lusitanos viram-se, assim, cumulados de gentilezas por todos quantos estão ligados á organização.

A' disposição da caravana das quinas existe um intérprete alemão que domina perfeitamente o nosso idioma.

Do aeroporto de Berlim até ao hotel a selecção portuguesa deslocou-se em autocarro.

E' curioso notar que os representantes dos jornais berlinenses com quem já tivemos a oportunidade de contactar mostram-se um tanto apreensivos quanto ao desfecho do desafio. Admitem quase todos, a possibilidade de ser necessário terceiro desafio para resolver o problema da qualificação para os quartos-de-final.

E, prevendo essa hipótese houve uma reunião entre os dirigentes dos dois lados para decidirem qual o país que serviria de cenário para o desafio-desforra.

Todavia, da reunião não se concluiu o quer que fosse, porquanto os alemães desejam que a partida se realize na Holanda, enquanto os dirigentes portugueses pretendem que o país escolhido seja a França, designadamente Paris.

Ao fim e ao cabo ficou assente voltar-se ao assunto, na altura do jogo da segunda «mão», a disputar-se, como é do conhecimento geral, no Porto.

●

A partida realizar-se-á ás 14 horas (hora portuguesa) no Estádio Walter Ulbricht, que tem capacidade para 65.000 espectadores, sendo de presumir, não obstante o laconismo da Imprensa local, com referência ao nosso futebol, que a lotação se esgote.

O «onze» germanico envergará equipamento branco, deve ser constituido pelos seguintes jogadores: Spickenagel; Mueller e Waner; Heine, Kaiser e Mulhlraker; Assmy, Schroeder, Troeger, Mayer e Wirth.

Esta equipa partirá para Portugal, a fim de realizar a partida da segunda «mão» na quinta-feira.

O «team» português efectuou esta manhã um treino no estádio Walter Ulbricht.

Todos se mostram bem dispostos, á excepção de Virgílio, que está ligeiramente indisposto.

O seleccionador nacional ainda tem algumas duvidas sobre a formação definitiva do conjunto. E essas duvidas resumem-se aos postos de defesa-central que será ocupado por Figueiredo ou Alfredo; e de extremo-esquerdo, que parece destinado a Aguas ou a Cavém.

●

A Federação Alemã como é do regulamento da prova, entregou já aos nossos dirigentes 30 contos, equivalentes a mil dólares. No Porto, os nossos dirigentes farão a entrega de idêntica quantia.

Segundo nos foi dado a conhecer, os nosso jogadores terão 2 contos se triunfarem; ou um por empate, afora o conto de réis da presença.

No Porto, porém, as coisas mudam de figura... 1.500$00, pela vitória; 500$00, por empate e 500$00, de presença.

Mas se a eliminação dos alemães for um facto, os jogadores receberão três mil escudos cada um...

FERNANDO SOROMENHO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em AGUEDA na AGENCIA CONDE e CAFE' SANTOS.

O homem mais velho do Ribatejo (cento e três anos) apenas teve uma camada de bexigas

ENTRONCAMENTO, 20 — Uma das pessoas mais idosas do Ribatejo vive nesta vila, de perfeita saude e com admirável lucidez de espírito. E' o sr. Sebastião Matos Ambrósio, que acaba de completar cento e três anos. Viuvo, reside com seu filho, sr. Luís Matos Ambrósio.

Mantém absoluto domínio sobre as suas faculdades mentais e uma memória verdadeiramente prodigiosa. Tem ouvido apuradíssimo e a vista tão afinada que não precisa de usar óculos, preferindo a vida ao ar livre. Gosta de viajar, tendo ainda, recentemente, visitado o filho que reside próximo do Sardoal, e dentro em breve espera empreender nova viagem até á capital, para visitar, também, outro filho.

A unica doença que teve foi uma camada de bexigas, há cerca de 90 anos. De resto, saude de ferro e nem mesmo a «asiática» entrou com ele...

Ao perguntarmos-lhe a que atribui a sua longevidade, respondeu-nos com firmeza:

«Ora, a comer de tudo e, principalmente, a nunca ter deixado de beber o meu copito!».

O Hotel Ritz, "em rodagem"

mas já com muitos hóspedes será inaugurado oficialmente no fim do Verão ou no começo do Outono

O grandioso Hotel Ritz, orgulho da nossa industria turística, que se eleva no Parque Eduardo VII, sobranceiro á Lisboa velha, e até á Lisboa nova, está já em funcionamento moderado, «em rodagem», como é próprio e prudente em organizações tão importantes e complicadas.

Só no fim deste Verão, ou no começo do Outono, quando estiverem completamente organizados todos os serviços, de forma impecável, é que se fará a inauguração oficial dessa unidade substancial da nossa hotelaria.

Hoje, houve uma visita dos representantes da Imprensa portuguesa, ás magníficas e luxuosas instalações, iguais ás dos melhores hotéis do Mundo, em conforto e em beleza. Receberam-nos os srs. Manuel de Queirós Pereira, presidente do Conselho de Administração da proprietária do hotel, a Sociedade de Investimentos Imobiliários (Sodim); eng.º Guedes de Sousa e Caetano Beirão da Veiga, administradores; o famoso industrial hoteleiro Georges Marquet, presidente da Sociedade Hoteis Ritz — que explorará o nosso — e Jean Coomans, administrador.

O autor do grandioso projecto foi mestre Porfírio Pardal Monteiro, e os arquitectos seus continuadores foram Leonardo de Castro Freire, Jorge Chaves e Eduardo Medeiros; engenheiros, os srs. José Carlos

(Continua na 14.ª página)

«Brandy» em vez de remédios para prolongar a vida?

CIDADE DO MÉXICO, 20. — Anita Rosales faleceu, ontem, com 112 anos, no uso de todas as suas faculdades. Fez todos os trabalhos domésticos até há três dias.

Dias antes de falecer, Anita, conversando com um jornalista, disera que todos os dias bebia uma garrafa de «brandy» e que as suas refeições eram bem regadas com vinho. Afirmou que nunca fizera qualquer dieta e que comia de tudo em geral. Atribuia a longevidade ao facto de nunca ter tomado remédios ou especialidades farmacêuticas de qualquer espécie. — (A. N. I.).

A 32.ª Exposição Canina levou ao Jardim Zoológico 320 cães de todas as raças

A elegancia na Exposição Canina. Note-se a harmonia do conjunto, o branco mosqueado de negro do casaco e do animal

O Jardim Zoológico é de novo moldura de uma exposição canina internacional, que sempre constitui um acontecimento. O Clube dos Caçadores Portugueses, por intermédio da sua secção de canicultura, organizou esta exposição, que é a 32.ª, reune trezentos e vinte exemplares, alguns dos quais raros e que se segue á que se realizou em Janeiro, em recinto fechado, numa iniciativa de grande interesse a que o «Diário de Lisboa» deu o seu patrocínio.

A exposição realiza-se hoje e amanhã, tendo-se efectuado, esta tarde, a classificação dos cães, que foi feita pelos juizes srs. W. G. Siggers, de Inglaterra, Marcel Delamare, de França, e prof. dr. Manuel Fernandes Marques e dr. Luís Navarro Brazão, de Portugal. Pertencem á comissão de exposição os srs. dr. António Cabral, António Vitorino da Silva, Eduardo Wallase, Ernesto Augusto dos Reis, John de Mascarenhas e Jorge de Andrade Roque de Pinho (Alto-Mearim).

No «ring» de patinagem do Parque das Laranjeiras foi montado o recinto de exposição. Perto, o posto médico-veterinário, no qual foram examinados todos os exemplares á entrada e á saída do recinto. Centenas de pessoas assistiram ao desfile dos modelos. Entre as três centenas de exemplares em exposição foram muito apreciados os cães do batalhão de Paraquedistas, da Legião, e da G. N. R. Admiráveis, os cães de Pastor Alemão, os «boxers», os «Fox Terrier», os «Bulldog».

O Jardim Zoológico recebeu estes visitantes, nervosos e barulhentos, que os donos conduziam com orgu.ho. Muitas senhoras levavam cães que os institutos de beleza canina tinham convertido em estranhos animais, insólitos e exóticos. Os juizes tiveram muito que discutir, pois cada animal tem uma árvore genealógica e isso é fundamental.

Amanhã, a partir das 12 e 30, a exposição continua aberta ao publico. A's 13 horas iniciam-se os trabalhos de classificação, após o que, ás 18 horas, se fará o desfile dos exemplares premiados e a distribuição dos prémios.

O n que f

Aspec

A estrutura da carreira médica

e a reorganização dos serviços hospitalares serão hoje discutidas numa assembleia geral da secção regional de Lisboa da Ordem dos Médicos

A fim de discutir o relatório «Estudo sobre a Carreira Médica», em que se definem os princípios básicos essenciais para uma solução dos problemas da classe médica e necessários para «garantir a qualquer indivíduo, no momentot necessário, os cuidados médicos de que precisa», reune-se hoje, ás 21 horas, na Aula Magna do Hospital de Santa Maria, em assembleia geral extraordinária, a secção regional de Lisboa da Ordem dos Médicos.

Elaborado por uma comissão eleita em 29 de Julho de 1958, e que teve como relator o sr. dr. João Miller Guerra, o relatório é dominado pela preocupação de conjugar as necessidades sanitárias da população do País, sobretudo das regiões mais desprotegidas da província, com as aspirações dos médicos que vivem em piores condições económicas e com perspectivas de realização profissional menos prometedoras. Houve a preocupação de estabelecer um plano adaptado á realidade, salienta-se na sua introdução, mas que se admitirem transigências e compromissos capazes de o inutilizar ou corromper; cuja amplitude abrange todo o País, logo excluindo todas as soluções parcelares; preciso quanto á concepção e aos pontos essenciais da estrutura, mas com margem para as modificações impostas pelas circunstancias de tempo e lugar em que haja de ser executado. A importancia de uma nova estruturação da carreira médica, e, portanto, da assembleia geral que hoje se realiza, é assim salientada: «Enquanto se não prestar a devida atenção aos problemas da profissão médica que ela, aliás, foi a primeira a trazer a lume, todas as reformas, remodelações, programas sanitários, estão antecipadamente votados ao malogro. Não vale a pena erigir hospitais, dispensários, postos, centros de consulta e assistência clínica; adquirir dispendiosos instrumentos e aparelhos, distribuir donativos e subsídios, gastar dinheiro, em suma, se não houver médicos em numero suficiente e, mais ainda, se eles não tiverem preparação adequada para o desempenho das tarefas que lhes forem confiadas».

O relatório abre com um rápido bosquejo do estado sanitário do País, destinado a justificar a necessidade de reforma da prestação de serviços médicos, reforma que exigirá, para ser eficiente, o prévio estabelecimento de carreiras médicas.

Foram presos dois marítimos que vendiam narcóticos como se fossem cigarros

Após várias diligências da Polícia Judiciária, que andava na pista de vários indivíduos enredados no tráfico de estupefacientes, procedentes do Norte de Africa, foram presos, há tempo, apanhados em flagrante delito, os marítimos António Salomão dos Reis e Raimundo Joaquim Lajes os quais, após apertados interrogatórios, confessaram, explicando, ao mesmo tempo, a maneira como procediam á venda do narcótico. Para despistar as autoridades utilizavam uma caixa de tabaco e vendiam «haxixe», como se se tratasse de cigarros, avulso, ao preço de 5$00, cada embalagem.

Entretanto, a P. J. expediu para bordo de um paquete português, em viagem para Africa, um rádio indicando ao comandante que revistasse o camarote de determinado tripulante, o que foi feito, mas sem qualquer resultado.

O valor do estupefaciente apreendido eleva-se a cerca de quarenta contos.

As obras de arte d ao Palácio de Just

O ministro das Obras Publicas visitou, esta manhã, o «atelier» do escultor Lagoa Henriques, para apreciar os trabalhos da estátua do conselheiro João Pereira Ribeiro, que aquele artista está a esculpir em granito. A estátua tem três metros de altura e destina-se ao vestíbulo do quarto pavimento do Palácio de Justiça do Porto.

O sr. eng.º Arantes de Oliveira esteve depois no «atelier» do pintor Portela Junior a observar os modelos, em tamanho definitivo, dos cinco paineis a fresco para o átrio principal do mesmo edifício. Nesses paineis são tratados os seguintes temas históricos ligados á cidade do P Teresa, do a integraç do Porto; de D. João ração de contra os

AS TEMP

Tempera das hoje e ras: máxi No mesmo máxima, 2 — Tempe horas, na fera, 20°,2;

Jardim Zoológico

AMANHÃ, DOMINGO

32.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa

PREÇO UNICO — 15$00

CRIANÇAS ATÉ AOS 10 ANOS, GRATIS

* Esmerado serviço de almoços no restaurante do lago *

ATENÇÃO: Amanhã, domingo, não há qualquer redução no preço das entradas, que é, durante todo o dia, 15$00.

POR FAVOR! NÃO ESQUEÇA! NÃO CONFUNDA!

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência

Sapataria Douro

Apresenta hoje os 4 modelos que calçou a Princesa Margarida Rosa, quando da sua visita a Lisboa.

AV. CASAL RIBEIRO, 13

ESTÁDIO JOSÉ A

QUINTA-FEIRA, DIA 25, A

Real Betis Bal

(Quarto classificado do Campeonat

Sporting Club de

(com FAUSTINO, «VADINHO» e

EM COMEMORAÇÃO DO 53.º ANIVERSA

PREÇOS:

Sócios ...
Peão ...
Senhoras ...
Superior ...
Bancada lateral ...
Bancada central ...

OS BILHETES, ASSIM COMO AS SE QUE, ESTÃO À VENDA NA SEDE E EM TODAS AS AGEN

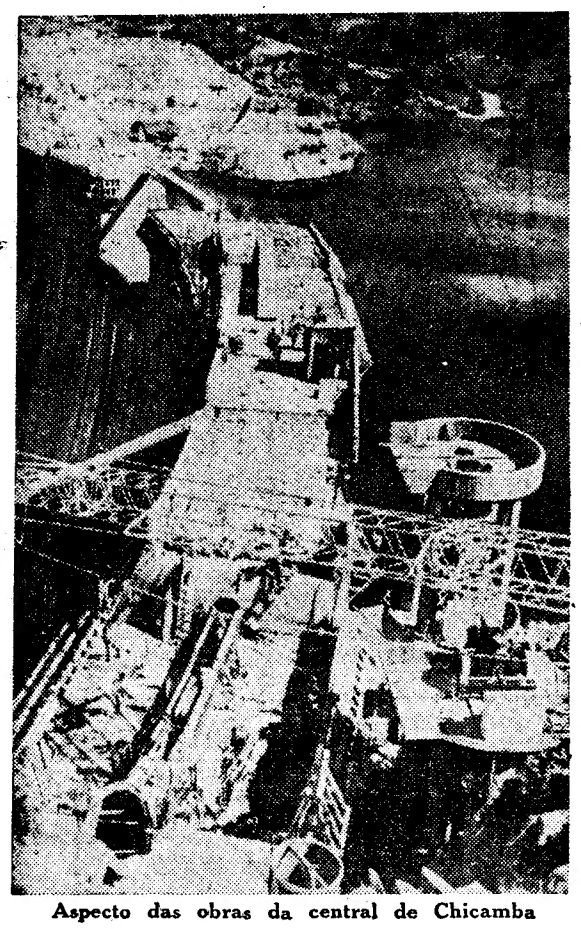
(ESPECTÁCULO PARA MAIORES D

médios
?
0, 20. —
tem, com
s as suas
trabalhos
as.
nita, con-
a, disera
ma garra-
mas refei-
m vinho.
qualquer
o em ge-
ao facto
médios ou
s de qual-
).

na
o
aças
barulhen-
iziam com
s levavam
beleza ca-
em estra-
e exóticos.
o que dis-
tem uma
o é funda-

12 e 30,
rta ao pu-
ciam-se os
o, após o
o desfile
s e a dis-

O ministro do Ultramar inaugura hoje
a barragem Salazar, na Chicamba Real (Moçambique)
que fornecerá energia às Rodésias e à Niassalandia


Aspecto das obras da central de Chicamba

Encontra-se em Moçambique, onde foi inaugurar importantes melhoramentos, o ministro do Ultramar, sr. contra-almirante Vasco Lopes Alves. Esta visita ministerial ficará a assinalar alguns passos de valioso relevo na evolução técnico-económica, daquela província, abrindo caminho a mais largas possibilidades de povoamento e de expansão das riquezas, como alicerces fundamentais da obra colonizadora portuguesa no seu território.

A mais espectacular das realizações que o ministro Lopes Alves inaugura hoje é, decerto, a das obras do primeiro escalão do aproveitamento do rio Revué. Como já foi noticiado, essas obras incluem a ampliação das instalações de Mavuzi, que estão a produzir energia, em primeira fase de exploração, desde o final de 1953; e a entrada em serviço da imponente barragem e da central de Chicamba, que constituem o primeiro aproveitamento de grandes proporções técnicas e produtivas no sistema hidroeléctrico a construir em Moçambique.

O aproveitamento hidroeléctrico da Chicamba Real, cuja central do Mavuzi abastecerá a cidade da Beira, Vila Pery, bem como a região de Umtali, na Federação das Rodésias e da Niassalandia, é, com efeito, uma obra de notável projecção na vida económica de Moçambique.

E' concessionária do aproveitamento, levado a cabo pela Companhia Intercontinental de Construções, Ld.ª, a Sociedade Hidro Eléctrica do Revué, S. A. R. L., que tem assinado com a Federação o contrato de venda de energia para os próximos dez anos.

Concluídos os trabalhos e entrando em serviço a Central do Mavuzi, passa o distrito de Manica e Sofala a ser, entre todos os das províncias ultramarinas portuguesas, aquele que disporá de energia eléctrica em maior abundancia. E porque o mesmo distrito é já famoso pelo grande desenvolvimento agrícola em riqueza das suas produções, poderá pensar em resolver em breve o problema da electrificação rural, que tão largos benefícios trará sem duvida aos proprietários duma região tão vasta e tão importante.

Números que dizem muito

Previa-se no projecto inicial fechar o colo da margem direita com um pequeno dique de terra continuação da barragem. Estudos geológicos posteriores levaram á conclusão de haver necessidade de construir não um dique de terra, como se previa, mas, sim, uma barragem de betão. E, assim o vale da Chicamba está hoje barrado, não por uma unica abóbada mas, sim, por duas, com o seu encontro comum.

A barragem construída é do tipo de abóbada delgada de betão simples de dupla curvatura, com uma altura na fase inicial que vai da cota 551 á 605, e na segunda fase até á cota 625. Tem a espessura

(Continua na 11.ª página)

O tempo que faz

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de Nordeste e o céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um anticiclone centrado entre os Açores e a Madeira.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G. — Porto e Coimbra, 18°; Lisboa, 19°; Funchal, 20°; Faro, 21.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, por vezes muito nublado. Vento moderado de Noroeste. Possibilidade de nevoeiros durante a madrugada no litoral oeste e a norte do cabo Carvoeiro. Pequena subida de temperatura.

A visita ao Tejo
da esquadra francesa

(Continuação da 1.ª página)

ça francesa, o escoltador «Guichant», arvorando o distintivo do almirante Douguet, que dirigiu superiormente as operações. Atracou á muralha da Rocha do Conde de Obidos, tendo trocado antes as salvas do estilo com o forte do Bom Sucesso.

Uma vez o navio acostado, entraram a bordo um oficial do Estado-Maior da Força Naval do Continente, o adido militar e naval á Embaixada da França, coronel Revanet d'Allonnes, Acompanhado pelo oficial português de ligação, capitão-de-fragata Moreira Rato, que cumprimentaram o almirante Douguet, com quem estiveram, pouco depois, o cônsul francês e o sr. almirante Nuno Brion, comandante naval do Continente.

O almirante Douguet desembarcou pouco depois das 10 horas e, acompanhado pelo adido naval e o oficial português de ligação, dirigiu-se ao Ministério da Marinha, a retribuir os cumprimentos do almirante Brion, e foi recebido, depois, pelo ministro, manifestando ao almirante Quintanilha e Mendonça Dias a sua satisfação pelos eficientes resultados do exercício, denominado «Tajex». Acompanhavam-no, então, o conselheiro da Embaixada do seu país, Philip Benoits. Mais tarde, o almirante Marques Esparteiro, director do Instituto Superior Naval de Guerra, esteve a bordo do «Guichant», a retribuir a visita de cumprimentos ao ministro.

Ao fim da tarde, o conselheiro da Embaixada francesa oferece um «cocktail» em honra do almirante Douguet, para o qual foram convidadas altas patentes da Armada e do Exército e os adidos navais acreditados em Lisboa.

Ao mesmo tempo que iam chegando os navios portugueses, os quais recolheram á base do Alfeite, entraram a barra, sucessivamente, durante o dia, as restantes unidades francesas, contratorpedeiros «Forbin» e «Jaureguiberrj», que atracaram, também, ao cais da Rocha do Conde de Obidos o «Surcouf» e o «Casablanca», enquanto os submarinos «Marj'ouin» e «Narval», acostavam á doca interior.

Sessões de trabalho, no Alfeite

Durante a permanência da esquadra francesa no porto de Lisboa, estão previstas várias cerimónias e sessões de trabalhos na Base Naval do Alfeite.

Os navios ancorados estarão patentes ao publico, amanhã, das 15 ás 17 horas.

A formação larga na manhã do dia 24, rumo ao seu porto-base de Brest, aonde deverá chegar em 26.

A Carris
pediu a revisão
das tarifas dos eléctricos

As declarações feitas pelo presidente do conselho de administração da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, lord Ratheavan, e que acompanham o relatório da empresa relativo ao exercício de 1958, dão-nos alguns numeros elucidativos. Assim, no ano de 1958, a Carris transportou em eléctricos e autocarros 374.373.878 passageiros contra 368.909.106 no ano anterior. Quer dizer houve um aumento de passageiros de 5.464.772, ou seja mais 1.48 %.

Deste numero os eléctricos transportaram 279.786.937, em 1958, e 280.832.673, em 1957, verificando-se pois uma diminuição de 1.045.736 passageiros nos eléctricos. Esta diminuição foi mais do que compensada pelo aumento de 6.510.508 passageiros nos autocarros — 94.586.941, em 1958 para 88.076.433, em 1957.

Quanto a quilometragem percorrida, o movimento apresenta a mesma tendência — aumento da dos autocarros, diminuição da dos eléctricos.

Em 1958, os eléctricos percorreram 30.937.786 quilómetros, contra 31.206.330, em 1957; os autocarros andaram 18.096.770, em 1958, e 17.354.437 em 1957. Quer dizer os eléctricos percorreram menos 268.544 quilómetros e os autocarros mais 742.333 do que em 1957.

Diz-nos ainda que em virtude do «agravamento de despesas», a companhia pediu ás entidades oficiais portuguesas um reajustamento nas tarifas nos carros eléctricos, aguardando agora a resposta.

Quanto aos resultados financeiros, a companhia teve um lucro líquido, quer dizer depois de deduzidas tadas as despesas e compromissos, de 5.327.120$00, que adicionado ao saldo de 5.127.440$00 do exercício anterior perfaz o total de 10.454.560$00. Os directores recomendam um dividendo de 6 por cento.

O Grémio dos Seguradores
completa 25 anos

Perfaz hoje 25 anos de existência o Grémio dos Seguradores. Para comemorar o facto, a direcção daquele organismo manda rezar, na segunda-feira, ás 12 horas, na Igreja dos Mártires, missa de sufrágio pela alma de todos os colaboradores falecidos.

Assim, depois de amanhã, á tarde, na Associação Comercial de Lisboa, realizar-se-á uma sessão solene, a que presidirá o ministro das Finanças, falando o sr. prof. dr. José Francosco Ramos e Costa. A' noite, na Casa do Leão, os directores e o pessoal superior da industria seguradora reunir-se-á num banquete, presidido pelo ministro da Presidência.

HOMENAGENS

Ao dr. Manuel Cordeiro Ferreira para festejar 30 anos de médico dos Hospitais Civis

Promovido pelos colaboradores do dr. Manuel Cordeiro Ferreira, realiza-se amanhã, no restaurante Alvalade, um almoço de homenagem áquele médico pediatra, para festejar os seus 30 anos de serviço nos Hospitais Civis de Lisboa e 15 de director do serviço de Pediatria médica do Hospital de D. Estefania. As inscrições podem ainda fazer-se pelo telefone 779151.

de arte destinadas
ácio de Justiça do Porto

Publicas
atelier» do
ues, para
estátua do
Ribeiro,
a esculpir
n três me-
se ao ves-
nto do Pa-
o.
e Oliveira
do pintor
ar os mo-
nitivo, dos
ra o átrio
fício. Nes-
os seguin-
ados á ci-

dade do Porto: A outorga, por D. Teresa, do foral do Porto ao bispo; a integração na coroa do senhorio do Porto; o Porto e a proclamação de D. João I; o Porto e a Restauração de 1640; e o levantamento contra os invasores, em 1808.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 23°,7; mínima, 15°,2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 29°,7; mínima, 17°,2.

— Temperaturas verificadas ás 10 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 20°,2; na água do mar, 14°,9.

O JOSÉ ALVALADE
EIRA, DIA 25, ÀS 21 E 45
Betis Balompié
icado do Campeonato de Espanha)
Club de Portugal
NO, «VADINHO» e FERNANDO)
ÃO DO 55.º ANIVERSÁRIO DOS «LEÕES»
... 7$50
... 11$00
... 11$00
... 17$50
lateral ... 25$00
central ... 35$00
ASSIM COMO AS SENHAS DE PAR-
VENDA NA SEDE DO SPORTING
TODAS AS AGENCIAS
ULO PARA MAIORES DE 12 ANOS)

A barragem Salazar, em Chicamba Real, é uma obra imponente, que honra a engenharia portuguesa

TERMAS
DE CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

Discos de "nylon" para corte e desbaste de:
ferro
aço inoxidável
tubos
perfilados
betão
mármore
metais não ferrosos
etc.
Tipos e medidas diversas para máquinas portáteis e estacionárias.
Discos abrasivos RHODIUS para alta velocidade (80 m/seg.)
RHODIUS
Rh 1
Representante Geral:
Eng.º GUSTAVO CUDELL
PORTO - Rua do Bolhão, 157
Filial: LISBOA - Av. do Aeroporto, 1 C

Estado Maior da Força Aérea

Centro de Recrutamento N.º 1

Alistamento de voluntários para operadores de: rádiotelegrafistas e radaristas de avião teletipistas e cripto. Meteorologistas. Circulação aérea e radar de tráfego. Radarista de detecção.

MECANICOS ELECTRICISTAS, DE RADIO E DE RADAR.

De harmonia com o Art.º 2.º do Dec. n.º 38.487 de 8 de Novembro de 1951 e Art.º 14.º da Lei n.º 2.056 de 2 de Junho de 1952, se faz publico que está aberto concurso para admissão de voluntários aos Cursos de: Operadores de Radiotelegrafistas e Radaristas de Avião, Teletipistas e Cripto, Meteorologistas, Circulação Aérea e Radar de Tráfego, Radaristas de Detecção; e Mecanicos: Electricistas, de Rádio e de Radar da Força Aérea, devendo os documentos para o concurso ser entregues até ao dia 31 de Julho do corrente ano.

SÃO CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

a) — Terem mais de 17 e menos de 21 anos de idade, no acto do alistamento.
b) — Terem altura mínima de 1,60 m. e aptidão física comprovada pela Junta de Admissão da Aeronáutica.
c) — Possuirem pelo menos o 1.º Ciclo Liceal ou equivalência, em igualdade de habilitações literárias, têm preferência os candidatos oriundos das Escolas Técnicas Industriais.
d) — Serem solteiros e estarem autorizados a alistarem-se pelos pais ou tutores, quando não sejam emancipados, ou viuvos sem filhos.
e) — Terem bom comportamento, estarem em pleno uso dos seus direitos constitucionais e provarem respeitar os princípios fundamentais de ordem política e social estabelecida na Constituição.

OS MANCEBOS QUE SE ALISTAREM COMO VOLUNTÁRIOS NA FORÇA AÉREA; SÃO OBRIGADOS A SERVIR TRÊS ANOS, EM CONFORMIDADE COM A LEGISLAÇÃO.

— Os candidatos serão destinados a uma daquelas especialidades, pela Unidade em que são incorporados, podendo, contudo, indicar nos seus requerimentos a especialidade preferida.

— Os requerimentos e mais documentos serão entregues dentro do prazo do concurso no CENTRO DE RECRUTAMENTO N.º 1 da Força Aérea, na Rua Andrade Corvo, 25-A, r/c., Lisboa-1, onde serão prestados todos os esclarecimentos.

DOCUMENTOS A APRESENTAR

1 — Requerimento dirigido a Sua Ex.ª O General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (em papel selado).
2 — Certidão de Nascimento.
3 — Certidão de habilitações literárias, passada por Estabelecimento Oficial, devendo as assinaturas das certidões dos Seminários serem reconhecidas por notário.
4 — Autorização do pai e da mãe, ou tutores, para o alistamento da Força Aérea, ou certidão de emancipação (em papel selado).
5 — Declaração a que se refere o Art.º 1.º do Decreto n.º 27.003 de 14-9-936 (em p. selado).
6 — Declaração em como é solteiro (ou viuvo sem filhos) com o compromisso de não contrair matrimónio antes dos 25 anos de idade. (em papel selado).
7 — Certificado do Registo Criminal.
8 — Declaração de ter ou não concorrido á Força Aérea em concursos anteriores. (em papel comum azul, de 25 linhas).

NOTAS:

1 — As assinaturas dos documentos n.os 4, 5 e 6 deverão ser reconhecidas por notário. Os candidatos poderão solicitar ao CENTRO DE RECRUTAMENTO N.º 1 da Força Aérea, as normas dos documentos n.os 1, 4, 5, 6 e 8.

2 — Os concorrentes já julgados APTOS nas Juntas de Recrutamento do Exército, deverão fazer-se acompanhar da cédula de recenseamento (modelo n.º 4) e do seu bilhete de identidade.

Lisboa, 17 de Junho de 1959.

O CHEFE DO CENTRO,
Eurico Gonçalves Monteiro
Major de Art.ª

CONGRESSO

Internacional da infância

Mil e quinhentos delegados de 47 paises reunem-se em Lisboa, a partir do dia 29, no Congresso Internacional da Criança, organizado pelo «Bureau Internacional Catholique de l'Enfance».

O tema deste congresso é «a criança e o seu futuro profissional». Serão proferidas quatro lições pelo secretário-geral do B. I. C. E., René Finkelstein, pelo prof. dr. Vítor Fontes, director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, pelo cardeal Lercaro, arcebispo de Bolonha, e pelo prof. Vítor Garcia Hoz, da Universidade de Madrid. As teses apresentadas nas sessões plenárias serão objecto de análise nas seguinte comissões especializadas: jurídica, formação religiosa e catequese, psicologia aplicada, educação familiar, educação pré-escolar, pedagogia escolar, médico-social e psico-pedagógica, instituições e comunidades para crianças, privadas de meio familiar normal, «Movimentos Infantis», Imprensa e literatura infantis, meios audio-visuais e actividades educativas ao ar livre.

O secretariado do Congresso está instalado na Av. Duque de Loulé, 90, r/c Dto.

REGIONALISMO

Casa do Concelho de Ovar

A Casa do Concelho de Ovar encerra, amanhã, as comemorações do seu 7.º aniversário com um almoço de confraternização, presidido pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, no Restaurante Imperium, ás 13 horas.

Casa de Ourém

Na Casa de Ourém, o sr. dr. Joaquim Rodrigues Ribeiro inicia, hoje, ás 22 horas, um ciclo de conferências, incluido nas comemorações do 6.º aniversário da agremiação, sob o título: «Ourém».

VIDA MILITAR

Aviso aos mancebos inscritos pelo 2.º bairro

Já se encontram afixadas no átrio das Juntas de freguesia, abrangidas pelo 2.º Bairro de Lisboa (administração na Rua Ivens) as relações indicativas do dia e local onde serão inspeccionados, a partir de 6 de Julho, os mancebos recenseados.

MARIA RITA D'OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA FALCÃO TRIGOSO

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria Bernardina da França Falcão Trigoso Mariano de Carvalho e seu marido António Mariano de Carvalho (ausente), Leonardo de Mello Falcão Trigoso e sua mulher Maria Noémia dos Santos Martins Falcão Trigoso e filhos, José Maria de Mello Falcão Trigoso, Maria Rita Falcão Trigoso e Maria da Conceição Falcão Trigoso, Maria Rita Trigoso Mariano de Carvalho Louro e seu marido Henrique Fernandes Louro e filhas (ausentes), Carlos Mariano de Carvalho e sua mulher Maria Manuela Furtado Mariano de Carvalho e filhas, Maria Berta Trigoso Mariano de Carvalho Jonet e seu marido Jorge Lopes Jonet e filho, Maria Clara de Mendonça Pinto da França, Maria do Carmo Trigoso de Lemos Seixas Castelo Branco, Maria Isabel Trigoso de Melo Guerreiro, Maria Margarida Falcão Trigoso de Sousa e Vasconcellos e Maria Luisa Trigoso Borges de Sousa e seu marido, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua mãe, sogra, avó, bisavó e cunhada e que o seu funeral se realiza amanhã ás 11 h. da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO

MAIS DE UM SECULO NA PRODUÇÃO DE FOGÕES A GÁS
MALAG
OS FOGÕES A GÁS «MALAG» SÃO UM PRODUTO DA INDUSTRIA ALEMÃ, DE LINHAS MODERNAS DE COR MARFIM. FORNO GRANITADO. GRELHAS ESMALTADAS A PRETO. QUEIMADORES DESMONTAVEIS COM GRELHAS DE PROTECÇÃO. TORNEIRAS DE GÁS COM SEGURANÇA DUPLA. FORNO CONTROLADO POR TERMOSTATO. ACESSÓRIOS: ASSADEIRA E GRELHADOR
REPRESENTANTES
Refrigeração POLAR LIMITADA
À VENDA NOS REVENDEDORES
RUA DA EMENDA, 66 R/C — LISBOA
TEL. 36721 1 — 22396

Estado Maior da Força Aérea

Centro de Recrutamento N.º 1

Alistamento de voluntários para mecanicos de: Material aéreo, de material terrestre, de armamento e equipamento e para a especialidade de abastecimento.

De harmonia com o Art.º 2.º do Decreto N.º 38.487 de 8 de Novembro de 1951 e Art.º 14.º da Lei N.º 2.056 de 2 de Junho de 1952, se faz publico que está aberto concurso para admissão de voluntários aos Cursos de Mecanicos de Material Aéreo, de Material Terrestre, de Armamento e Equipamento e para a especialidade de Abastecmiento, devendo os documentos para o concurso ser entregues até ao dia 31 de Julho do corrente ano.

SÃO CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

a) — Terem mais de 17 e menos de 21 anos, no acto do alistamento.
b) — Terem altura mínima de 1,60 m. e aptidão física comprovada pela Junta de Admissão da Aeronáutica
c) — Possuir habilitações do 2.º grau do Ensino Primário Elementar, ou de preferência com habilitações superiores.
Os conhecimentos das habilitações serão comprovadas por exame a efectuar na Aeronáutica.
d) — Serem solteiros e estarem autorizados a alistar-se pelos pais ou tutores, quando não sejam emancipados, ou viuvos sem filhos.
e) — Terem bom comportamento, estarem em pleno uso dos seus direitos constitucionais e provarem respeitar os princípios fundamentais de ordem política e social estabelecidos na Constituição.

Os mancebos que se alistarem como voluntários na Força Aérea, são obrigados a servir três anos, em conformidade com o disposto na legislação.

Os candidatos serão destinados a uma daquelas especialidades, pela Unidade em que são incorporados, podendo, contudo, indicar nos seus requerimentos a especialidade preferida.

Os requerimentos e mais documentos serão entregues dentro do prazo do concurso no Centro de Recrutamento N.º 1 da Força Aérea, na Rua Andrade Corvo N.º 25/A — Rés-do-Chão em Lisboa, onde serão prestados todos os esclarecimentos.

DOCUMENTOS A APRESENTAR

1 — Requerimento dirigido a Sua Ex.ª O General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (em papel selado).
2 — Certidão de Nascimento.
3 — Certidão de habilitações literárias, passada por Estabelecimento Oficial, devendo as assinaturas das certidões dos Seminários serem reconhecidas por notário.
4 — Autorização do pai e da mãe, ou tutores, para o alistamento da Força Aérea, ou certidão de emancipação (em papel selado).
5 — Declaração a que se refere o Art.º 1.º do Decreto n.º 27.003 de 14-9-936 (em papel selado).
6 — Declaração em como é solteiro (ou viuvo sem filhos) com o compromisso de não contrair matrimónio antes dos 25 anos de idade. (em papel selado).
7 — Certidão de Registo Criminal.
8 — Declaração de ter ou não concorrido á Força Aérea em concursos anteriores. (em papel selado, azul, de 25 linhas).

NOTAS:

1 — As assinaturas dos documentos n.os 4, 5 e 6 deverão ser reconhecidas por notário. Os candidatos poderão solicitar no CENTRO DE RECRUTAMENTO N.º 1 da Força Aérea, as normas dos documentos n.os 1, 4, 5, 6 e 8.

2 — Os concorrentes já julgados APTOS nas Juntas de Recrutamento do Exército, deverão fazer-se acompanhar da cédula de recenseamento (modelo n.º 4) e do seu bilhete de identidade.

Lisboa, 17 de Junho de 1959.

O CHEFE DO CENTRO,
Eurico Gonçalves Monteiro
Major de Art.ª

As obras hidroeléctricas do Revuè

constituem o primeiro aproveitamento da energia hidráulica em grande escala

no território de Moçambique

(Continuação da página central)

máxima na base de 11 metros junto ao soco e de aproximadamente 7 metros no actual coroamente. Quando as condições económicas justificarem a execução da segunda fase, a barragem assegurará a ligação entre as margens com uma estrada sobre o coroamento cuja faixa de rodagem terá 3 metros e meio.

O lago criado por esta barragem tem no sentido do comprimento cerca de 30 quilómetros. Contrariamente ao que sucede em aproveitamentos deste tipo, que se prolongam a montante por vales apertados, dadas as condições topográficas, depara-se, a montante da barragem, com um verdadeiro mar, dada a enorme planície que se estende até aos contrafortes das montanhas, onde passa a linha de demarcação das fronteiras de Moçambique com a Rodésia. Para uma altura de barragem de cerca de 60 m., o volume de água armazenado é de 435 milhões de métros cubicos e quando a barragem for recrescida de mais 15 m. na segunda fase, este volume de água passará a 2.000 milhões de metros cubicos. A energia disponível nesta primeira fase do aproveitamento será de 150 milhões de Kilowatts hora.

Registaram-se: 4.600 metros cubicos de escavações em galerias e poços; 116.000 metros cubicos de escavações a céu aberto e 13.000 metros cubicos de escavações em limpeza de pedreira. E foram empregados: 100.000 metros cubicos de betão, na barragem, na Portela e noutros trabalhos; 32.000 metros quadrados de moldes planos e curvos e 230 toneladas de ferro em armaduras.

Estes numeros só poderão ter o seu verdadeiro significado se se atender ao local onde os trabalhos se realizavam, ás dificuldades de acesso e do meio, e ás deficiências, quer nos abastecimentos para o pessoal que vivia nas obras, quer ainda no fornecimento de sobresselentes para máquinas e de ferramentas.

Todas as quantidades de trabalho referidas foram executadas em cerca de 32 meses, a que haverá ainda que descontar 6 meses de paralisação dos trabalhos por causa duma cheia. Poder-se-á, assim, imaginar o que teve de realizar-se em velocidade e em sacrifícios de toda a ordem. E, durante aquele tempo, não houve só que realizar aquelas quantidades de obra, mas também que transportar por barco, de diversos pontos do Mundo, por caminho de ferro, desde a cidade da Beira ao apeadeiro de Bandula, descarregar neste, onde os meios mecanicos não existem, transportar em camião até ao estaleiro da Chicamba, montar e pôr em funcionamento centenas de toneladas de material, no valor de 30.000 contos e que constituiram os grandes meios de acção da obra.

Como se isto não bastasse, a aumentar as numerosas dificuldades encontradas pela Companhia Intercontinental de Construções, Ld.ª, aconteceu que em princípios do ano de 1958, excepcionalmente pluvioso, sofreu a obra uma cheia que paralisou completamente os trabalhos durante um período de seis meses. Esta circunstancia acrescida ao facto das quantidades iniciais de trabalhos previstos terem sido substancialmente incrementadas por motivos diversos, forçou o empreiteiro a reforçar os meios de acção do estaleiro da Chicamba com novos equipamentos, no valor superior a 5.000 contos.

Com esta medida, á qual a concessionária deu o seu inteiro apoio, foi possível evitar-se á Sociedade Hidro-Eléctrica do Revué, S. A. R. L., quaisquer prejuizos resultantes de não ter sido possível fazer armazenamento de água na época prevista. Assim, mercê dos esforços da firma construtora, do material com que foi possível equipar a obra e de grandes sacrifícios financeiros, conseguiu-se evitar os danos que adeviriam se a Sociedade Hidro-Eléctrica do Revué não pudesse cumprir o programa dos fornecimentos de energia á Rodésia e á Niassalandia.

Para se fazer uma ideia das dificuldades vencidas basta lembrar-se que se puseram ao empreiteiro os mais diversos problemas, desde o abastecimento em géneros e em água potável ao estaleiro até á falta de um telefone que nunca foi possível ter na obra apesar de constituir um meio tão indispensável á realização destes trabalhos como uma estrada ou um caminho de ferro. A estação de correios mais próxima era a de Vila Pery, a 70 kms. da obra e, sempre que havia de estabelecer comunicação desta com o exterior era necessário que alguém se deslocasse áquela vila. Situada a 300 kms. da Beira, a obra só a partir dos princípios de 1958 teve uma ligação por estrada que assegurasse passagem, durante todo o ano, pois até essa data, alguns dias houve em que a ligação só era possível efectuar-se tomando caminhos improvisados.

Outro aspecto a destacar: a falta de qualquer outro centro onde se pudesse abastecer a obra de peças sobresselentes, obrigou a Companhia Intercontinental de Construções, Ld.ª a manter em «stock», nos seus armazéns de Chicamba, valores de sobresselentes que muitas vezes ultrapassaram largamente a verba de 6.000 contos, além dos elevados armazenamentos de materiais de consumo destinados á obra, como cimento, combustíveis, etc. E, apesar da cidade da Beira estar em pleno desenvolvimento foi necessário ainda recorrer aos centros da Europa e cidades vizinhas da Rodésia, para o fornecimento de materiais indispensáveis á boa marcha dos trabalhos. A menor distancia dos centros de abastecimento da Rodésia era, porém, contrabalançada pelas formalidades inerentes á passagem de uma fronteira, conquanto houvesse sempre a melhor boa vantade dos respectivos serviços, em ajudar a obra que se estava a realizar em Moçambique. Para dar ideia do que foram estes esforços e despesas do empreiteiro, basta dizer que chegou ao ponto de fretar um barco para mais rápido transporte desse equipamento, que houve que recolher em diversos portos da Europa, e o qual, pelas suas dimensões, não conseguia praça nos transportes normais com a rapidez que seria para desejar, tratando-se de uma obra tão urgente.

eVncidas porém, todas estas contrariedades chegou-se ao fim construindo uma obra que muito honra a engenharia portuguesa. O notável aproveitamento hidroeléctrico da Chicamba Real, dispondo de uma barragem de grandes proporções — a que foi dado o nome de Salazar — constitui mais um elemento de valorização de Moçambique. A economia desta província portuguesa da Africa Oriental tem, assim, nas obras do Revué um instrumento relevante de progresso, apto a acompanhar com novas realizações a expansão das actividades locais, no povoamento de áreas vitais de valorização, na industria e no incremento da agricultura e do comércio locais. E ao mesmo tempo, constitui este empreendimento um factor de prestígio, que pode vir a ter alcance considerável pela participação de Moçambique no desenvolvimento económico das áreas vizinhas do «hinterland» rodesiano. A importancia das realizações já executadas e das suas perspectivas futuras justifica a significativa presença do sr. ministro do Ultramar na inauguração da presente fase dos trabalhos do Revué.

DESPORTOS

(Continuação da 6.ª página)

e para equipas classificadas nos três primeiros lugares.

RAGUEBI — No Estádio Nacional, ás 11 horas, disputa-se a final da «Taça de Portugal», sendo adversárias as equipas do Belenenses e do Benfica.

REMO — Sob a organização do Clube Naval de Lisboa e com o patrocínio da Federação Portuguesa de Remo, disputam-se, amanhã, a partir das 10.30 horas, as regatas (6) do campeonato regional de juniores e do «Dia Olímpico», a que concorrem tripulações da Associação Naval de Lisboa, A. N. 1.º de Maio, Clube Naval de Lisboa, Ginásio C. Figueirense, Grupo Desportivo da C. P., G. D. da C. U. F. e Liga dos Antigos Graduados da M. P.

TÉNIS DE MESA — O Campeonato de Lisboa, individual, de infantis (pares-masculinos), tem a sua segunda jornada, na mesa do Benfica, ás 10 horas.

TIRO A CHUMBO — No stand do Lumiar, o Clube Português de Tiro a Chumbo faz disputar uma prova de «skeet» (handicap), a 25 pratos. A competição principia ás 15 horas.

— A Associação dos Bombeiros Voluntários do Estoril faz disputar, com início ás 10 horas, no stand do pontão, um torneio de tiro aos pratos, dotado com valiosos prémios.

VELA — Integrado nas festas comemorativas do 44.º aniversário do S. Algés e Dafundo, a sua secção de vela promove, amanhã, em frente da ponta oeste da doca de Pedrouços, ás 10.30 h., um festival que inclui regatas de «sharpies», de 12 m², «snipes», «vougas», «finns», «moths» e pequenos barcos de cruzeiro — realizando estes a sua primeira regata.

— O Ginásio Clube do Sul realiza, amanhã, a partir das 14 horas, regatas para «sharpies» de 12 m.², «vougas» e «snipes», incluidas nas festas de S. João Baptista.

O 21.º ANIVERSÁRIO

do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra

COIMBRA, 20 — O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra comemora amanhã o 21.º aniversário com um almoço de confraternização, presidido pelo sr. prof. dr. Paulo Quintela, no qual se reunem os actuais e antigos componentes do notável conjunto artístico espalhados pelo País e pelo Ultramar.

A convite do Instituto Délfico, o T.E.U.C. tomará parte no encontro deste ano, em Inglaterra, dos grupos universitários europeus de teatro, apresentando a tragédia grega «Antígona», aqui apresentada, com extraordinário êxito, na versão integral.

Instituto de Odivelas

Abre amanhã, ás 15 horas, a exposição de trabalhos escolares das alunas do Instituto de Odivelas.

21 MIL CONTOS

possível receita

do combate para o título mundial dos «pesados»

NOVA YORK, 20 — A cinco dias da realização do combate de boxe entre o campeão mundial dos «pesados», Floyd Patterson, e o seu mais directo adversário, o campeão da Europa da mesma categoria, Ingemar Johansson, da Suécia, em cuja luta se encontra em jogo o título mundial, apurou-se já a receita de 400.000 dólares (cerca de 12 mil contos), proveniente da venda dos bilhetes—segundo foi revelado.

Com esta perspectiva, julga-se que até ao dia do combate a receita se eleve até aos 600 ou 700.000 dólares (á roda de 18.000 e 21.000 contos respectivamente), correspondente a uma assistência de mais de 40.000 pessoas, para os 65.000 lugares do Estádio Madison Square Garden.

O preço dos bilhetes oscila entre 5 e 100 dólares. — (A. N. I.).

Jantar de homenagem

ao presidente da Mobil Oil

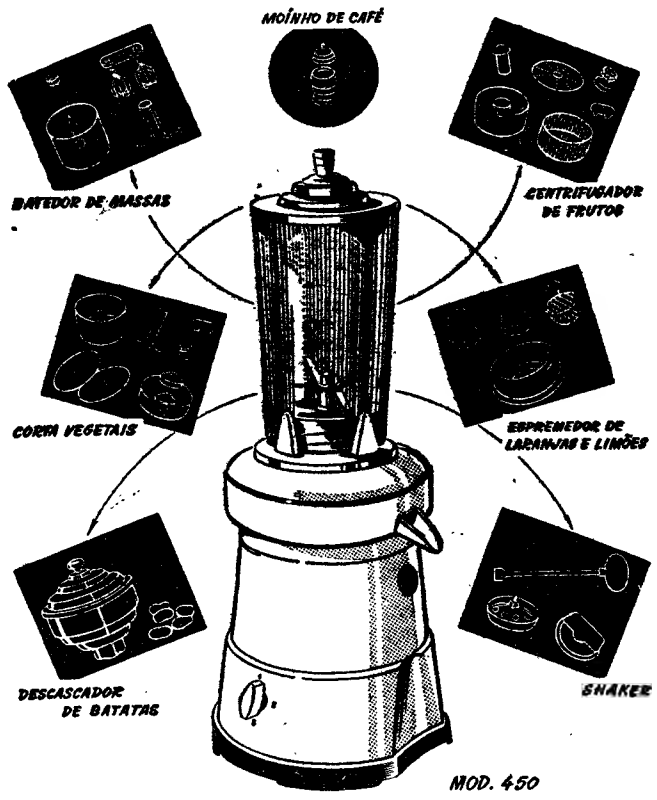
Ao engenheiro Anselmo Pinto Basto, presidente do conselho de administração da Mobil Oil Portuguesa, que completou 35 anos ao serviço daquela empresa, foi oferecido um jantar de homenagem, em que tomaram parte além dos membro do conselho de administração srs. J. E. Fricker Jr., eng.º José Frederico Ulrich, dr. Abel de Andrade Jr., Andrew Marnoch, José Teles e António Valadas; os srs. brigadeiro Anselmo Vilardebó e Julio Vasconcelos Alves, do conselho fiscal; dr. F. de Medeiros Canto, T. Mouta Felgueiras, dr. João Pedro Bourbon, Dinis de Ayala e eng.º R. Sottomayor, funcionários superiores, e representantes dos diversos sectores da empresa.

O sr. J. E. Fricker Jr., administrador-geral evocou a longa carreira do homenageado, a sua dedicação, a sua correcção, a tenacidade e o bom senso com que sempre orientou a vida da Companhia, conduzindo-a á importante posição que ocupa no quadro das nossas actividades económicas, á sua generosidade, á sua vida de trabalho, e ao seu espírito desportivo e activo. E, depois de salientar que, servindo a Companhia, o eng.º Pinto Basto tem sabido, simultaneamente, servir o País desenvolvendo uma empresa que, no campo social e na sua contribuição parao desenvolvimento técnico nacional, pode ser apontada como um exemplo, tendo, sempre que foi necessário, contribuido com o maior patriotismo para a satisfação das necessidades do País principalmente em crises de abastecimento durante certos períodos, nomeadamente durante a guerra, conflito do Suez, etc., entregou-lhe o emblema de 35 anos de serviço.

O sr. eng.º Anselmo Pinto Basto agradeceu a homenagem, saudando todo o pessoal da Companhia ali representado, desde Lisboa a Angola, do Porto ás Lajes e Santa Maria, recordando a contribuição por todos generosamente dada para o progresso da empresa, que tanto facilitou a sua missão e tem rodeado a sua vida profissional de tantas amizades.

TURMIX

BATEDORES



Distribuidores Gerais: **MARÇAL CORREA, LDA.**
Rua Serpa Pinto, 15, 5.º, Esq.º, (com elevador), Tel. 26076
LISBOA

Gabriel

AMORTECEDORES
DE ACÇÃO
DUPLA
TIPOS
NORMAIS
E REFORÇADOS

C. SANTOS LDA.
LISBOA · PORTO
COIMBRA · BRAGA · OLHÃO

EM BOM LOCAL DE LISBOA

bonito prédio, acabado de construir, acabamentos excepcionais, todo revestido a marmorite, entrada a mármore, isento 6 anos, está todo alugado e rende cerca de 65 contos. PEÇO 950 CONTOS, sujeito a oferta. NORTENHA — Praça da Alegria, 58, 2.º — Telef. 366731.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

Casa Nova de Mariscos

fornece todas as qualidades. Venda nos viveiros e no mercado. Façam os pedidos para estes numeros: 089249 e 081144.

VINHO DE

COLARES V. S. (Visconde de Salreu)

O Melhor entre os melhores
Grandes Caves em Colares
Ramisco Engarrafado
e
Chão Rijo em Garrafões

D. J. SILVA, LDA.
R. Barata Salgueiro, 15-1.º
Tel. 47154 — Lisboa

À venda nos bons estabelecimentos

CAMPANHA DE VERÃO

NOVOLAR

R. Ferreira Borges, 139 — Av. Almirante Reis, 143-C

Concede o desconto de

10 %

e ainda um brinde no valor de

100$00

em todas as compras de

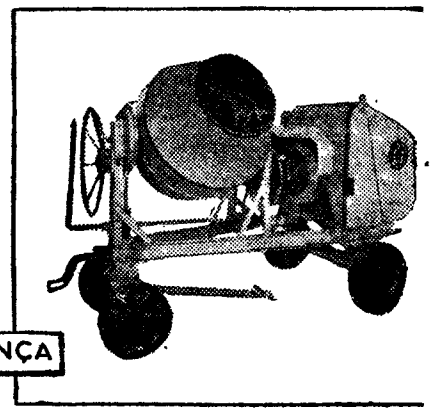
FOGÕES E ESQUENTADORES

a gás, hulha e «Cidla»

Também, por motivo de obras, concederemos grandes descontos em todos os outros artigos

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM
GUINCHO
DE 180 E 210 L.
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO

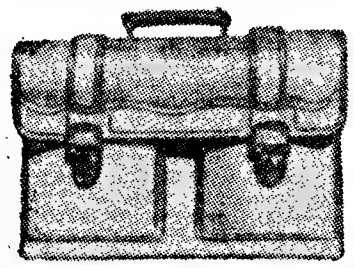


A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 8 — LISBOA — TELEFONES: 21710/8/9
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO OURO, 38 — LISBOA — TELEF. 66 47 88

PASTAS



30 anos de fabrico todos
os modelos fornece ao comércio
R. Madalena 97

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587
Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.as, 4.as e 6.as), 16 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sifilis (2.as, 4.as e 6.as), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.as, 5.as e sáb.), 15 h
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas

LIXAS

PARA TODOS OS FINS

HAVAS

HERMES

REPRESENTANTES

MOTA & TEIXEIRA, L.da

PORTO — RUA DUQUE LOULÉ, 137
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-5.º

segredo alma do negócio!

NA

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Há Protecção e valorização do s/ capital

COMPRA VENDA HIPOTECA DE PROPRIEDADES ✱ HIPOTECA S/ AUTOMÓVEIS SEGUROS ✱ TRANSACÇÕES RAPIDAS COLHAM REFERÊNCIAS

PORTO — LISBOA

PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º-TELFS. 26706-30181 ★ PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º-TELFS. 366812-366731

Praias, termas e campo

Não esqueçam!

De levar nas suas malas os imprescindíveis produtos «INDIANA», para a boa limpeza e conservação dos seus chiques calçados, pois são os melhores que garantem a sua duração e beleza.

Todo o mundo elegante os prefere.

Depósito: Travessa de Santo Antão, 16-18 (junto ao edifício dos Correios)
Telefone: 27424

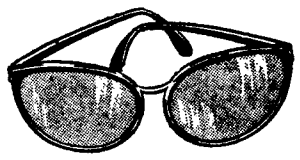
CHÁ DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUINO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Persol



Como sabe, os nossos olhos são extremamente sensíveis á luz fortíssima do Sol nesta época. O nosso dever, portanto, é defendê-los tanto quanto possível, usando **ÓCULOS DE ABSOLUTA CONFIANÇA**. Os óculos **PERSOL**, de vidro trabalhado, isento de defeitos, são óculos a quem pode confiar a riqueza dos seus olhos! **A' VENDA SÓ NOS OCULISTAS.**

Instalações — Precisam-se

Stand com grande cave e andar por cima, de preferência esquina, local central, depois de Novembro. Resposta a este jornal, ao N.º 715.

ALVISSARAS

Dão-se a quem entregar brinco com brilhante grande e um pequeno, perdido no domingo passado da Av. Praia Vitória ao Cinema Tivoli. Polícia avisada. Informar Av. Praia Vitória, 75, 4.º, Esq. Telef. 43386.

NA AJUDA

Magnífico gaveto, de construção moderna, estrutura em cimento armado, frente e trazeira revestidas a marmorite, isento, 9 inq. seleccionados, rendas estáveis, todos os requisitos e rende cerca de 105.000$00. PREÇO 1.600 CONTOS, sujeito a oferta. NORTENHA — Praça da Alegria, 58, 2.º — Telef. 366812.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

esta «indigestão», algumas vezes de origem nervosa, psíquica, nada tem de comum com o processo ulcerativo, com as ulceras gastrintestinais, referidas em notas anteriormente publicadas. O tratamento de tão inesperadas situações, vulgares na Primavera e no Outono, isto é, nas mudanças de estação, impõe, em primeiro lugar, o jejum terapêutico, aconselhado e usado desde os tempos bíblicos por Moisés, «homme de Dieu», em suas notáveis leis médicas e terapêuticas, dietéticas (Levítico XI, 4 a 44). Tais leis, sempre actuais, eternas, aconselham igualmente a selecção de alimentos (Levítico XI, 3 a 22).

O jejum terapêutico, após o esvaziamento do estômago (vómito, lavagem) consistirá na ingestão de pequenas quantidades de água, fervida e açucarada, ou chá, durante mais ou menos vinte-e-quatro horas.

Ninguém morre de fome, e os campos-santos estão «cheios de barrigas cheias», usa dizer o povo, com carradas de razão e de bom-senso.

A dieta hipocalórica, a seguir ao jejum terapêutico, tem especial relevo e importancia.

Este regime é fácil de organizar: alimentos de consistência pastosa, pouco resistentes e nada irritantes, fraccionados, temperatura normal. O leite deverá ser banido deste tipo de dieta. Porquê? E' que diminui o tono e a secreção. Consistirá em torradas, biscoitos, bolacha de água-e-sal ou «healthy-life», arroz com um pouco de cenoura, uma colher de sopa de levedura alimentar vitaminada, óleo de germe de trigo (uma colher das de sobremesa), fruta cozida e geleia.

Refeito do estado de choque, o doente transitará, aos poucos, para a ração normal e de trabalho.

Todos estes conselhos são dados (e defendidos) pelo professor W. C. Alvarez, conselheiro técnico da célebre Clínica Mayo, que todas as semanas informa o publico, numa crónica médica cheia de interesse e sabor, admirável de precisão científica, no quotidiano «Los Angeles Times», de Los Angeles (Califórnia).

Tais doentes sentem, por vezes, ligeira dor e queimadura na parte superior do estômago, com irradiação para o esófago (pirose).

Esta sensação, segundo a opinião de alguns autores, encontra-se relacionada com a regurgitação do conteudo gástrico para o esófago (terminações nervosas sensitivas e espasmo intermitente do piloro).

Sucede que o processo agudo (caso relativamente frequente) se instala em indivíduos com gastrite (estado precário da mucosa, hipersensibilidade e aumento ou diminuição da secreção gástrica).

Convém, então, associar, na ração destes doentes, prótidos (clara-de-ovo, iogurte bévita e outros elementos) que têm a propriedade de se combinarem fácilmente com o ácido clorídico em excesso. Os glucídos dificultam o processo digestivo. A lactoproteína concentrada, isenta de gordura e cloreto de sódio, é um alimento de alto valor biológico, util nestas situações. As vitaminas A e C acham-se incluídas no livro «Diets in use at St. Thomas's Hospital» (Londres, 1959).

Estão particularmente indicados o iogurte com açucar, queijo fresco do dia, puré de abóbora e de cenoura, massa cozida e esmagada, caldos de trigo e arroz, pão integral com tartex e também frutas cozidas e em calda de açucar.

Outro mal que atormenta, em particular, as mulheres é a constipação verdadeira, provocada por alterações da motricidade intestinal ou de tipo mecanico, alterando o ritmo da evacuação normal. Quantos vendavais caseiros e lares desfeitos se relacionam com este vulgar acidente patológico! Nos casos em referência, a matéria fecal encontra-se diminuida.

O regime a estabelecer para estes doentes terá por mira o aumento do conteudo e da excitabilidade intestinal

Torna-se indispensável ingerir alimentos seleccionados, ricos em celulose, azeite puro sem acidez, e lactose. Os vegetais e os frutos, cereais e seus derivados, devem constituir a base da ração. Preferível comer saladas cruas, ricas em celulose, que actuam sobre a mucosa intestinal. As ameixas, passas e ligos, em calda, ingeridas em jejum, fazem bem e aliviam.

Uma colher de sopa do tal azeite, com umas gotas de limão, em jejum, acelera os movimentos peristálticos.

A lactose, mercê do seu desdobramento, utiliza-se no combate á prisão-de-ventre (Courtois e Perles, «Précis de Chimie Biologique», Paris, 1959 e F. Bourlière, «Sénescence et Sénilité», Paris, 1959).

Os sumos de frutos (cura de uvas) são anticonstipantes. O chá de mate, quando tomado em jejum, tem vantagens há muito reconhecidas.

As sementes de linho e de psilo (capacidade inibitória) concorrem para o aumento e fácil progressão do bolo fecal.

Todo o tipo de ração que provoque excitabilidade neuromuscular do intestino deve ser fraccionado durante o dia.

Pequenas refeições, e repetidas, são mais uteis e incidem por via reflexa (Pavlov) sobre as contracções do intestino.

Na constipação do tipo espástico (contracções intestinais dolorosas), a ração deve ser diferente.

Nas diarreias, alterações na evacuação das feses, modificações de consistência, e ritmo de eliminação, de quantidade e composição, o problema é outro. Terá, acima de tudo, de obedecer ás actuais condições do enfermo, ao estado do órgão, antecedentes pessoais, evolução da enfermidade e fadiga nervosa patológica.

Aqui impõe-se, tal como no embaraço gástrico agudo, jejum terapêutico, dieta hídrica controlada, seguida de um regime de transição, destinado a colocar o enfermo em condições de receber, como sucedia posteriormente, alimentos de acordo com o estado fisiopatológico.

A dieta de frutos (dieta de Moro), quando ricos em pectina e tanino, é permitida.

Maçã crua, ralada, isenta da parte central e da casca, foi sempre usada em Portugal. O leite está posto de lado, devido á sua composição química. O leite e também os caldos de galinha, nem sempre inofensivos.

A' dieta tem de juntar-se a terapêutica anti-infecciosa, modificadora da flora intestinal. Deverá regular-se a integridade funcional da célula hepática, através de alimentos ricos em tiamina e riboflavinas.

Tudo, porém, corria melhor para a saude do individuo «quando a gula não conhecia ainda bem a multiplicidade de guisados cheios de especiarias, para lisonja do paladar e ruína da existência». Assim escrevia o dr. Francisco Tavares, no século XVIII, ao advertir os enfermos das «infrações danosas».

Leal conselho de um autor lido, escrupuloso, afinado pela experiência e pela observação quotidiana.

Viva muito, coma pouco!

A. d'E.

Instrução primária

para adultos

O Clube Desportivo e Cultural Lisbonense abriu um curso de instrução primária para adultos, atrasados nos estudos ou analfabetos, os quais se podem matricular, desde já ou durante as férias. As inscrições são feitas no Largo do Chão do Loureiro, 1-2.º (ao Caldas) e pelo telefone 862244, havendo lições das 9 ás 23 horas.

«Diário de Lisboa»

Assinado pelo presidente da Camara Municipal de Azambuja recebemos um ofício de agradecimento pelo destaque dado pelo «Diário de Lisboa», á XI Feira Pecuária de Azambuja e á inauguração do Hospital da Misericórdia.

O caso de agressão a bordo

de um paquete

O comandante-de-fragata, Santiago Ponce, comandante da Polícia Marítima, encarregou o agente Cerqueira de proceder a investigações sobre o caso da agressão praticada a bordo do «Pátria» pelo marinheiro Tertuliano Ventes Robalo e de que foram vítimas o piloto Armando Artur Soares Machado e o praticante José Manuel da Cruz Pacheco, que já foram ouvidos, assim como o marinheiro-timoneiro Eduardo Pereira Jacinto, que ia ao leme na ocasião em que se deu a cena.

O agressor também foi ouvido e declarou que não foi ele quem provocou a cena, pois apenas pretendeu defender-se do desejo que tinham de o atirar á água.

Esta versão, pelas investigações a que a Polícia procedeu e pelas declarações do marinheiro A. Jacinto, não pode, de forma alguma, corresponder á verdade. O agressor é um indivíduo com cadastro e são conhecidos nele actos que levam a acreditar que foi ele quem provocou a agressão sem motivos de legítima defesa.

O Tertuliano tinha alegado que o piloto o perseguia e que o havia retirado do leme do navio como medida de castigo. Não é verdade, porém, pois a substituição ao leme deu-se no momento em que o Tertuliano havia terminado o quarto de serviço. E' certo que o agressor deu provas de mau timoneiro, pois, anteriormente, tinha desviado em cerca de 8º o rumo do navio, o que obrigou o piloto a reforçar a sua atenção para evitar futuros erros.

Após a agressão, supondo-se que o Tertuliano estava embriagado, foi submetido a um exame que provou não estar sobre os efeitos do alcool. O agressor revelou o seu mau carácter logo a seguir á agressão perguntando se o piloto já tinha morrido. Não com remorsos pelo seu acto, mas com o desejo evidente de ver confirmado o seu desejo.

O Tertuliano vai agora ser submetido a um cuidadoso exame mental.

Grupos de arquitectos portugueses e estrangeiros estudam a futura sede da Fundação Gulbenkian

Encontram-se em Lisboa os arquitectos professores «sir» Leslie Martin, britanico, e Franco Albini, italiano, convidados pela Fundação Gulbenkian para, na qualidade de consultores, prestarem a sua colaboração aos três grupos de arquitectos portugueses encarregados de elaborar os anteprojectos para as futuras instalações da sede e do museu daquela instituição, a construir no Parque de Palhavã.

Com esse fim, permanecerão em Lisboa o tempo necessário para contactar com os arquitectos portugueses, incluindo os arquitectos prof. Carlos Ramos e Keil Amaral, consultores para a mesma obra.

«Sir» Leslie Martin, professor na Universidade de Cambridge, dirigiu o plano de Londres, e é o autor dos projectos do Royal Festival Hull, das Universidades de Londres, Leicester e Hull. O arquitecto Franco Albini é professor do Instituto Universitário de Arquitectura, de Veneza, e o autor dos planos gerais de Reggio Emília, Havano do Este, Museu Palazzo Bianco e Tesouro de S. Lourenço, de Génova.

O presidente da Fundação Gulbenkian, sr. dr. Azeredo Perdigão, ofereceu um almoço em honra dos dois arquitectos estrangeiros.

Colóquio infantil na Estufa Fria

Está aberta, na portaria da Estufa Fria, a inscrição para as crianças que desejem tomar parte no colóquio infantil, que se realiza amanhã, ás 18 horas, com a duração de uma hora. Os interessados devem apresentar-se 30 minutos antes do começo daquela realização artística e cultural, para ficarem entregues á guarda de professores, podendo as famílias esperá-las no final do colóquio. Este será um dos programas das «Tardes Culturais para a Infancia», promovidas pelo Município, cuja direcção foi entregue a Adriana De Vecchi.

TEATROS E CINEMAS

«Schiller e a mensagem romântica»

Realizou-se ontem, no Conservatório Nacional, a ultima audição dos alunos da secção de Teatro. Esta sessão teve uma feição diferente das anteriores, pois nela o Conservatório se associou ás comemorações do bicentenário da morte de Friedrich Schiller.

Antes de começar a cumprir-se o programa previsto, o dr. Ivo Cruz, na sua qualidade de director do Conservatório, falou da «sua escola, dos seus professores e dos seus alunos», congratulou-se com as actividades extraescolares da sua escola e terminou referindo a indispensável presença do Conservatório que aparece bem evidente no facto de figurarem alunos daquela escola em todos os elencos teatrais e em todos os conjuntos orquestrais, contribuindo para estes até os seus professores.

O dr. Fernando Amado entrou, finalmente, na sua anunciada palestra sobre «Schiller e a mensagem romantica» em que evocou o significado da obra do autor de «Guilherme Tell» na edificação de uma filosofia de teatro. Entramos, depois, na apresentação de cenas da tragédia «Joana d'Arc» (Die Jungfrau von Orleans).

Esta peça foi especialmente bem escolhida pois, tendo-nos dado o Teatro D. Maria II, essa faceta pouco transparente da obra de Schiller que é a do drama-burguês, podíamos agora ver o seu aspecto mais brilhantemente poético, o do drama histórico de que «Joana d'Arc» é um dos melhores exemplos.

Na interpretação, como é natural num nucleo qualquer de futuros actores, verificam-se todos os cambientes desde a jovem com jeitinho, que toma atitudes de estrela, passando pelo real talento numa fase mais ou menos equilibrada da sua evolução, até chegarmos á vocação total. E quando lá chegamos, o nosso prazer é ilimitado.

O dr. Fernando Amado parece ter «descoberto» em Irene Cruz a Joana d'Arc ideal. A jovem actriz eleva-se acima da sua frágil figura. Ganha um porte heróico, conquistado com uma rara sensibilidade e um poder dramático excepcional. E' preciso que este talento que se afirma não venha a perder-se. Um unico caminho se afigura possível entre nós: um verdadeiro e obcessivo amor do Teatro. A escola que conseguir suscitar e desenvolver esse amor será digna desse nome.

J. E. S.

(Continuação da 5.ª página)

no Coliseu, e que brevemente se começará a ensaiar.

—A actual companhia do Teatro Monumental, inaugura em Setembro a época teatral do Sá da Bandeira do Porto representando, entre outras as peças «Gigi» e «Eles, elas ..e os meninos».

—Estreia-se no próximo dia 3, em Elvas, o circo francês Prin Frères.

Primeiras exibições

«A deusa», no Eden

Neste princípio de Verão parece deslocado um filme como «A deusa», que merecia uma outra publicidade. A história é de Paddy Chayefsky, que veio da televisão, sendo assim de estranhar a lentidão do ritmo da película. Por outro lado, e apesar desta lentidão, não nos são dados todos os elementos do drama da actriz ou, pelo menos, faltam alguns essenciais. O filme aborda o tema sem o penetrar.

«A deusa» surge como uma exibição histriónica de Kim Stanley, da Broadway e da TV, que tem a mésma fisionomia estranha de Bette Davies mas que nos dá uma impressão desagradável nas sequências da juventude. Se o filme não é inteiramente conseguido, sobretudo em relação ás ambições que indica, tem um interesse muito excepcional, não apenas pelo argumento de Chayefsky e pela interpretação de Kim Stanley mas também pela realização de John Cromwell. Exacta a atmosfera de 1930 e muito certas a atmosfera de exaustão e desespero. As figuras, ainda que excessivamente simbólicas, têm um perfil incisivo, como o da mãe, do tio, do «boxeur». Mas se Kim Stanley não atinge uma interpretação magistral, revelando-se, no entanto, uma actriz notável, se a sua figura não é suficientemente rica de interioridade, se Cromwell e Chayefsky ficam no limiar de uma Hollywood que já vai sendo lugar-comum desmascarar, o filme tem um nível muito razoável e toma o publico.

Entre os documentários, um jornal de actualidades onde se revelam os sensacionais trabalhos de um cientista jugoslavo que consegue fazer reviver seres vivos longo tempo depois dos seus corações pararem com temperaturas baixissimas.—*Visor 70.*

O Circulo de Iniciação Coreográfica no Teatro S. Carlos

Principiam esta noite os anunciados espectáculos organizados por Margarida de Abreu, para a apresentação do seu grupo — o Círculo de Iniciação Coreográfica. Continuando inquebrantávelmente a missão que há anos vem a realizar, Margarida de Abreu tenta apresentar todos os anos um grupo mais evoluído a caminho da meta da perfeição. Este resultado, só possível de obter com a existência duma estrutura sólida, deve-se a um nucleo de artistas que souberam permanecer fiéis á sua causa, através de todos os reveses.

MARGARIDA DE ABREU

Figuram á frente do elenco Bento José da Camara e Elsa Masbaum, através de cuja carreira se processa a própria história do agrupamento, Manuela Fontes e Pedro Marcos, companheiros das primeiras horas, e ainda Manuela Varela Cid e Carlos Trincheiras, além de Fernando Mateus, Armando Jorge, Rena Castilho e Nuno Corte Real e dum numeroso corpo de baile que é um dos mais disciplinados do nosso meio.

Do programa da estreia fazem parte os «ballets» «Les Sylphides», «Ab initio», «Graciozo» e «Variações sobre um poema».

A direcção musical está a cargo do maestro Jaime Silva Filho.

WILMA VALERIA
admirável intérprete do folclore brasileiro, que está a actuar com grande êxito no Casino Estoril

A inauguração do Hotel Ritz

(Continuação da página central)

Arantes e Oliveira e Vicente da Silva, e construtores, Tojal & Behamonde e Manuel Nunes Tiago.

Entre os artistas representados, contam-se, Almada Negreiros, António Duarte, Barata Feio, Carlos Botelho, Lagoa Henriques, Bartolomeu Cid dos Santos, Calvet da Costa, Hansi Stael, Hein Semke, Joaquim Correia, José Farinha, Jorge Barradas, Jorge Vieira, Lino António, Louro de Almeida, Luís Filipe de Abreu, Martins Correia, Pedro Leitão, Querubim Lapa, Rogério Amaral, Sá Nogueira e Sara Afonso.

Entre os visitantes de hoje, estavam os srs. dr. Augusto de Castro, director do «Diário de Notícias»; Pedro Correia Marques, director de «A Voz»; monsenhor Avelino Gonçalves, director das «Novidades»; coronel Pereira Coelho, sub-director do «Diário de Notícias»; dr. Tavares de Almeida, chefe dos Serviços de Imprensa do S. N. I.; dr. Adolfo de Andrade, presidente do Grémio Nacional da Imprensa Diária.

Foi-lhes oferecido um almoço, presidido pelos srs. Manuel de Queirós Pereira e Georjes Marquet.

300 quartos e muitas lojas

O edifício do hotel é, sem duvida, um dos maiores existentes em Portugal, sendo a construção particular de maior volume e mais grandiosa que até agora se fez no nosso País. Ocupa um talhão de terreno delimitado, em todo o seu perímetro por avenidas e ruas e com uma superfície aproximada de 13.000 metros quadrados. O volume da construção é de 180.000 metros cubicos sendo, aproximadamente, de 8.500 metros quadrados a superfície total coberta e de 45.000 metros quadrados a dos pavimentos interiores. A altura máxima do edifício, em relação á Rua Castilho, é de cerca de 60 metros. Tem 123 metros de comprimento e 87 de largura nas dimensões máximas e a sua cota máxima, em relação ao nível do mar, é de 143 metros.

O edifício é constituido por um conjunto de corpos baixos, com 1 a 4 andares, e um corpo mais ou menos central, sobressaindo do anterior e correspondente a 11 andares.

No primeiro conjunto, agrupam-se os locais de vida colectiva dos hóspedes e o conjunto de instalações e serviços indispensáveis ao funcionamento do hotel; no segundo, os locais privados, isto é, os aposentos dos hóspedes, com os serviços que directa e exclusivamente lhes interessam; e na base deste há um andar especial, de pé direito mais reduzido, destinado ás instalações técnicas que servem os 10 andares superiores dos aposentos.

O hotel tem 300 quartos e a «Sodim» pensa, depois da sua inauguração oficial, completar o conjunto, com um bloco de lojas de elevado nível — as «Galerias Ritz» — a construir no terreno livre, situado no gaveto das Ruas Joaquim António de Aguiar e Castilho.

FOI PRESA
uma gatuna
que operava em igrejas

Pela Secção de Justiça da P. S. P. foi presa Cecília Teixeira de Almeida, a «Rata das Igrejas», quando, no templo de São Domingos, pretendia furtar a mala de mão a uma senhora.

A Cecília, que tem largo cadastro, confessou ter roubado, nos ultimos tempos, naquela igreja e nas de S. Nicolau e do Chiado, muitas malas de senhora, com dinheiro.

Num quarto que possuia na Rua da Rosa, foram apreendidos vários artigos, e os óculos graduados de que se servia e eram também furtados.

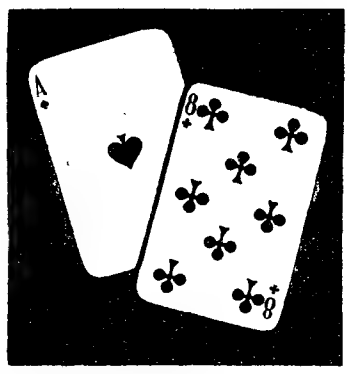
O HOTEL RITZ

DEU PREFERÊNCIA AOS CANDEEIROS DECORATIVOS DOS CONCEITUADOS FABRICANTES PLOCKER & ROCHA, LDA.

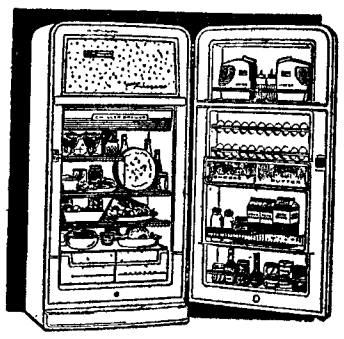
Regueirão dos Anjos, 82-84
Telefone 41978 — Lisboa

NÃO JOGUE A ESCOLHA DO SEU FRIGORÍFICO!

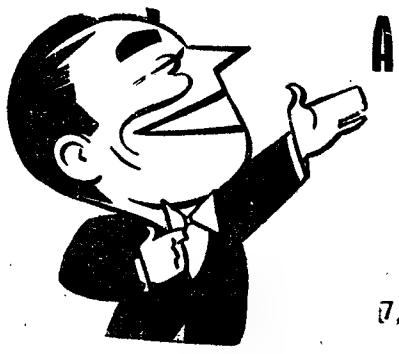
PHILCO



JÁ DEU PROVAS DA SUA
QUALIDADE
TÉCNICA
GARANTIA
FAMA



12 modelos diferentes desde 5.500$00



A pronto e a prestações suaves
COMPARE UM
PHILCO
NUM REVENDEDOR AUTORIZADO
REPRESENTANTES GERAIS
7, RUA ALEXANDRE HERCULANO — LISBOA
117, RUA SANTA CATARINA — PORTO

TRIBUNAIS

Foram condenados
os autores de furtos de automóveis

No 1.º Juizo Criminal, sob a presidência do corregedor sr. dr. Alves Pinto, foram julgados Carlos Maria Nobre da Silva, mecanico de automóveis; José Manuel Ferreira, empregado no comércio; Eduardo Valente Fernandes, também mecanico de automóveis; Mário Rodrigues da Silva, cortador; e Valdemar Fernando da Silva Amador, empregado de escritório. São acusados, os três primeiros de, nos meses de Fevereiro, Março, Agosto e Dezembro, do ano findo, terem roubado automóveis estacionados junto das residências dos respectivos proprietários, retirando-lhes valiosas peças e vários objectos e abandonando depois os veículos nas estradas; e os dois restantes de, em Agosto e Setembro de 1955, haverem roubado, igualmente, automóveis, que também abandonaram, depois de os terem utilizado em diversas paródias, com amigos.

Foram condenados, o primeiro, em 2 anos de prisão, 277 dias de multa a 30$00, 1.000 de imposto e mais 1.200$00 por guiar sem carta de condução; o segundo, a três anos de prisão maior, 787 dias de multa a 30$00, 1.000$00 de imposto e mais 2.000$00 também por falta de carta de condução; o terceiro, em dois anos de prisão, 272 dias de multa a 30$00, 1.000$00 de imposto e mais 1.000$00 pela falta do mesmo documento; o quarto, a três meses e quinze dias de prisão e a quatro meses de multa a 10$00 diários; e o ultimo, em seis meses de prisão e oito de multa a 10$00 por dia.

O Carlos, o José e o Eduardo foram ainda condenados no pagamento de várias indemnizações, no total de 42.300$00.

Condenado por lesar uma firma comercial

No mesmo Juizo Criminal, presidido pelo juiz sr. dr. António de Almeida Moura, respondeu o agente comercial António Peixoto Pinto, representante em Lisboa de uma firma do Porto, sob a acusação de a ter lesado em 85.000$00. O réu, que era defendido pela sr.ª dr.ª D. Emília Fernandes, foi condenado em 18 meses de prisão correccional, 1.000$00 de imposto, ficando a pena suspensa por três anos, se no prazo de 6 meses indemnizar a firma queixosa na importancia de vinte contos.

Arguidos no mesmo processo, responderam e foram absolvidos Luís Rogério Vieira e Manuel Antunes.

Necrologia

Dr. José Chaves Ferreira

Para jazigo de família no cemitério dos Prazeres efectuou-se hoje o funeral do sr. dr. José Chaves Ferreira, médico muito distinto, que gozava das maiores simpatias pelas suas nobres qualidades de carácter e pela afabilidade do seu trato, e de cujo falecimento, ocorrido anteontem, não se deu notícia a pedido da família enlutada. Apesar disso, o funeral do sr. dr. José Chaves Ferreira constituiu sentida manifestação de pesar, a que se associaram numerosos amigos e colegas do extinto, directores do Banco Português do Atlantico, do qual era presidente do conselho fiscal, e pessoal da Camara Municipal, onde o sr. dr. Chaves Ferreira desempenhava, com muita competência, o cargo de chefe da Repartição dos Serviços de Salubridade.

O extinto, que contava apenas 51 anos de idade, formou-se pela Faculdade de Medicina de Lisboa e especializou-se em Dermatologia em Viena de Austria, sendo um dos primeiros dermatologistas que entre nós puseram em prática modernos processos de tratamento. Era filho do antigo ministro, major António Bernardino Ferreira, já falecido, e da sr.ª D. Cristina Chaves Ferreira; casado com a sr.ª D. Margarida Pires Correia Ferreira Chaves e irmão dos srs. dr. Pedro Ferreira Chaves e Armando Ferreira Chaves e da sr.ª D. Maria de Lourdes Ferreira Chaves. Deixa três filhos, João, Pedro e Carlos, respectivamente de 21, 18 e 12 anos de idade.

À ilustre família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» a expressão do seu profundo pesar.

Tratou do funeral a Agência Barata.

Amadeu de Magalhães Meneses

Faleceu hoje o sr. Amadeu de Magalhães Meneses, de 66 anos, natural de Barqueiros do Douro. Era contramestre reformado dos Caminhos de Ferro do Estado.

Deixa viuva a sr.ª D. Gualdina de Magalhães Meneses e era pai do eng.º Fernando de Magalhães Meneses, irmão do dr. José de Magalhães Meneses e tio do dr. José Fernando Magalhães Meneses.

O funeral realiza-se amanhã da Rua do Cardal a S. José, 30-1.º, para o cemitério do Lumiar.

D. Maria Rita de Oliveira Pinto da França Falcão Trigoso

Faleceu a sr.ª D. Maria Rita de Oliveira Pinto da França Falcão Trigoso, de 81 anos, natural de Lisboa, viuva, mãe da sr.ª D. Maria Bernardina da França Falcão Trigoso Mariano de Carvalho e do sr. Leonardo de Mello Falcão Trigoso. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João. Ás 9 horas, será celebrada missa de corpo presente.

SUFRAGIOS

D. Cristina Antunes da Silva Pinto

Horácio Silva Pinto, Angelina Silva Pinto e Silva, seu marido e filho, participam ás pessoas das suas relações e amizade que na próxima segunda-feira, dia 22, pelas 9 horas, no altar-mor da igreja dos Mártires, será rezada missa do 7.º dia pelo eterno descanso de sua muito saudosa mãe, sogra e avó.

Foi descoberta
uma industria clandestina de enchidos

Recentemente, a G. N. R. do posto de Rio Frio autuou José Alberto Travassos Aranha, mais conhecido pelo «Zé Café», residente no Montijo, por ali estar a vender toucinho impróprio para consumo, que as autoridades sanitárias mandaram inutilizar, sendo os autos remetidos aos serviços de fiscalização da I. G. A. para instrução preparatória.

Há dias, uma brigada daqueles serviços, quando procurava o mesmo indivíduo, no Montijo, para ser ouvido nos referidos autos, descobriram-no a trabalhar numa casa nos confins da vila, onde tinha montado um fabrico clandestino de enchidos.

Além da falta de alvará sanitário e de licenças municipais e dos organismos competentes, verificou-se ainda, que a casa onde o fabrico funcionava, autêntico pardieira, não tinha os mais elementares requisitos de higiene e estava repleta de imundície

A I. G. A. preocupa-se, agora, em descobrir a origem das carnes de porco utilizadas pelo José Alberto Travassos Aranha, suspeitando de serem provenientes de matança clandestina.

VIDA SOCIAL

JOÃO DAMASCENO COVÃO

No avião da T. A. P., chega, hoje, a Lisboa, pelas 23 e 45 horas, o sr. Damasceno Covão, sócio-gerente da Robbialac Portuguesa, que viaja acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Pereira, do seu secretário, sr. Eurico Surgey, e do delegado de vendas, sr. Fernando Madeira, conhecidos nadadores do S. A. D.

O sr. Damasceno Covão, acaba de realizar uma larga viagem a Angola, Moçambique e S. Tomé, onde promoveu um estudo sobre as possibilidades que estes mercados oferecem á sua industria. Simultaneamente, acompanhou a caravana artística da Robbialac, que naquelas províncias realizou uma série de espectáculos.

VIDA ARTISTICA

Júlio de Sousa expõe no S. N. I.

Na sala do rés-do-chão do Palácio Foz, esta tarde, inaugurou-se uma exposição do artista Julio de Sousa.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O actor António Pinheiro ia ser homenageado e recordava no «Diário de Lisboa» de 20 de Junho de 1929 a peça «Casa em Ordem» em que conseguiu, no D. Amélia, o perfeito ambiente de um «home» britanico e em que todos os intérpretes eram perfeitos. Por tal foi felicitado pelo grande João Rosa, então já retirado e assistindo á representação num camarote. E acerca do «papel» na peça representado por António Pinheiro, disse João Rosa: «E' um destes «papéis» que têm de ser representados para dentro. E, o que não disse o grande João Rosa, um daqueles que também a ele lhe distribuiam».

EFEMÉRIDES

No dia 20 de Junho de 1819 chegou a Liverpool o primeiro vapor transatlantico.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 18: Noticiário e danças; 18 e 45: Rádio rural; 19. Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Ás 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Franck Pourcel; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo: Terras de Angola; 23 e 30: Danças: 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — Ás 19: Temas portugueses; 19 e 15: Cantata «A Tentação do Santo António», de Wermer Egk; 19 e 40: «Seis Visões Fugitivas», de Prokofieff; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Primeiro programa do Festival da Holanda de 1958; 20 e 20: Musica de órgão: «Preludio e fuga em lá menor»; «Coral n.º 1, em mi maior», de César Franck; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Concerto pelo Coro Harmonia; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: As sonatas de Mozart: «Sonata, em lá maior», ao piano Carl Speelmann; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: «Assim falou Zaratustra», poema sinfónico de Richard Strauss; «Prece de Isabela», da ópera «Tannhauser»; e «1812» de Tchaikowsky; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — Ás 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 18 e 45: Diálogos do Olavo; 19 e 15: Conjuntos; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Nilla Pizzi; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 30: Baile.

Estação de Miramar — Ás 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Orquestras e canções; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, Horizonte do Mundo; 19 e 45: Solistas modernos; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Canta Gregório Barrios; 21 e 50: O pianista iCarmen Cavallaro; 22: Canções italianas; 22 e 20: Musica espanhola; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 horas, abertura; 21 e 2, O que vai pelo Mundo; 21 e 10, «Hans regressa a casa», filme para crianças; 21 e 30, Bibi Ferreira, num programa de Fernando Frazão; 21 e 50, Santos Populares em Alfama (resultados do concurso de quadras populares); 21 e 25, Actualidade desportiva; 21 e 55, um episódio da comédia «O Regresso», de Armando Vieira Pinto (interpretação de Fernanda Borsatti, Paulo Renato, Tomaz de Macedo, Cristina Pavão e João Lourenço — Realização de Herlander Peyroteo); 22 e 50, noticiário e actualidades; 23 e 10, canções pela artista cubana Xiomara Alfaro; 23 e 30, encerramento da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E. Tel 782532, Vicente — Estrada de Benfica. 466-A. Tel 782606. Alegria — Estrada de Benfica. 180-A-B. Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n. 15 á Avenida Gomes Pereira. 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras. 202-B Tel 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência ao Rego. 91. Tel. 773728. Patuleia. Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124. Tel 779332. Cabrita — Campo Grande. 220-222. Tel. 772397. Zil — Avenida da Igreja 9-D Tel. 778380 Lusitana — Avenida de Roma. 18-A. Tel. 725443; Chinde - Rua Agostinho Lourenço. 6-B. 710331. S. Miguel — Praça Francisco de Morais. 1. Tel 771469. Providência—Rua D. Filipa de Vilhena. 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego). Tel 77034. Sagres—Av. Luis Bivar 69-71 Tel. 37213. Latina Av António Agusto de Aguiar. 17-A. Tel 42312. Sá da deira. 36. Tel. 41961. Fonseca—Largo D. Estefania. 4-5. Tel 54808. Ascensos Ld.ª—Rua Lote 48. Bairro da Encarnação Tel. 388172. Freitas — Rua Zófimo Pedroso 113 Tel. 381136. Marluz — Calçada da Picheleira. 140-B/C. Tel P. P. C. 720703-728395. Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro. 36. Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça. 38-A-39 Tel 862909. Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque. RSV Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria. 22-A/B. Tel. 723965; Antolin. Ld.ª — Avenida Almirante Reis. 88-B/C. Tel. 44173. Guerra — Rua Andrade. 32-36 Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado. 20-A. Tel. 844361. Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca. 153. Tel. 683438; Salutar — Rua B. 75-A-B (Bairro da Liberdade) 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres. 8-D. Tel 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514 Tel 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges. 30. Tel 660955; Micael — Rua de S. Bento 380-382. Tel 662162; Neves Suc. — Rua da Bela Vista á Lapa. 37 Tel 661251 Higilux—Rua de Pedrouços. 50-52. Tel 610280. Mendes Gomes — Calçada da Ajuda. 222. Tel 638256; Botanico-Química Ld.ª — R da Junqueira 38-40 Tel 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara 5-A. Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta. 24 Tel. 663117. Açoreana — Largo do Conde Barão. 2. Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto 71 Tel 23631. Luís Magalhães — Rua de Santa Marta. 15-A-B. Tel. 46490; Salix Ld. — Rua Barata Salgueiro 54 Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores. 18 Tel 30927 Normal — Rua da Prata 220 Tel 21342 — A — : Celta — Rua Moura Girão 3-B. Telefone 710621.

MARÉS

PREIA-MAR: hoje, Lua cheia, ás 15 (altura 4m,27); amanhã, ás 3 e 26 (altura 4m,14). BAIXA-MAR: hoje, ás 20 e 51 (altura 0m,60); amanhã ás 9 e 8 (altura 0m,63).

ORDEM DOS MÉDICOS

Na Faculdade de Medicina, ás 21 horas, reunião da Ordem dos Médicos.

CONCERTOS

A's 21 e 30, no Conservatório Nacional, realiza-se um concerto «Pró-Arte», em que colabora a pianista Angelas Presutto da Gama.

MOTORES BRIGGS & STRATTON GASOLINA PETROLEO
MOTORES E SOBRECELENTES
ENTREGAS IMEDIATAS
*
REPRESENTANTES
G. SANTOS LDA.
DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA
TRAVESSA DA GLÓRIA - 19
LISBOA

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá, esta noite, festas associativas, entre outras nas seguintes agremiações: Sociedade Promotorade Educação Popular, Casas do Concelho de Gouveia e do Alentejo; Lisboa Clube Rio de Janeiro, Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, Liga dos Melhoramentos e Redeios dec Algés, Sociedade Musical União do Beato, Academia Recreativa Leais Amigos, Clube Operário de Futebol, Estrela Azul F. C.; amanhã, á tarde: Casas do Algarve, do Minho, das Beiras, da Covilhã e da Comarca de Arganil; Sociedade de Instrução Guilherme Cosoulí Estrela Azul F. C., Sociedade «Ordem e Progresso».

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «O processo de Jesus»
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».
A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Mulheres á vista».
MARIA VITORIA — A's 21 e ás 23 — «Arraial de Lisboa».

CINEMAS

TIVOLI — «A caminho das terras de Oregão»
S. LUIS — «Laila»
S. JORGE — «Só ficou a saudade».
IMPERIO — «A loira ciumenta».
EDEN — «A deusa».
POLITEAMA — «Luta sem tréguas».
MONUMENTAL — «O tunel do amor».
ODEON — «Marca do chicote».
CONDES — «A Leste do Paraiso».
ROMA — «Desfolhando a margarida».
AVIS — «A cidade do amor».
ALVALADE — «Laila».
CAPITOLIO (Terraço) — «Tempos modernos».
OLIMPIA — «A rapariga do quarto 17».
PAVILHÃO — «A túnica».
RESTELO — «Olhos negros».
ESPLANADA PORTUGALIA—«Aldeia em fuga»
IDEAL — «Safari».
JARDIM — «Rumo ao Sol».
PROMOTORA — «Manequins de Paris»
S. JOSE' (Sacavém) — «A lei da violência».
CAMPOLIDE — «A fonte dos amores».

CAMPANHA

para obtenção de fundos

destinados a urbanizar

o campo da batalha de Aljubarrota

Comemorando o aniversário do nascimento de D. Nuno Alvares Pereira e no prosseguimento da patriótica acção promovida pela Mocidade Portuguesa, com o fim de angariar fundos destinados á urbanização do local da capela de S. Jorge, em Aljubarrota, vai realizar-se em todo o País, desde amanhã até o dia 28, um movimento que consistrá na venda de vinhetas aos automobilistas que utilizam os parques de estacionamento. Essa venda será feita por guardas da P. S. P. O preço de cada vinheta, para colocar nos automóveis, é de cinco escudos e a aquisição é facultativa.

Rancho folclórico

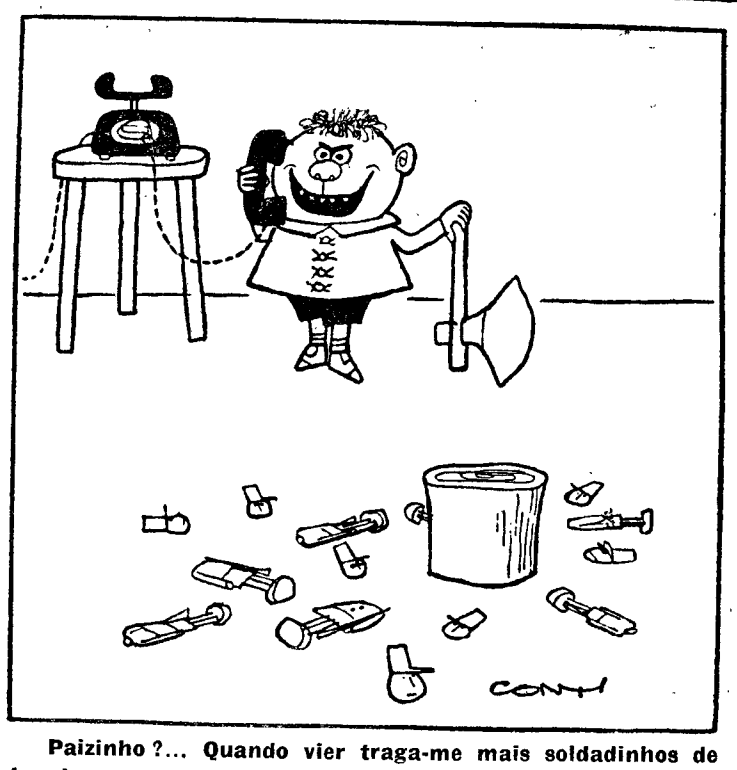
de Pedrógão Pequeno

Este agrupamento, que tão boa propaganda tem feito do folclore beirão, vem brevemente a Lisboa, exibir o seu vastissimo reportório, fazendo a sua apresentação no dia 23 do corrente (noite de S. João), na Casa da Comarca da Sertã, num festival organizado em sua honra, e nos dias 24 e 25 no «Negresco» e «Montes Claros» a convite do conhecido «barman» Angelo Pereira, natural daquela terra.

HOMENAGEM a Tomás Franco

Em Vila Franca de Xira, realiza-se amanhã um almoço de confraternização, durante o qual será prestada homenagem ao sr. Tomás Franco, comerciante de Lisboa.

As inscrições estão abertas na Catalagem da Lezíria, em Vila Franca de Xira, e na delegação da «Vida Ribatejana», em Lisboa, com o telefone 30459.



Paizinho?... Quando vier traga-me mais soldadinhos de chumbo...

Semana do contribuinte

Agenda

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento até 30 de Junho, com juros de mora, as seguintes:

Contribuição Predial — Pode ser paga toda a dívida ou sómente a primeira prestação semestral e as primeiras e segundas prestações trimestrais. Se a primeira prestação trimestral não for paga até áquela data relaxará toda a dívida sendo paga, a segunda só relaxará com o resto da contribuição em 29 de Setembro.

Contribuição Industrial — Pode ser pago o resto da dívida ou sómente a segunda prestação trimestral. O relaxe só se opera com as terceiras e quartas prestações em 29 de Setembro.

Imposto Profissional Liberais — Pode ser pago o resto da dívida ou sómente a segunda prestação trimestral. O relaxe só se opera com as terceiras e quartas prestações em 29 de Setembro.

TAXA MILITAR — A anuidade de 1959 não paga até ao ultimo dia do mês de Maio pode ser liquidada em dobro, isto é, por 120$00 até ao ultimo dia do mês de Dezembro do corrente ano, posto o que relaxará e será cobrada com custas e selos do processo.

LICENÇA DE ESTABELECIMENTO COMERCIAL OU INDUSTRIAL — Encontra-se a pagamento nos Paços do Concelho durante este mês de Junho, mas sujeito ao pagamento de juros de mora.

Jurisprodudência

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — *«Declaração de prédios novos:* — E' obrigatória a apresentação da declaração de prédio urbano novo, no primeiro mês de Julho depois da sua conclusão ou de se encontrar em condições de ser utilizado, sob pena do seu proprietário incorrer em transgressão.

A circunstancia do prédio ainda não ter rendimento colectável á data do levantamento do auto de transgressão não impede a aplicação da respectiva multa, porquanto esta há-de basear-se na contribuição que seria devida no ano anterior áquele em que a omissão se verificou».

— do Acórdão de 15 de Maio de 1957 do Supremo Tribunal Administrativo, *in* Revista de Direito Fiscal — Julho a Dezembro de 1958.

25.º ANIVERSÁRIO

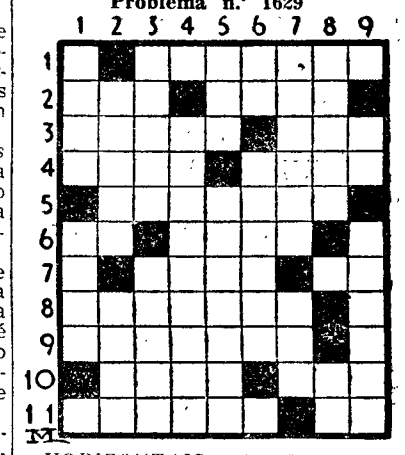
da Sociedade Central de Cervejas

Por motivo da passagem do 25.º aniversário da fundação da Sociedade Central de Cervejas, o seu pessoal homenageia amanhã, ás 11 horas, na fábrica Portugália, a administração daquela empresa.

SAIAS, 175$00
SÉCIA
BOUTIQUE
31, Rua da Conceição
Telef 30546 — Lisboa

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)
Problema n.º 1629



HORIZONTAIS: 1 — Ousadia. 2 — Serventia. O mesmo. 3 — Patrulha. Cloreto de sódio. 4 — Queima. Esposa de Júpiter, deusa do casamento. 5 — Insistira. 6 — Pretexto. Possuiu 7 — Coisa excelente, vantajosa. Lobriga. 8 — Realizara. 9 — Ajuda. 10 — Ligar. Casa. 11 — Filtramos. No caso de.

VERTICAIS: 1 — Fama. Vaidade. 2 — Fortuna. Salto. 3 — Para que lugar. Bulia. 4 — Lançariam. 5 — Claridade. Pastoril. 6 — Prefixo que designa direcção. Espécie de palmeira do Brasil. 7 — Golpeie. Árvore cuja casca aromatiza o vinho. 8 — Magnetiza. Campeão. 9 — O lado do vento (náut.). Observe.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n. 1628

HORIZONTAIS: 1 — HÓSPEDES. 2 — Bordalo. 3 — Uno. Ea. EM. 4 — Ala. CASA. 5 — Orcei. 6 — As. Mês. 7 — Raras. Iam. 8 — DIA. SANTO. 9 — Ide. Andes. 10 — Maré. Teta. 11 — Sá. Vexa.

VERTICAIS: 1 — Ru. Jardim. 2 — Na. Saídas. 3 — óbolo. Raera. 4 — Só. Arma. É. 5 — Pre. Cessa. 6 — Educes. Ante. 7 — Dá. Ai. Index. 8 — Eles. Pateta. 9 — Somar. Mosa.

(Provérbio: HÓSPEDES EM CASA DIA SANTO É).

CAMISAS
AS MELHORES QUALIDADES
OS MELHORES PREÇOS
TORRE EIFFEL
104 — Rua do Carmo — 106

A última sessão
da Conferência de Genebra
foi presidida por Gromyko
e durou escassos minutos

GENEBRA, 20 — A primeira fase da Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros terminou oficialmente hoje

Os suplentes das quatro delegações (Estados Unidos, Reino Unido, França e U. R. S. S.) reuniram-se ás 10 horas, na sede da delegação soviética, para estabelecer o programa da sessão plenária final, que se efectuou uma hora mais tarde, no Palácio das Nações, e redigir a comunicado conjunto que anuncia a suspensão dos trabalhos até 13 de Julho, que foi aprovado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros. — (F. P.).

A última sessão plenária

GENEBRA, 20 — A 18.ª e ultima sessão plenária da primeira parte da Conferência dos Ministros dos Negocios Estrangeiros começou ás 11 e 15, sob a presidência de Gromyko. Além dos quatro ministros, estiveram presentes, como de costume, os representantes das duas zonas da Alemanha.

A sessão durou apenas vinte minutos. Foi a mais curta desde que os trabalhos começaram. Os quatro ministros dos Negócios Estrangeiros haviam-se reunido pouco antes, a fim de assentar nos termos do comunicado.

Ao principiar a sessão, Gromyko declarou: «Desejo informar que há uma proposta de adiamento. Chegámos a um acordo provisório para nos reunirmos em 13 de Julho. Se não houver objecção, o acordo tornar-se-á definitivo».

Não houve objecção.

Depois, Gromyko leu o texto do comunicado, que foi aprovado. O presidente da sessão, em nome dos colegas, agradeceu ao Governo suíço e ás autoridades cantonais a sua hospitalidade, Agradeceu também aos intérpretes, mas reservou-se para o fazer mais completamente no termo dos trabalhos da conferência. Por ultimo, aprazou o encontro com os colegas para 13 de Julho.

O Texto do comunicado

Diz o comunicado distribuido no final da primeira parte da Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros:

«A partir de 11 de Maio, procedeu-se a uma vasta troca de ideias, em Genebra, entre os participantes na Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, acerca das questões em discussão. Entendem os ministros que são necessárias novas discussões e negociações.

«Resolveram interromper os trabalhos de conferência e recomeçá-los em 13 de Julho de 1959, em Genebra». — (F. P.).

As despedidas

GENEBRA, 20 — O chefe do Foreign Office, Selwin Lloyd, visitou o seu colega soviético, logo a seguir á sessão plenária, paar lhe apresentar despedidas, e almoçou com os ministros francês e alemão federal.

A meio da tarde, começam as partidas, do aeródromo ou da gare. Herter dará o sinal, tomando o avião para Washington, ás 17 horas. Depois, ás 19 horas, será a vez de Selwyn Lloyd partir para Londres. De noite, Lothar Bolz, ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha de Leste, toma o comboio para Berlim. No domingo de manhã, Maurice Couve de Murville parte para Paris e, no decorrer do dia, se as atuorizações de sobrevoo chegarem a tempo, André Gromyko regressará a Moscovo. Ignora-se ainda o momento da partida do ministro dos Negócios Estrangeiros da Republica Federal Alemã, Henrich von Bretano. — (F. P.).

O IEMEN
recebeu a oferta
de auxílio americano

SANAA, 20—Os Estados Unidos estão dispostos a dar ao Iemen auxílio técnico e financeiro — anuncia a Rádio de Sanaa.

Uma oferta neste sentido, precisa aquela emissora, foi feita ao emir El Badr por Charles Ferguson, encarregado de Negócios americano no Iemen, durante conversações recentes que teve com o príncipe regente. Os Estados Unidos ofereceram-se, especialmente, para contribuir para a construção da grande estrada interior ligando Tazé (capital do sul) e Sanaa (capital do norte) que faz parte da rede que deve unir o porto de Hodeida, no Mar Vermelho, com as duas capitais do Iemen. A secção da rede compreendida entre Hodeida e Sanaa está actualmente em execução por técnicos vindos da Republica Popular Chinesa. — (F. P.).

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
Tel. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços. Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
excepto ás 2.as-feiras
Cozinha Portuguesa
(6 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Turismo

A POLIOMIELITE
na América do Norte

WASHINGTON, 20 — O numero de casos de poliomielite que se declararam nos Estados Unidos desde o começo do ano, é consideravelmente mais elevado do que em 1958.

Segundo o Gabinete da Saude Publica de Washington, durante as primeiras 23 semanas do ano passado registaram-se 231 casos de doença; este ano o numero subiu para 452. — (F. P.).

UMA ÁRVORE
matou 10 pessoas

NOVA DELHI, 20. — Dez pessoas que se tinham abrigado sob uma árvore, durante uma violenta trovoada, numa aldeia próximo de Gwalior (Estado de Nadhya Pradesh), foram mortas pela queda da árvore, desenraizada pela tempestade. Ficaram feridas mais doze pessoas. — (F. P.).

A equipa portuguesa
para o jogo de amanhã em Berlim

BERLIM, 20. (Do nosso enviado especial, dr. Fernando Soromenho). — O seleccionador nacional da equipa de futebol que amanhã defronta a da Alemanha Oriental, indicou já a provável formação, que é a seguinte:

Acursio; Virgílio, Figueiredo e Angelo; Mendes e Vicente; C. Duarte, Teixeira, Matateu, Coluna e Cavem.

Todos os componentes da caravana portuguesa se encontram de boa saude.

Um invento
que evitará
acidentes ferroviários

BURGOS, 20. — Daniel Carazo é o autor de um invento que evitará os acidentes ferroviários. «Já se poderá viajar com plena segurança no comboio» — afirma Carazo cheio de optimismo.

O aparelho inventado por Carazo funciona automáticamente. Quando o comboio sai da estação por uma via que não lhe compete, o aparelho faz com que o comboio pare por si mesmo, ao mesmo tempo que soa um sinal de alarme para que o condutor possa evitar o perigo.

Quando se trata de um comboio que vai entrar na estação, o aparelho de segurança fará com se acenda uma lampada eléctrica, montada em série, mediante a qual o maquinista verificará a linha que lhe é designada e entrará correctamente na estação.

O aparelho vai ser exposto na IX Exposição Nacional da Industria e Artesania, que se realiza em Montilla, de 11 a 26 de Julho próximo. — (A. N. I.).

O CHEFE REBELDE
de um sector de Oran
convidou os seus homens a aceitar a «paz dos bravos»

ORAN, 20. — Yussef Samil, chefe rebelde do sector de Mascara-Saida, na região de Oran, lançou um apelo ás suas tropas convidando-as a cessar o combate e aceitar a «paz dos bravos».

No seu apelo, o chefe rebelde declara em especial: «Há cinco anos que dura uma luta implacável e mortal. Cada dia que passa, vêem-se os melhores de entre nós desaparecer. Dirijo-me a vós, não porque seja um traidor ou tenha abandonado as minhas ideias. Escrevo sem ser constrangido a isso. Creio ser meu dever salvaguardar o capital moral... Peço-vos uns momentos de reflexão sobre a finalidade desta luta estéril. Lembro-vos as nossas pesadas perdas, principalmente em Fevereiro e Março. Outras provas nos esperam, e tremo ao pensar nelas. O general de Gaulle comprometeu-se, sob palavra de honra, a respeitar os bravos do nosso lado, recebendo-os de braços abertos, com toda a dignidade. Saudações patrióticas e fraternais». — (F. P.).

FAMÍLIA MEXICANA
assassinada à mesa

MÉXICO, 20. — Oito membros de uma família foram assassinados em Lamatoca, no Estado de Vera Cruz, em consequência de uma querela de limites de marcação de propriedades — informam do México.

Há muito tempo que a família Colorado estava em conflito com os seus vizinhos a respeito da limitação das respectivas propriedades. Na terça-feira passada, os oito membros da família os dois avós, o pai, a mãe e quatro filhos — estavam a jantar quando seis desconhecidos mascarados irromperam na sala e ,sem dizer uma palavra, os mataram a tiros de espingarda. — (F. P.).

GOYA, cuja pintura é precursora de todas as audácias modernas e cuja vida sombria e trágica é um romance bem significativo do período perturbado e sangrento que ele fixou em imagens que ficaram imortais, é narrado com uma arte consumada e uma documentação sólida por:

Antonina Vallentin

Goya

n.º 12 da Colecção «VIDA E CULTURA», numa edição profusamente ilustrada. Preço: 60$00.

LIVROS DO BRASIL
R. Caetanos, 22 — Lisboa

O Exército argentino
parece estar dividido
na política de apoio ao Governo
e a situação no país é confusa

BUENOS AIRES, 20 — A situação na Argentina torna-se cada vez mais confusa. Enquanto em Buenos Aires o presidente Frondizi anuncia que não tem a intenção de abandonar o Poder e que as guarnições da região próxima da capital argentina reafirmavam a sua confiança na pessoa do subsecretário de Estado da Guerra, outras guarnições, especialmente as de Cordoba, Salta, Tucuman e Mar del Plata, manifestam inquietação, que aumenta constantemente.

Em Mar del Plata, cidade situada a 500 quilómetros, aproximadamente, ao sul da capital, os oficiais do comando da guarnição teriam exprimido ao secretário de Estado da Guerra o seu desacordo com as soluções apresentadas para solucionar a crise e ter-lhe-iam feito notar que possuem armamento e víveres que lhes permitem manter um cerco de, pelo menos, dois meses.

A conspiração militar parece ser dirigida pelo general Bruno Grotz, que comanda a região militar de Cordoba e agrupa altos oficiais do Exército e da Marinha, todos hostis á política do secretário de Estado da Guerra e do grupo de oficiais da região e Buenos Aires que o rodeiam. Os chefes militares «dissidentes» são os mesmos que contribuiram para derrubar o presidente Perón em Setembro de 1955. Entre aqueles oficiais figuram os generais Poggi e Yornet, que foram presos depois do ultimato que enviaram ao secretário de Estado da Guerra por ocasião do debate, na Camara dos Deputados, sobre o pretenso «plano pré-eleitoral» concluído entre Perón e Frondizi.

Os generais Poggi e Yornet exigiam que fosse aberto um inquérito sobre o «Plano pré-eleitoral». Pediam, além disso, que as intervenções do Exército nas actividades sindicais fossem reduzidas ao mínimo e exigiam, por fim, a demissão do subsecretário de Estado da Guerra, o coronel Raimundes. Este é considerado pela oposição militar como o principal responsável da política do Secretariado da Guerra, que se traduzia por uma imiscuição demasiado «evidente» do Exército no diferendo que opõe o Governo a vários sindicatos, entre os quais os sindicatos peronistas.

Enquanto o presidente Frondizi aceitava afastar o coronel Raimundes, ao mesmo tempo que prendia os generais Poggi e Yornet, as exigências dos oficiais «dissidentes» tornavam-se maiores. Parece que, finalmente, pediram a demissão do próprio secretário de Estado da Guerra.

O presidente Frondizi, por sua vez, está firmemente solidário com aquele. Esta atitude teve como resultado pensar-se, na capital argentina, na demissão do presidente da Republica.

Graças ás precauções de segurança tomadas na quinta-feira pelo Ministério da Guerra, a tranquilidade reina em Buenos Aires onde, perante o silêncio absoluto observado pelo Governo sobre o desenrolar da situação, a população se pergunta se o país não se encontra em véspera de nova mudança de regime. — (F. P.).

Um comunicado oficial

BUENOS AIRES, 20 — «Não se deu qualquer facto no país que possa significar de maneira concreta uma perturbação da ordem publica» — afirma-se num breve comunicado radiodifundido, que comporta sete pontos principais:

«Os acontecimentos denunciados perante o Congresso serão julgados pelas autoridades competentes, que darão conhecimento ao país, das suas conclusões.

Os três poderes exercem plenamente os seus direitos com toda a liberdade e em conformidade com o texto da Constituição.

O Governo está prestes a realizar o levantamento económico do país.

A revolução libertadora de 16 de Setembro de 1955 não significou sómente o fim do regime ditatorial: restituiu a liberdade e permitiu proceder a eleições.

O Governo agirá com energia inflexivel para manter a ordem constitucional.

O Governo permite a livre discussão das ideias num clima de pacificação dos espíritos e de unidade nacional». — (F. P.).

Dois militares na embaixada do Uruguai

BUENOS AIRES, 20 — Dois militares argentinos, o comandante Diego Perez e o tenente-coronel Gustavo Adolfo Ortiz, assim como um civil, Maximo Perotti, refugiaram-se na embaixada do Uruguai em Buenos Aires, anunciam os serviços da Embaixada. — (F. P.).

Rebentaram três bombas

BUENOS AIRES, 20 — Explodiram, de madrugada, três bombas nas três localidades dos arredores industriais de Buenos Aires: Lanus, Avellaneda e Rembio de Escalada.

Não houve vítimas e os prejuízos materiais são insignificantes.

Pensa-se, na capital argentina, que os três atentados fazem parte de um plano de intimidação concertado entre peronistas e comunistas. — (F. P.).

Hotel Continental
de Luanda

Partiu para Luanda, de avião, o sr. Ventura Garcia Inglésias, que vai assumir o lugar de subdirector do Hotel Continental de Luanda, a nova realização da sociedade Hotel Eduardo VII, de Lisboa, e cuja inauguração está marcada para os primeiros dias de Julho.

O sr. Ventura Iglésias, que já deu excelentes provas da sua competência em alguns dos melhores estabelecimentos hoteleiros do País, foi, durante os dois ultimos anos, director da secção do pessoal do Hotel Eduardo VII.

Dificuldades de acesso ao Estádio Alvalade

Quem se deslocou ontem, á noite, em automóvel, ao Estádio Alvalade, sofreu incompreensíveis dificuldades motivadas por falta de coordenação perfeita na orientação do transito.

A maior parte dos automóveis particulares que conseguiram alcançar o topo do Campo Grande e que se destinavam ao parque privativo daquele recinto de jogos, foram, inexplicàvelmente, desviados para a entrada da zona do campo do Benfica, que comunica com o estádio, onde lhes vedaram a passagem. Então, os carros tiveram de contornar, de novo, o Campo Grande, para tentar alcançar o referido parque, o qual dispunha de lugares vagos. Mas, dezenas deles foram, outra vez, impedidos de seguir pela Alameda das Linhas de Torres.

Muitas pessoas perderam cerca de 45 minutos em sucessivas viagens em torno do Campo Grande, só conseguindo entrar no estádio quando o jogo se aproximava do final da primeira parte.

E' de toda a conveniência que a Polícia de Transito estude estes problemas.

magazine

Diario de Lisbôa — NÚMERO 50 — Diario de Lisbôa

A MORTE DO DIABO

CRÓNICA DA RUA HUMILDE

Quem vive na cidade onde tudo são sorrisos, variedade e coquetismo não imagina sequer a tensão da vida numa aldeia parada. Da justa comparação que faziamos entre nós e o que nos cercava definiamos o nosso estado de espírito dizendo que andavamos sempre com as caldeiras sob vapor. E era mesmo assim. Disparatava-se por nada, por outro tanto iamos ao pior dos insultos e ganhavamos com o tempo uma forma de falar gritada, azeda e reticente.

Este embrutecimento levava ás mais disparatadas reacções. Pueris como as crianças sedentas de brinquedos, eróticos como qualquer tarado sexual, bebiamos como alcoólicos, jogávamos e acompanhava-nos sempre a vontade de brigar.

Não conheço paisagem mais agreste do que a que rodeava esta aldeia triste. O solo agreste, áspero, semeado de penedos cortantes, as árvores levavam a maior parte do tempo sem folhas, com ramos secos, agonizando contorcidos.

A vida da aldeia quer chovesse, quer nevasse, quer caisse um calor de rachar, entrava como se fosse por um funil, mal batiam as cinco horas, pela porta estreita da taberna onde Arrependido ia arrecadando o dinheiro que esvasiava das algibeiras dos operários da serração.

A taberna era humida. A porta dava para uma rua triste, apertada e sem luz e a janela das traseiras para uma quelha ainda mais miserável. As grades dos alpendres mostravam pobreza e decrepitude e em mais de uma das janelas fronteiras havia bocados de papelão, a tapar os buracos deixados pelos vidros, que os rapazes partiram á pedrada.

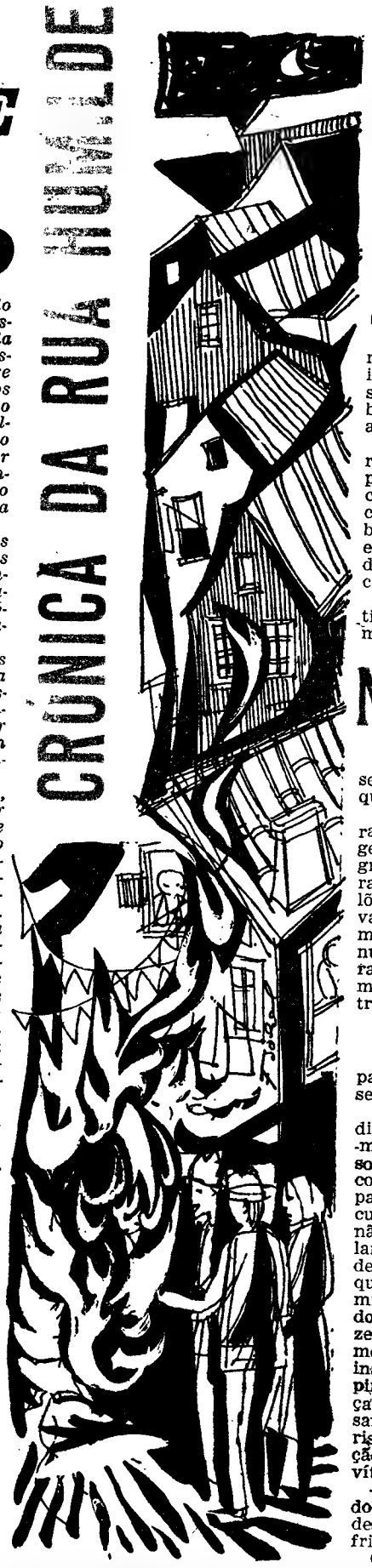
POR

MANUEL DO NASCIMENTO

Ao desenrolar o fio desta história mil quadros da aldeia me vêm á cabeça. Entontecem-me. Não compreendo hoje os olhares languidos que deitava a filha do Pinto, a da Caixa do Correio e as vezes sem conto que aplaudi os fados que o Mendes, perdido de bêbado, vomitava na taberna do Arrependido. Sim, é dificil de justificar, fora do meio, o comportamento entre destrambelhado e primitivo de um homem deslocado.

E o «Mendes Fadista» não fugia á regra. Bebia até muito mais do que qualquer dos outros. Fama de valentaço, gingão ainda com ares de Lisboa, onde estivera servindo a tropa, arregalava o olho para a afilhada do Arrependido, uma mo-

(Continua na 7.ª página)



NOITE DE SANTO ANTÓNIO

por MÁRIO CASTRIM

Não me admirava que a alegria morrese na Rua Humilde. Que ela imigrasse para bem longe e deixasse, na calçada irregular, cheia de buracos e cicatrizes, apenas gritos, angustia, lágrimas.

Nada aqui sugere horizontes claros. Vive-se a muitos metros de profundidade. As crianças raquíticas, pinando bagos de milho que os carroceiros deitam na ração das bestas, os homens trabalham dois e três dias na semana, as caminhadas permanentes em direcção ás casas de penhores...

Pois tendo a alegria tantos motivos para desarvorar da Rua Humilde, não senhor. Parece que mais se agarra a ela, como os lagartos que vivem nos muros em ruina...

Estas duas ultimas semanas foram de grande azáfama. Toda a gente ficou mobilizada. Pequenos e grandes. As raparigas confeccionaram com papel colorido, laços, balões, cordões de fantasia, enfeites variados com que depois transformaram o terreiro do fim da rua num céu aberto. Os homens trataram da instalação eléctrica, da montagem do palco para a orquestra e do recinto para o bufete, separado do resto pelos ramos meio secos das palmeiras.

Há pouco mais ou menos quinze dias, o Marcos estivador procurou-me a solicitar, com aquele sorriso e as maneiras firmes que lhe conhecemos, a minha colaboração para a festa de Santo António. Desculpei-me, conforme pôde — que não tinha jeito nenhum para bailaricos, que não percebia nada de desenho, nem de ornamentação — que nunca vira mesmo, perto de mim, um balão aceso... Descoroçoado, o Marcos, olhava em redor, dizendo: «Sim... Sim...», mecanicamente, a dar tempo que viesse a inspiração. E eu sabia já que a inspiração havia de vir. E' uma carraça o Marcos. Não desiste, não desanima. E sempre com aquele sorriso de quem está senhor da situação e ri dos estrebuchamentos das vítimas...

— Olhe cá! — e aponta-me o dedo onde a unha falhada relata um desastre, dos muitos que tem sofrido — você não é poeta?

Gaguejo. Coro. Eu, poeta? O' Marcos, pelo amor de Deus! Faço, de vez em quando, uns versinhos sem importancia, umas coisinhas...

— Bem — continua ele, vencedor — o principal é que os faz, e cai mesmo como sopa no mel. Imagine que a Rita, conhece a Rita?

Olha-me de frente, com fixidez, como se procurasse fazer saltar a rolha de um segredo. Sinto a cara vermelha, estupidamente. Respondo que sim, que vagamente, de a ver passar, de ouvir falar nela...

— E' uma boa moça, sabe? Bem, mas o caso é este: a Rita falou-me que tinha lá uns cravos de manjericos, para vender, e só lhe faltam as quadras. Você é que as vai fazer...

Protesto, vagamente, que não é o meu género, que nunca fiz nenhuma. Nem me quis ouvir. «Arranje-se como puder!», são as suas ultimas palavras.

Para a noite a Rita procurou-me. Precisava de, nada mais, nada menos, de vinte e quatro quadras, para outros tantos vasos. Dava-me um prazo de dois dias. Tive vergonha, diante dela, de dar parte de fraco. «Cá me arranjo — foi o que eu pensei — António Aleixo, Augusto Gil, e estou governado!».

Mas não tinha á mão nem um nem outro. No dia seguinte, domingo, as bibliotecas estavam encerradas. Deitei mãos á obra — que em pouco tempo estava acabada. Os olhos negros de Rita, as suas maneiras ao mesmo tempo doces e decididas, a sua voz quente que, parecendo suplicante, está mandando em nós — tiveram, desconfio, bem, grande influência na inspiração.

Joaquim, o tipógrafo, encarregou-se de compor as quadrinhas. Mandou-me as provas pela Rita que aproveitou a hora do almoço para mas trazer.

— Gostei delas — afirmou — Só aqui neste me parece que o «demónio» está mesmo de propósito para rimar com Santo António...

Tinha razão. Emendei.

— O senhor aparece lá amanhã? — perguntou.

— Aonde?

— No baile.

Volto a corar.

— Mas se eu não danço...

— Eu ensino...

— Tenho muito que fazer...

— Não senhor. E' feriado...

Rendo-me. «Até amanhã!», ouço-a dizer numa voz que me pareceu estranhamente jovial...

LUZES DA CIDADE

POR

DULCE REBELO

Estava um dia glorioso, com um sol a derramar luz a jorros e um céu de um azul tão límpido que nos tomava uma alegria doida e um desepo enorme de respirarmos toda a doçura num longo hausto.

A minha boa amiga D. Ifigénia tivera razão ao propor, perante toda a família, um passeio á Outra Banda no Domingo; e que rica ideia a sua em me convidar!

— Ás 10 horas em ponto no Cais das Colunas — recomendara-me ela e a este pensamento tratei de me apressar, pois seria capaz de ficar toda a manhã a saborear da janela o maravilhoso panorama da cidade.

Saltei no Terreiro do Paço ás dez horas e cinco minutos, e dirigi-me para o cais onde o movimento de pessoas era grande. Não descortinei, porém, qualquer elemento da família por mim procurada. Contente por ter chegado primeiro, entretive-me a ver o vai-e-vem dos barcos, brancos, vistosos, cortando a lhama de prata das águas do rio. Uma brisa fresca, leve, acariciava a pele e de novo se tornou mais imperioso aquele anseio de partir, de atingir o areal prometido, franjado de rendada espuma... Consultei o relógio — 10 e 30! — Resolvi

UM PASSEIO NO TEJO

telefonar. Do outro lado do fio chegou-me a voz angustiada da D. Ifigénia: que tivesse paciência, ainda estava de robe e acabava de fritar uns pastelinhos para levar, pois o ar do mar abria o apetite. Já o ma-

(Continua na 7.ª página)

ZAHAROFF

UMA FIGURA MISTERIOSA

POR

CARLOS MONTEIRO

Deixamos Basil Zaharoff, no ultimo capítulo desta pequena biografia, a caminho de Espanha. Não nos dizem os cronistas que razões o levavam á gloriosa pátria de Cervantes. Mas, se nos lembrarmos da estranha mercadoria vendida pelo hábil caixeiro viajante, fácilmente poderemos concluir que não seriam razões humanitárias...

A verdade é que, á margem do sujo negócio, Basil possuia uma capacidade excepcional de tornar-se simpático e não perdia uma unica ocasião de a exercitar. Passava por D. Juan de alto coturno «amava tanto as mulheres como desprezava os homens».

No comboio que o leva a Madrid toma conhecimento com uma dama espanhola, pertencente á mais alta aristocracia, casada com um Bourbon, o duque de Villafranca. Tratava-se de uma senhora de grande beleza, no apogeu da mocidade. Pode acreditar-se, sabendo como Zaharoff não perdia nunca de vista a possibilidade de fazer negócio, que não foi a beleza da companheira de viagem o que logo de início o atraiu mas sim a eventualidade de vir a necessitar do seu auxílio na empresa de que ia encarregado.

O que, de facto, aconteceu, e graças ao apoio dela, conseguiu obter em Madrid, por ocasião da guerra hispano-americana, encomendas no valor de muitas centenas de milhões...

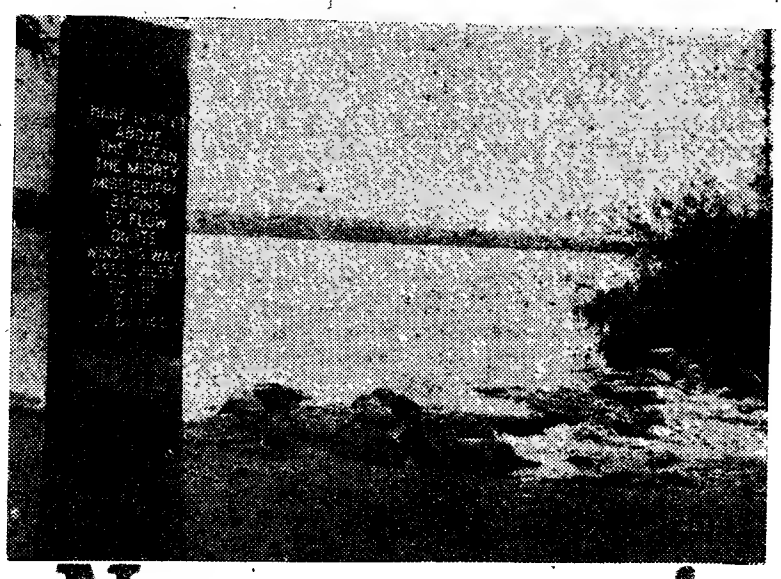
Mas, o que de início não passara, talvez, de questão de negócio, veio a transformar-se no grande amor da sua vida. Parece quase sacrilégio empregar esta palavra «amor» em relação á figura monstruosa que semeava a morte (até entre os seus próprios compatriotas...) com a maior das indiferenças. A dedicação de Zaharoff pela companheira da sua vida veio apenas mostrar como o coração humano é difícil; como podem nele viver paredes meias o amor a uma mulher e o ódio á humanidade...

A ligação com a duquesa de Villafranca durara vinte e cinco anos. Logo que ela enviuvou, desposou-a. Tinha então Zaharoff 65 anos... Pôde, finalmente, apresentá-la na alta sociedade como a senhora Zaharoff. Compra-lhe um castelo dos contos de fada, pertencente á baronesa de Vaugham. Enquanto semeia o luto e a infelicidade pelo Mundo fora, rodeia de ternura e de cuidados uma mulher — e este facto como que dá maior realce á monstruosidade da sua alma.

Em 1897, encontra-se Basil Zaharoff associado á «Vickers», que é, com a Armstrong, a mais poderosa firma produtora de armas mortíferas. É um novo degrau na sua escalada para o poder. Embora Basil nunca apareça em publico, a sua fôrça e influência aumentam. Como a guerra é um negócio escuro, a melhor maneira de tratá-la é na sombra... Na sombra, Zaharoff vive como peixe na água. Mexe todos os cordelinhos com inigualável perícia.

Os acontecimentos vão fornecer-lhe ocasiões em barda de maneira a pôr á prova o espírito do mal que nele habita. A guerra russo-japonesa foi aquilo a que se chama uma mina... Ele próprio se dirige a Moscovo. Ninguém como Basil Zaharoff sabe tornar-se insinuante na corte

(Continua na página seguinte)



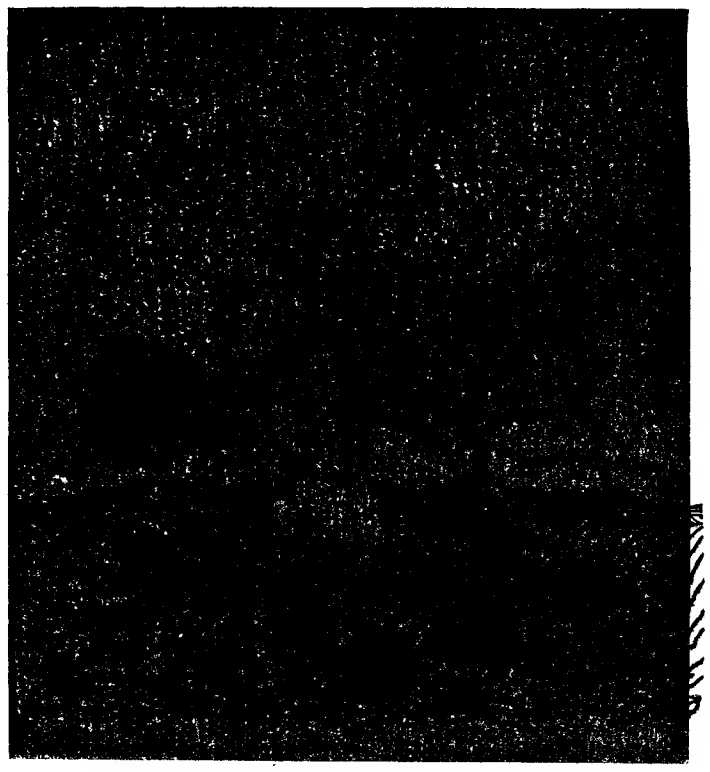
«Nasce um rio»

A curiosa fotografia que publicamos apresenta o local exacto onde nasce um dos maiores rios do Mundo, o Mississipi. Aí levantaram os americanos uma lápide onde se lê: «Aqui, a 1475 pés por cima do mar. o poderoso Mississipi inicia a sua dura caminhada de 2.552 milhas até ao golfo do México». Eis aqui uma dívida que temos em aberto para com os rios Tejo, Mondego, Guadiana. Quando a saldaremos?

FRESCA E FECUNDA PRIMAVERA

por ANTUNES DA SILVA

Por este caminho ameno, bafejado pela aragem dos dias de Maio, um camponês colhe meigamente do chão uma giesta florida,



levanta o braço num gesto gentil de triunfo e a flor rasga a atmosfera de um perfume breve.

O campo cresce em abundancia e claridade. As árvores riem, debruçadas para a paisagem, com as suas folhas novas, candidas, entretidas a acenar ao Sol a virtude do seu afago. As sombras rendadas que no chão macio espreitam o céu, perpetuam a vida do Universo. Aparecem os bichos, na placidez dos caminhos, construindo a existência, namorando o dia. Os homens passam e saudam-se amigávelmente, na grandeza de uma amizade benfeitora. As aves nascem implumes nos arbustos e nas searas. Os pais, alguns de cores sarapintadas, ensaiam os seus voos graciosos, de um ponto ao outro do horizonte, ou de árvore em árvore e gorjeiam, saltitam, brigam enchem o espaço da alegria de viver.

Em cada metro de terra, em cada metro de mundo, germinam as florzinhas azuis, e as papoilas, as luzernas, as acácias. Esvoaçam borboletas, zibelinhas, abelhas. Um cãozinho corre á frente de um rebanho e vai brincar com uma criança. Confraternizam pessoas ao ar livre, homens e mulheres que entoam uma bonita canção, esquecendo o alarido das conversas, a desgraça das disputas, o pesadelo das guerras. E' que só o gesto de colher uma flor, um simples malmequer, uma açucena, uma bonina, e cheirá-la e depois pô-la na lapela, arrastar as mãos para trás das costas e passear por um carril, despreocupadamente — dá-nos uma fresca sensação de felicidade.

Os cardos. Ih tantos que andam a devorar a terra este ano! Até parece que a terra vive o seu ultimo momento de cativeiro... Os cardos! Tanta raiva á mostra, tanta verdura a emoldurar os caminhos!

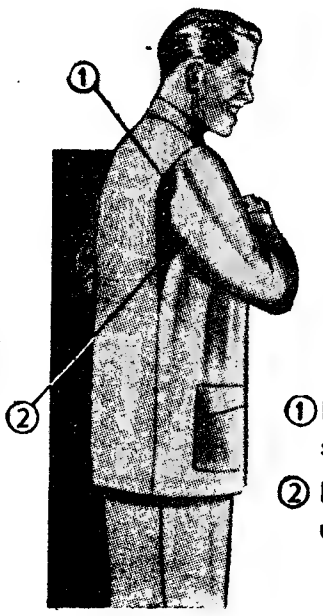
Sentam-se em frente do Sol os velhos, a pensar na pureza da vida. A paisagem transforma-se num hino de silêncio. Um casal de melharucos constrói o seu ninho nas ramagens de uma olaia. O verde dos campos entra nos olhos, entumesce e pinta os corações de bondade — apazigua a consciência dos homens. De um minuto para o outro, toda a Natureza ri, toda a Natureza fala— e há gente que, por uma nesga de sol, pensa na Primavera.

As plantas reverdecem, alteiam-se as searas, desabrocham as espigas de um pão sagrado.

Cheira a vida, cheira a paz, cheira a liberdade!

Há-de vir o dia em que também se fará a Festa do Sol, Amigos!

De novo à frente!



O NOVO PIJAMA PRIMAZ

Concebido no interesse de quem o usa, oferece 2 vantagens principais:

1 Permite que os braços se movimentem livremente.

2 Evita os habituais rasgões nas costas.

Portanto:

MAIOR COMODIDADE
MAIOR DURAÇÃO

* Patente registada

CAMISARIA PRIMAZ
ROSSIO, 115

Também em pijamas, o PRIMAZ sabe o que faz!

ZAHAROFF

(Continuação da página anterior)

dos czares, chegar á fala com sua alteza, servindo-se, para isso, de uma encantadora bailarina de quem se fizera amigo. Ninguém como ele sabe tornar maleável a atitude de um ministro esquecendo-se sobre a secretária dele, um sobrescrito repleto de notas de Banco. Conhece os homens, certos homens, os seus apetites, seu vícios, suas facilidades de corrupção... As encomendas chovem.

Até que um dia Basil Zaharoff descobre que, servindo-se da política, poderia aumentar ainda mais os seus lucros...

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

O concurso da semana esteve sob o patrocinio de Churchill. Verifica-se que não há nada como o mêdo para desemburrar a língua: houve, na verdade, muita inspiração, poesia, aforismos, divagações muito sérias e o mais que se verá, além dum aviso.

Foi Churchill que disse uma coisa muito parecida com isto:

«Nunca tantos deveram tanto a tão poucos».

O vencedor desta semana fez uma excelente tradução da frase célebre:

MEDO — é a fraqueza de tantos que faz a força dos tão poucos.

O vencedor mandou apenas as seguintes iniciais: C. C. — Lisboa. Não chega! Não chega e de futuro (a partir de hoje) não aceitaremos respostas que não tragam

NOME COMPLETO DO CONCORRENTE
MORADA RESPECTIVA BEM LEGIVEL.

Assim ressalvaremos sempre a honestidade do nosso trabalho e evitaremos o atraso no envio dos prémios. Esperamos que o sr. C. C. nos envie o seu nome e morada para o publicarmos no próximo sábado, assim como o sr. M. A. V., vencedor da semana passada. Caso não o façam, entregaremos o dinheiro para os pobres do «Diário de Lisboa».

Parece justo, não é assim?

Mas basta de meter medo.

Aquele supracitado sr. M. A. V. recheou-nos outra vez de definições:

1) MEDO — é uma válvula de escape que funciona ao contrário: quanto maior é a pressão mais aperta.

E' o chamado aperto mitral, cujo unico remédio é um bom detergente.

2) MEDO — E' o preço que ás vezes se paga por «um lugar ao Sol».

E os senhorios a rirem-se.

3) MEDO — E' o «mais baixo» dos sentimentos.

O mais baixo talvez não seja, porque, segundo os tratadistas, o órgão do medo fica «ao meio».

E finalmente

4) MEDO:
E' aquilo que a gente sente
Cá dentro e que não tem voz
Para pedir a um valente
Que tenha pena de nós...

Isto bem musicado, aguitarrado e cantado pela Amália dava furo.

O sr. António Baptista Ribeiro, do Porto, manda-nos três definições, de que vamos aproveitar duas:

1) MEDO é um vazio que lentamente nasce em nós e que rápidamente se enche de receio.

O qual receio, por sua vez, é um vazio que rápidamente se apodera de nós e assim sucessivamente, até o sujeito ficar a pão e laranjas.

2) MEDO é o tónico capilar que mais excita a raiz dos cabelos dos carecas.

Oh! caramba! se assim fosse, os produtores de medo ainda estavam mais ricos. E acabavam-se os carecas.

Também o sr. Augusto Barbosa nos favoreceu com 4 excelentes definições, de que reproduziremos 3:

1) MEDO — é o motivo pelo qual, geralmente um homem compra um cão.

Deve ser por isso que há tanto cão de luxo e tantas exposições caninas.

2) MEDO — é aquilo que, para disfarçar, alguns chamam receio.

Um eufemismo. Pelo mesmo motivo, as pessoas delicadas quando têm um acidente de barriga, falam em «dores de estômago».

3) MEDO: o que sentia Napoleão quando via um rato.

Deve acrescentar-se que tal rato surgiu na Península Ibérica e na Russia: foi nos dois extremos da Europa que o colosso mostrou os pés de barro.

O sr. Armando Mesquita, de Algés, diz que

MEDO é aquilo que não nos deixa dizer que o rei vai nu.

Quer dizer: uma paralisia de origem externa que produz efeitos internos.

O sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra, não faltou, como sempre:

O MEDO é como a sombra: apenas se vê á luz.

Eis uma definição ainda mais verdadeira do que parece á primeira vista. Muita gente pensa o contrário.

O sr. E. Lass, de Coimbra, manda-nos uma nova contribuição para a Teoria da Relatividade:

MEDO — é um acidente que prova a relatividade das coisas: só existe desde que inventaram a coragem.

Claro que o mesmo se pode dizer, mas ao contrário e fica certo também.

O sr. Vicente José Fernandes, de Lisboa, professa um optimismo que merece as nossas melhores felicitações:

MEDO: é um fenómeno salutar porque faz hesitar o agressor.

A história das relações internacionais assim o está a provar.

O sr. José Alberto Fernandes Martins, da Figueira da Foz, deixa-nos na mais cruel das expectativas:

MEDO: é aquilo que me faz tremer, tremer, guardar a caneta, e... nada dizer.

Pois então esperamos que isso lhe passe e que depois nos mande a definição. Não temos pressa: tenha calma, caro amigo.

Para completarmos a refeição de hoje citaremos o sr. Copérnico de Magalhães Lara, de Lisboa.

MEDO e o pão nosso de cada dia.

Isso não é pão, é bucha. E que grande bucha!

O sr. M. A. V. sugere para a próxima semana a palavra

BANQUETE

que aceitamos de bom grado.

As respostas devem estar em Magazine, Rua Luz Soriano, 44 a 48, Lisboa, até ao próximo dia 27, acompanhadas do nome completo e morada dos concorrentes.

UTILIDADE

Os altifalantes existentes nas estações dos caminhos de ferro são de uma grande utilidade pelas informações preciosas que fornecem. Só é pena não se ouvir nada do que eles dizem.

NO OLIMPO

Disseram os Deuses á mulher bonita:

— Vai e não sejas vaidosa.

Pensamento imediato dela:

— Meu Deus! Será que não me fizeram tão bela como pensavam?

TENHO HORROR AO DINHEIRO!

F. não liga nenhuma importancia ao dinheiro. Se trabalha 12 horas por dia é exactamente para poder gastá-lo á vontade.

AINDA

E' natural do lobo pensar que o Mundo se encontre dividido em lobos e cordeiros. O que me espanta é ver como os cordeiros ainda vão no jogo!

O PIOR

De tudo quanto três mulheres juntas podem fazer nada é pior do que um conjunto vocal.

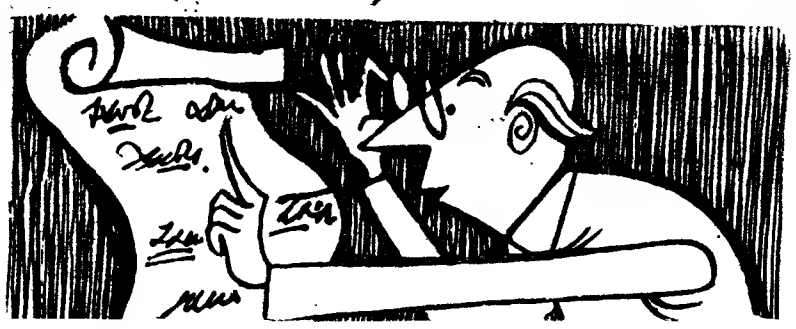
DIFERENÇA

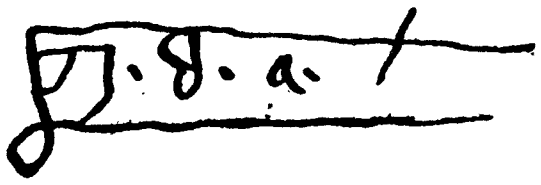
Antigamente o fado era sincero porque as cantadeiras viviam o fado que cantavam. Agora vivem do fado que cantam.

UM E DOIS

Um jogador de cartas faz paciências. Dois, perdem a paciência.

O CAÇADOR DE AUTÓGRAFOS





O Caçador de Autógrafos tinha-nos garantido que havia de apanhar á mão, esta semana, o Infante D. Henrique. Coisa difícil, sem duvida: mas não impossível.

E bateu certo. Encontrou o Infante «embarcado» numa disposição carrancuda. Ao enxergar o Caçador de Autógrafos e ao perceber que ele vinha da Terra, explodiu:

— Estou farto! Prometem festejar o centenário da minha eternidade e ainda teimam em dizer que o sujeito de chapéu largo que vem nas tábuas do chamado Nuno Gonçalves, sou eu. Mentira! Olhe-me bem a cara! Isto são barbas, ou não são?

— São, meu senhor, e barbas muito respeitáveis.

— Pois é assim que eu apareço á porta dos Jerónimos, com barbas e espada. Depois é que me raparam ambas.

— E é isso o maior desgosto da sua vida?

— Claro que é! Pois não havia de ser? Quero que me respeitem as cãs.

— Direi isso mesmo aos terráqueos, meu senhor.

E pediu-lhe o autógrafo.

disco da semana

ALENTEJO ?

7LEM 3008

ADEUS Ó LINDA CEIFEIRA

Rancho dos Ceifeiros de Entradas

Adeus ó linda ceifeira
Abre-te ó campa sagrada
Entradas muita atenção
Pensei ir p'ra Lisboa

Outros discos de ranchos

ALENTEJO

Rancho dos Ceifeiros de Cuba

PASSARADA
A SENHORA D'AIRES
A RIBEIRA DO SOL POSTO
PESCA-ME UMA MARGARIDA

7LEM 3007

RANCHO ROCANORTE

CASTELO DE LAPELA
ROCANORTE
RIO DA GADANHA
MODINHA DAS TRÊS

7LEM 3009

IMAGENS DE PORTUGAL N.º 5

Grupo Folclórico de Rebordões

MALHÃO CORRIDO
O PERIM
O CÃOZINHO
O VERDEGAR

7LEM 3010

RANCHO REGIONAL DAS LAVRADEIRAS DE CARREÇO

VERDE GAIO DA SERRA
TIRANA MEU BEM
CANA VERDE DO MAR
VIRA DO MINHO

7LEM 3011

FABRICADO EM PORTUGAL
SOB LICENÇA DE
THE GRAMOPHONE Cº LTD.
HAYES — MIDDLESEX — ENGLAND

*

A utilização de **«EMITEX»** preserva este disco protegendo-o da poeira

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho
Rua Nova do Almada, 97

Serás tu um "não te rales"?

Teste psicológico de grande interesse

Há pessoas que gostam de ser levadas pela corrente. A energia, não é com elas! Nem lutar, nem estrebuchar. Repugna-lhes tomar a ofensiva. Reagem passivamente. Outras, pelo contrário, preferem lutar, disputar com os acontecimentos, com a adversidade. Como se diz em português de lei: agarrar o toiro pelos chavelhos!

Eis aqui algumas perguntas a que os nossos leitores, após conveniente meditação, devem responder assinalando na coluna respectiva:

	Sim	Não
1 — O tempo resolve tudo?		/
2 — Começa o seu trabalho pela parte mais difícil ou aborrecida?		/
3 — Gosta de ler os livros «série negra?»		/
4 — Prefere os desportos individuais aos desportos de equipa?		/
5 — Experimenta, por vezes, inimizades violentas e subitas por certas pessoas?		/
6 — E' tudo questão de sorte?		/
7 — A fortuna sorri ao audacioso?		/
8 — Detesta as discussões?		/
9 — A coexistência de vários partidos políticos numa atmosfera de compreensão mutua é possível?		/
10 — Já pensou de alguém: «Fazia-lhe a cama se tivesse a certeza de ficar impune»?		/
11 — E' por vezes, mais difícil não agir do que agir?		/
12 — «Se vis pacem, para bellum» (Se queres a paz, prepara a guerra.) E' um provérbio insensato?		/
13 — Quem não avança, recua?		/
14 — O movimento mata a beleza das linhas?		/
15 — As histórias de judiciais ás crian- Far-West são prejudiciais ás crianças?		/
16 — A vitória sorri ao que ataca primeiro?		/
17 — A vitória sorri ao que resiste?		/
18 — Pode mais a paciência que a violência?		/
19 — Todos os cidadãos deviam ser autorizados a trazer arma para se defenderem em caso de agressão?		/
20 — Em caso de duvida não nos devemos abster mas agir a fundo?		/

Marque um ponto todas as vezes que responder *sim* a uma das perguntas seguintes: 1, 4, 6, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 17 e 18. Um ponto igualmente para cada *não*, em 2, 3, 5, 7, 10, 13, 16, 19 e 20. Some os pontos. Se obtiver mais de 16 pontos é tenaz, paciente e cabeçudo. Procure, no entanto, não ser ultrapassado pelos acontecimentos. A passividade não resolve todos os problemas. Entre 9 e 15, significa que sabe combinar judiciosamente acções e reacções. Menos de nove pontos, quer dizer que é provávelmente activo, rápido, mas talvez também um pouco nervoso. Não dê golpes em vão. Aprenda a dosear esforços na luta contra a adversidade.

VERSO E REVERSO DA SEMANA

I

Sempre que pego, acaso, nos jornais,
acontece-me o mesmo que a vocês :
pasmo de ver no mundo um entremês
cheio de temas, lances «bestiais»...

Reparem só na história desta rês
que é um caso interessante desses tais:
tem sobre outros felinos animais
um trunfo colossal: fala francês...

Francês de alto quilate ou do refugo
não sei. Dói ver a voz de Vítor Hugo
sair de tão inospitas guelas.

Deixá-lo. Os lobos, neste mundo louco,
disfarçam com palavras já bem pouco
— antes melhor se desmascaram nelas...

II

Agora, visto estar com a mão na masse,
e lhes falei de lobos e outras cousas
vêm à baila as comadres, as raposas,
pois que dentro de dias abre a caça...

A mãe não sabe se o menino passa
o pai treme encarando as nebulosas
a tia reza às santas caridosas
chora a avó na iminência da desgraça...

Enquanto isso acontece, enquanto em casa
desinquieta a família assenta em brasa
e aponta à raposa outro destino,

brinca nos campos livres da Junqueira
à bola, ao eixo, às uvas, com o menino.
esta, feliz, simpática e matreira,

com TV
Vol Automatic
SABA

* sintonia completamente automática
* comando à distância
* grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

AINDA SE MORRE DO POLO NORTE AOS TRÓPICOS

Graças a estes três homens Fawcett, Amundsen, Scott—conhecemos hoje o Mundo onde vivemos tão bem como aos nossos próprios dedos. Estes exploradores foram daqueles «que não regressaram mais...»

POR **R. ROGERON**

A História está juncada de homens corajosos que partiram em busca de novas terras, novas civilizações—e não regressaram mais...

Graças a esses viajantes, aos marinheiros da navegação á vela, aos aventureiros que arriscavam a vida em cada um dos seus dias, o terrível espaço em branco denominado «TERRA INCÓGNITA» desapareceu, pràticamente, dos nossos mapas.

Hoje, o inventário do nosso minúsculo planeta encontra-se quase concluido. O homem passou a sonhar com as grandes profundidades do Globo, com os abismos oceanicos, com os espaços interplanetários. No entanto, e dentro ainda do nosso século, são numerosos os casos daqueles que morreram no campo da exploração: Charcot, cujo barco (o célebre «Pourquoi Pas»!) naufragou nas costas da Islandia; Scott, o grande vencido do Pólo Sul, onde chegou algumas semanas depois de Amundsen; Yarl e Joset, das expedições polares francesas, que dormem o sono eterno a 45 metros de profundidade numa caverna de Inlandsis, o planalto glacial de Gronelandia.

O fim que tem a vida heróica destes exploradores é bem conhecido. Outros, porém, desapareceram sem deixar o menor rasto... Ainda este ano, a 7 de Janeiro, André Prudhomme, chefe meteorologista da expedição francesa á Terra Adélia, desapareceu em condições inexplicáveis.

A tempestade soprava á velocidade de 100 quilómetros á hora sobre a base Aumont d'Urville. Sair da tenda, caminhar ao longo da corda que leva aos abrigos onde, de quatro em quatro horas, se faz a colheita de observações meteorológicas, é, naquelas condições, uma loucura. Prudhomme saiu e não regressou mais...

Que se passara? Mistério. Presume-se que o vento o arrastou até ao Oceano Glacial. Todas as pesqisas sobre a terra e o mar, utilizam do helicópteros e barcos rapidíssimos, foram infrutíferas. Hoje, apenas uma lápida assinala o local onde desapareceu alguém que, por amor da ciência, desafiara o terrível «blizzard»...

O grande Amundsen desapareceu em plena glória como um astro fulminado. Alcançara renome universal no início deste século, abrindo a «passagem do Nordeste».

Partindo de Oslo em 193 com o «Gioa», de 47 toneladas, levou dois anos para descobrir uma passagem nos gelos do Arctico canadiano e alcançar o estreito de Behring. A 14 de Dezembro de 1911, novo e extraordinário feito: consegue hastear o pavilhão norueguês no Pólo Sul...

Quando, em 1928, a França se resolveu a enviar o «Latham 47» pilotado por Guilbaud, em busca do dirigível italiano de Nobile, perdido no Arctico, Amundsen ofereceu os seus serviços. O aparelho foi buscar o célebre explorador a Bergen e fez escala na Lapónia. Nunca o mais o viram... em Tromso, de onde levantou voo a 18 de Junho.

Outra tragédia do Grande Norte foi a do sueco André. Concebera o projecto de alcançar, em balão, o Pólo Norte, que ainda não fora alcançado.

O balão, denominado «Oern» (Aguia), era um aerostato de 20 metros de diametro construido em França. Partiu de Spitzberg a 11 de Julho de 1897. Passageiros: André, Fraenkel, Strindberg e... dez pombos-correiros. A 15 de Julho, um pombo-correio de André pousou numa baleeira, em pleno Arctico. A mensagem, datada de 13, dizia que tudo ia bem.

Depois foi o silêncio — o grande «Silêncio Branco» que durou, desta vez, 38 anos. Em 1930 os Noruegueses encontraram numa ilha perdida no Oceano Glacial a barquinha do aeronauta sueco. Os corpos dos três exploradores encontravam-se semi-devorados pelos ursos...

Sabe-se, pelo diário de bordo, que a 2 de Outubro, o banco de gelo onde haviam procurado refugio, se deslocou, havendo-se perdido quase todo o equipamento. A 5, alcançaram a «Ilha Branca».. As notas suspendem a 7 de Outubro, para terminarem a 17 do mesmo mês com uma breve linha: «Regresso ás 7 horas e 5 minutos da manhã». Ninguém saberá jamais o que se deu depois desse regresso ás sete e cinco da manhã...

Igualmente misterioso é o desaparecimento do coronel Tawcett na floresta amazónica. Tawcett conhecia a palmo esta região. Em 1925 partiu de Cuyaba, no Mato Grosso, com o seu filho Jack e um amigo, Raleigh Rimel, Finalidade: alcançar as nascentes do rio Xingu e atravessar as planaltos do Brasil... Não regressaram mais.

Vários viajantes ouviram falar de um homem branco que vivia entre os indios do Mato Grosso... Seria Fawcett? E a lenda nasce...

As viagens do séc

Frei Pantaleão va

O TURISMO NOS BONS TEMPOS ANTIGOS...

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

Naquele tempo não se usava ainda a palavra turista. *A bem dizer também não existia o prazer a que chamamos* turismo — *isto é uma actividade laica, comercialmente organizada para satisfazer as concupiscências da curiosidade. Apenas havia dois motivos fortes bastantes para encorajar um homem e levantar a sua ancora privada e lançar-se no desconhecido: a aventura ou a peregrinação. A aventura era negócio um bom pedaço herético, a que só se abalançavam as almas de muita ousadia ou de muita pouca vergonha; a peregrinação tornava-se — como o leitor já adivinhou — e pondo de parte as viagens de negócio, o unico sistema regular e ortodoxo de um paroquiano não morrer embasbacado a fitar sempre os mesmos poisos onde nascera. Os* lugares-santos *de todos os países, latitudes e longitudes constituiam assim os unicos cartazes de atracção turística — cartazes suficientemente fortes para, durante séculos, justificarem a ansia que um cidadão insatisfeito albergasse de quebrar a casca da rotina diária.*

Frei Pantaleão pertencia á falange dos insatisfeitos; aproveitava todas as deixas para se esgueirar do navio em cata de novidades. E havia-as naqueles tempos: mais, muito mais do que hoje; as mais imprevistas possíveis: de relaxar os musculos com tanto espanto. Frei Pantaleão vendo que os ventos contrários não permitiam que a nau arpasse de Chipre, começou a sentir que o pé lhe pulava para uma digressão pela ilha. Ver, por exemplo, Nicósia. O caminho era longo — informaram-lhe — e rico em ladrões. Finalmente, ao cabo de vinte e tantos dias

quiz Nosso Senhor visitar-nos e acudir-nos com ventos prósperos, ainda que escassos que daquele porto nos tirou. Partidos ali com muita alegria, ao terceiro dia nos tornou a faltar vento e tomámos porto junto a outra cidade chamada Limison.

Faltara-lhes o apoio de Nosso Senhor e lá estavam outra vez atolados até á raiz do desespero na Ilha de Chipre. Passados dois dias, Nosso Senhor voltou a dar-lhes um empurrãozinho que os alongou até Salinas ou Salamina, na eterna ilha donde não conseguiam escapar-se. Mas ao menos o nosso frade ia agora ter ensejo para fartar a sua ansia de novidades: de Salinas foi, por terra, a Argana e daqui á desejada Nicósia.

Valera a pena. Iria assistir a uma cena curiosíssima que ele nos relata com todo o escrupulo erudito:

Um costume mui novo vi nesta cidade, que me poz em admiração; o qual é que indo eu um dia por uma rua vi levar a enterrar á igreja um fidalgo mui principal: e iam com ele todos os seus parentes e amigos e adiante os escravos e escravas, os quais levavam pelas rédeas quatro ou cinco cavalos mais dois machos, todos cobertos de dó. Chegando junto ao alpendre da igreja, subitamente sairam dela os clérigos com grandes trochos de pau (cacetes) e começaram de dar nos escravos e escravas, trabalhando por prendê-los (como prenderam um ou dois) e os outros com os cavalos fugiram. Fiquei espantado de ver um tão subito desatino, a meu parecer, e depois da coisa quieta perguntei a significação dela. Disseram-me ser costume naquela terra, quando falecia alguma pessoa nobre e rica, irem diante seus escravos, escravas, cavalos, mulas e toda outra cavalgadura até á porta da igreja, como eu vira aqueles; e que saindo os clérigos com seus paus nas mãos — os escravos, ou escravas ou cavalgaduras que podiam tomar eram seus; os outros ficavam livres e forros.

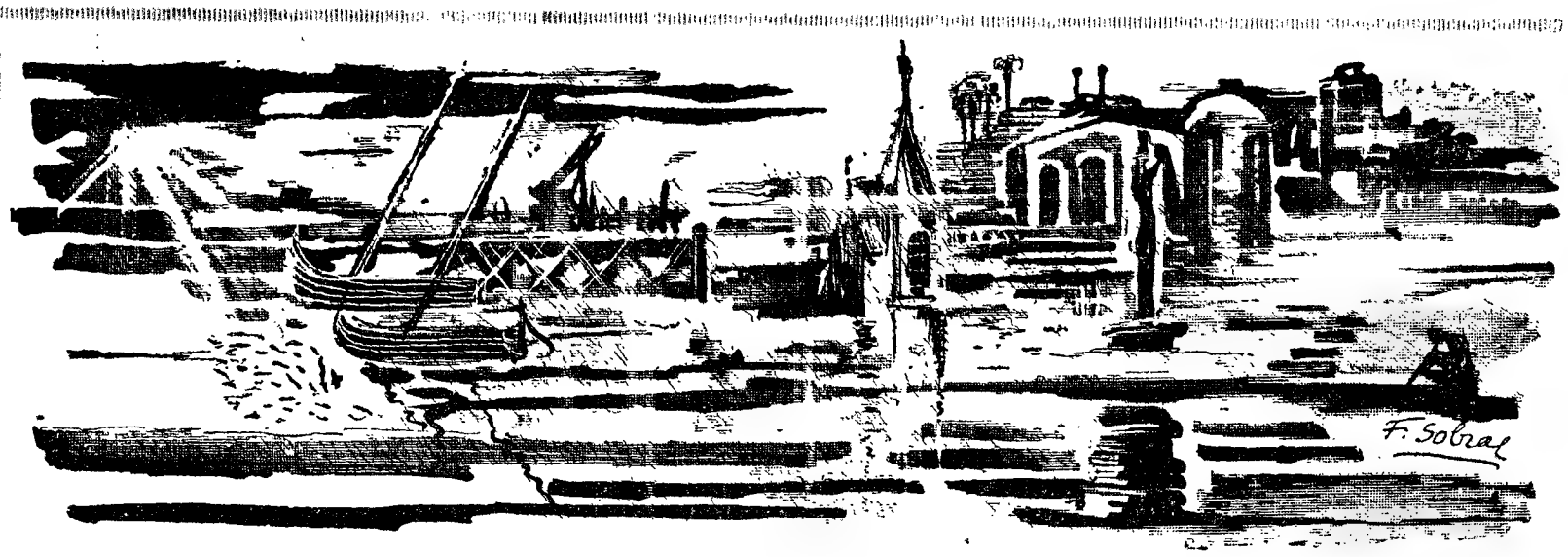
Morria o fidalgo rico e a penitência caía nos lombos dos escravos e das cavalgaduras. Aí se verificava uma vez mais a tremenda injustiça de uns comerem os figos e aos outros rebentarem os beiços. A não ser que... A não ser que se tratasse da tradução cipriota dum velho ditado português: depois de fidalgo morto trancas nos servidores.

Mas além disto ainda muita coisa

RECANTO PARA DEFINIÇÕES

POR

JORGE FERREIRA DA SILVA



A AUSÊNCIA

Quando a ausência chega, traz sempre passos cautelosos e lentos. E por mais fria e implacável, não deixa nunca de ser esperança.

E' difícil a ausência.

Não pode conhecer-se senão depois de nos haver entrado pela porta. Inesperada, hábil, sabe assomar além igual a um alívio, a uma libertação. Mas ao aparecer, abraça numa cadeia de desalentos. Não consegue sentir-se com rudeza. Antes espreita devagar e avança natural lúcida e verdadeira. Só começa a existir depois de se sentar a nosso lado.

O ausente passa então a ser mais definido. Compreendemo-lo nas faces em que nos fora mais absurdo. Perdoamo-lo nos momentos em que nos atirara ofensas. Recusamos a acreditar no que não seja a sua imagem, ao partir.

Nada há para os homens mais vivo do que a ausência. Desespera-os. Obriga-os a acordar. Rompe todos os silêncios. Abre todos os corredores e acende um lumaréu inquieto e vertical.

Se a ausência aparece, chega também a paciência. Cresce um espaço vazio. Uma lezíria, um entardecer húmido e gelado rodeia falas, hábitos. E para lá da espera, outra espera maior sussurra devagar a coragem.

Quando a ausência chega...

As vezes, parece sofrimento. As vezes, nasce com tons absurdos de morte inventada. Mas não pode ser o fim. Talvez amor. Talvez desejo. Nunca o descer imóvel. Nunca o esquecimento do pó soprado por ventos arrancados do chão a golpes de ordens que neguem as coisas, as vivências da terra.

A ausência tem cores.

E' cinzenta e débil. E' um dia frio de Inverno, todo feito de núvens sujas. E' negra e fértil, uma árvore á espera de rebentar. E' branca e desolada, é neve a cobrir casas de lajedos, com homens encurralados lá dentro. E' azul, com todos os regressos e abandonos de um mar desértico, sem uma vela, sem uma viagem. E' verde, a par dos limos de um cais onde apodrecam barcos. E' escura. Ameaça com os espelhados sinistros de uma poça de lodo, escondida sob florestas, á hora do sossego.

A ausência tem formas.

Ora é redonda, numa atormentada obsessão que nos envolve, ora é perfeita, de mármore talhado e simétrico. Ora é leve, tronco a balancear em brisas da tarde. Ora é apaixonante e sabe a beijos de mulher. Ora é horizontal e apetece caminhar, caminhar, arrastando-a mansamente, levando-a connosco, numa jornada sem itinerários. E' um cisne negro. E' uma asa iluminada. E' o voo de uma folha por mundos infindáveis.

Quando a ausência chega...

O que nos parecera impossível, nos fizera pavor, o que obstinadamente havíamos recusado alentanos, quando a ausência chega. E somos sublimes. E somos heróicos.

— Quero que tudo esteja diferente no dia em que ela chegar.

— Havemos de ir esperá-los cedo. Levantamo-nos antes do Sol nascer. Atrela-se o carro, vamos direitos aos moitões. Que dia caramba!

A ausência pressupõe uma volta, de lá de um muro, de uma separação. Depois dessa volta, cessarão desentendimentos, ódios, doenças, todos os males. A ausência é o limiar da felicidade.

E' uma paliçada a transpor. E' uma gravidade invisível, molhada de coros. E' uma velhice salgada de lágrimas.

Vamos socorrer-nos de um poema de Diogo Bernardes, que nos dirá da ausência. Tu, leitor, hás-de — nestes catorze versos — saber melhor da AUSÊNCIA do que depois das centenas de palavras, que deixámos atrás.

Este Recanto para definições trará um arremedo de Antologia Poética, a ilustrar o dicionário desordenado, hoje aberto com **AUSÊNCIA. Falaremos depois da ESPERANÇA, do MAR, de VIAGEM, sei lá... das palavras que na Língua Portuguesa nos pareçam mais belas.**

Mas ouçamos Diogo Bernardes:

Horas breves do meu contentamento
Nunca me pareceu quando vos tinha
Què vos visse tornadas tam asinha
Em tão compridos dias de tormento!
Aquelas torres que fundei no vento
O vento m'as levou que as sustinha:
Do mal que ficou a culpa é minha,
Pois sobre cousas vans fiz juramento.
Amor com brandas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.
Ó cegueira tamanha! Ó desventura!
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura.

o século XVII (3)

es um
ou até
na ilha
apar-se.
ia ago-
sua an-
as foi,
i á de-

a uma

extraordinária havia de entrar pelos olhos do bom frei Pantaleão. Tudo viu, para não jurar falso:

Toda a ilha de Chipre é dada a delícias e as mulheres são muito desonestas; é tão fértil *(deve entender-se a ilha)* que foi chamada Macaria, que quer dizer em grego bem-aventurada. E' a

nor para um guia turístico dos nossos tempos!) pela primeira vez «cabras de orelhas compridas e largas, caídas a modos de podengos, mas muito grandes, cujo cabelo parece um fino cetim, do qual se fazem em damasco os finos e ricos chamalotes».

Na mesma cidade teve frei Pantaleão de verificar um triste facto:

o vai à Palestina

nos re-
rudito:

vi nes-
a admi-
eu um
a enter-
ui prin-
dos os

gente da ilha tão sensual, que por isso se crê que foi consagrada a Venus.

Hoje os turistas já não conseguem encontrar ilhas assim; Venus tornou-se um planeta, ainda muito distante, por alguns anos, dos foguetões turísticos e terráqueos.

De volta a Limison, fizeram-se á vela até Jafo que, no parecer de frei Pantaleão, fora fundada por Jafé, filho mais novo de Noé «no que mostra quanto seja sua antiguidade». *Aproveitando uma aberta, o nosso andarilho lá se foi até Ramula, que distava de Jafo dez milhas. Ali viu ele (que bom pormenor da ilha tão sensual, que por isso se crê que foi consagrada a Venus.*

Deus favorecia os pérfidos judeus (o frade era um fervoroso anti-semita):

Os carneiros e ovelhas não têm carne alguma, que tudo é uma gordura a modo de ubre, a qual nas comidas de carne lhes serve de toucinho, que parece até naquilo haver Deus favorecido os pérfidos judeus, já que lhes defendia o comerem carne de porco.

Como o nosso frade vai agora partir para Jerusalém, donde está próximo, paremos nós neste delicioso pormenor de culinária-racista.

A VIDA E O DIA DE HOJE

ITALIA

A Academia de Medicina Italiana acaba de atribuir ao professor francês Gaston Ramon o prémio internacional António Feltrinelli, na importancia de 16 milhões de francos.

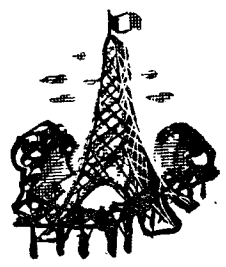
O professor Ramon recebera há poucas semanas a medalha de ouro do Centro Nacional de Investigação Científica, excepcionalmente atribuida a um sábio pelo conjunto da sua obra.

Como o recordara, há pouco tempo ainda, o professor Vallery Radot, o Prémio Nobel não ficaria mal entregue ao doutor Gaston Ramon. O Mundo deve-lhe a descoberta fundamental das anatoxinas e, por consequência, das vacinas modernas antitetanica e antidiftérica, especialmente.

FRANÇA

Vai ganhando foros de tradição mundial a organização do «Dia sem acidentes» (como se diz em França) ou «Dia da prudência» conforme foi crismado em Portugal. Pena é, no entanto, que haja apenas um desses dias em cada ano — o que representa uma gota de água em pleno mar...

Na realidade o que interessa fun-



damentalmente, na opinião dos organizadores, não é, próprìamente, conseguir que em um dia por 365 deixe de surgir nas estradas o espectro do acidente. O que interessa, antes de mais nada, é chamar automobilistas e peões para uma conferência á mesa redonda, proporcionando a uns e a outros alguns momentos de reflexão sobre graves e momentosos problemas.

O «Dia sem acidentes», decorreu em França no passado mês de Maio. O resultado, que a muitos poderia parecer desencorajante, deve considerar-se animador: «apenas» 19 mortos. A média dos acidentes por cada sábado de Primavera foi, em 1958, de 23 mortos. Houve, portanto, uma diminuição de 20 %.

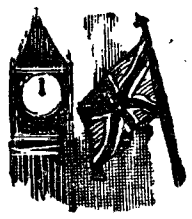
Intensificar a propaganda da prudência — eis a tarefa que nos compete a todos, pois nos estaremos defendendo a nós próprios.

INGLATERRA

O «caso dr. Fuchs» encontra-se ávido, fresco, na memória de todos os que seguiram ansiosamente as peripécias atómicas do após-guerra.

Considerado uma das maiores celebridades do campo científico, o dr. Fuchs foi preso em 1950, acusado de haver entregue segredos atómicos aos Russos. Este facto causou a maior emoção em todo o Mundo. Agora, o dr. Fuchs volta a dar que falar de si.

Segundo o jornal «The People», Klaus Fuchs dirigiu na prisão onde se encontra uma greve de protes-



to contra as experiências nucleares. Os setecentos detidos na prisão de Wakefield recusaram comer o almoço um dia por semana como sinal de descontentamento pelo facto de a Grã-Bretanha pretender fabricar a bomba H. Este movimento é atribuido á influência que o dr. Klaus Fuchs exerce sobre todos os detidos.

ESTADOS UNIDOS

O problema religioso nos Estados Unidos está longe de encontrar solução.

Até hoje, nenhum presidente dos Estados Unidos professava a religião católica. Manter-se-á a tradição? Eis a incógnita. Um candidato á presidência, o senador John Kennedy, não esconde a sua condição de católico...

A senhora Eleanor Roosevelt, viuva do grande presidente F. D. Roosevelt, declarou que os Estados Unidos haviam evoluido o bastante para encarar a eleição de um católico para a Casa Branca. «Mas— afirmou — se os Estados Unidos elegerem um presidente católico, será um homem capaz de manter a separação da Igreja e do Estado e não estou certa que o senador seja a personalidade indicada».

JAPAO

As relações entre o Japão e a Coreia do Sul, entraram agora em grave período de crise. A causa

imediata encontra-se no acordo, prestes a firmar-se, entre o Japão e a Coreia do Norte.

Em resultado deste acordo, os Coreanos residentes actualmente no Japão poderão ser repatriados, se assim o desejarem, para a Coreia do Norte. Mas a Coreia do Sul reinvindica o direito de jurisdição sobre todos os Coreanos onde quer que eles se encontrem e acusa o Japão de «trair os interesses do Mundo livre» de amesquinhar o governo de Syngman Rhee, de violar as promessas anteriormente feitas. Anuncia-se o corte de relações comerciais com o Japão.

A Coreia do Sul, afirma-se numa declaração oficial, está resolvida a empregar todos os meios, incluindo os militares, para impedir «a deportação» dos Coreanos do Japão para a Coreia do Norte. Do lado japonês replica-se que não se trata de deportação, visto que os Coreanos seguirão o destino que desejarem.

Esta crise é consequência de um longo período de tensão marcada por numerosas querelas. A principal foi, até agora, a questão dos direitos de pesca. Syngman Rhee proibiu aos pescadores japoneses a entrada numa vasta zona marítima que ultrapassa, em muito, o limite das águas territoriais. Uma autentica «pequena guerra» grassa nestas paragens entre frotas de pesca. Os pescadores japoneses aprisionados são depois levados para campos de concentração na Coreia do Sul.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

PRIMEIRO ESTAVA O PAI

devia contar já esta his-
Eu não tória... Ela faz parte dos meus arquivos, com a designação de *«para mais tarde»*. E compreende-se: intrigas shakespearianas, como é o caso da presente, não se topam todos os dias, sobretudo se aconteceram realmente na *incrível vida quotidiana*. Contava com ela para a velhice; no deserto silencioso duma banca de trabalho só minha, havia de fermentar aos poucos e poucos uma peça de teatro que me tornaria imortal.

devia, pois, contar já
Eu não esta história; e ao começar a projectá-la no papel sinto que faço qualquer coisa de muito parecido com o *receber por conta*. Poderia voltar atrás? Agora já é tarde: combinei com o meu reverendo amigo Tossan uma ilustração com três personagens: duas mulheres e um jazigo. Não há que arredar pé, portanto: na próxima semana tratarei então do caso da bailarina e dos *teddy-boys* de cabelos brancos.

devia localizar a minha
Eu não história shakespeariana. Mas reconheço que lhe faz falta a *cor local*. Por isso não olho a despesas de exactidão. A coisa passou-se no Caramulo, no sanatório X. Por uma tarde de Primavera (a Primavera é para os doentes uma estação com carreiras rápidas para o *outro mundo*) apareceu á porta do consultório do dr. P... um casal vestido rigorosamente de luto, com aparência de quarentenários. Recebidos, identificaram-se como pais da doente F... Queriam saber o seu estado, e o médico, que não apreciava as meias palavras, confessou que sim, que a coisa era grave.

devia... — acrescentou,
Eu não sempre de olhos distraídos sobre um reclame de calmantes de largo espectro. Nessa altura, porém, ergueu a cabeça e tropeçou no largo espectro escuro do trajo dos visitantes. Pelissou o sobrolho; ergueu uma sobrancelha (gesto muito dele, como todos sabem) e ficou-se a abanar a cabeça num sim-sim que traduziu uma frase muito sua consuetudinária: «Essa é de cabo de esquadra»!

devia — repetiu; mas já
Eu não com outra intenção — «Eu não devia perguntar-lhes... Mas estão de luto? Receio que a pequena se impressione. Compreendem, não é verdade? Quando a morte nos ronda, perdemos a coragem de lhe resistir ao verificarmos que outros se lhe renderam já». Os cônjuges cruzaram e recruzaram uma série de olhares e por fim o sujeito virou-se bruscamente para o médico, tomou uma atitude como se pretendesse desprender um braço das mãos da mulher e desequilibrou-se num abandono de timidez descomposta:

devia... Minha mulher...
Eu não Enfim, o senhor doutor. Mas emudeceu, porque a mulher lhe beliscava uma nádega. E então avançou ela, com ar decidido:

devia, quê? Porque é
Eu não que a gente não há-de contar as coisas? A verdade é uma coisa limpa, não acha, senhor doutor? — O senhor doutor continuava a sacudir a cabeça e a mulher contou que já esperavam que a filha estivesse por pouco, de modo que vinham mesmo assim, já vestidos a carácter.

devia... Quer dizer, eu
Eu não não tenho nada com isso... — avisou o médico — Mas acho que é um bocado forte. A pequena ainda está viva e nós não sabemos se não se salvará. Ponha a senhora na ideia que ela se salva... An?

devia... — procurou apa-
Eu não rafusar o marido, mas a mulher não permitiu: «Cala-te! Sabes bem que tudo quanto vier é ganho. Se a pequena se salvar, olha é como assim: forramos o que não contávamos. Mas pode dar para o pior e a gente mora longe... Tá a ver, senhor doutor o que é a gente morar longe e andar com a roupa ás costas?»—O médico ficou silencioso. Estava a pensar que faria tudo por tudo por enfrentar a morte que se avizinhava gulosamente da mocinha roída de cavernas. Tentar-lhe-ia novos pneumas, uma freno, um corte de costelas...

devia vê-la hoje; ainda
Eu não por lá passo esta tardinha — disse, para dar vazão á ansia que lhe entumescia os nervos. E ergueu-se, para findar com a entrevista.

devia dar um salto tão
Eu não grande, mas o meu espaço vital é pequeno. De modo que vou retomar a fiada quando F... — a mocinha candidata a falecida — passeia pelo quarto, vestida de ponto em branco, de sandálias e com uma palma de Santa Filomena á ilharga, tal qual um soldado quando se põe em sentido. Levantou-se há pouco da cama, o que bem se pode averiguar. Parou diante do espelho — um espelho de corpo inteiro que saiu do ventre dum guarda-fatos. Estuda várias posições; vira-se da esquerda e da direita; põe a palma para a esquerda e para a direita; fixa-se num ademane que mais lhe agradou e murmura:

devia ir de outra manei-
Eu não ra... Ná! Minha mãe tem de me fazer a vontade. Quero ir de Santa Filomena. Quero, pois! — e bateu com o pé. Ficou por uns instantes pensativa e não se sabe se ficaria assim durante muito tempo. A mãe entrou no quarto e a moça disparou precipitadamente:

devia ir de outra manei-
Eu não ra, mãe. Quero ir de Santa Filomena. Não me diga que não... Mas sorriu-se com alívio, pois a mãe não pôs obstáculos. Disse até com bom modo: «Pois há-de ir, filha! Porque é que não há-de ir? Até te fica muito bem...»

devia era ir sem meias.
Eu não Mãe! tens que me comprar umas meias brancas! A interlocutora admirou-se: *«Umas meias? Para que queres ter umas meias, não me dirás?»* — *«Ó mãe*—replicou a mocinha, cheia de mágoa — *então não vê que tenho tantos cabelos nas pernas?»* A senhora olhou sorridente: *«Ó filha, que tem isso? Rapas, filha, pois está claro que rapas... Iamos agora fazer uma despesa dessas»*... A donzela fitou o sobrado. Arredou, depois, a vista, num rompante, para cima da mãe:

devia... sim, mãe, eu
Eu não *acho que não devia e a mãe devia compreender. Não me fica bem ir com este vestido. Por isso espero que me compre um vestido branco, de seda. A seda é muito macia, mãe. Eu sempre gostei de a sentir na pele. E' um belo vestido para levar, um vestido de seda».* Mas a mãe não estava de acordo. Para quê uma despesa daquelas? Então *aquele* não estava *ainda* muito bom?

devia ter de lembrar isso,
Eu não *minha filha* — foi a censura final — *Que diabo! Olha bem para ti e hás-de concordar que o vestido ainda está em muito bom uso. Serve muito bem, filha, e vais uma Santa Filomena que até lá na terra haviam de ter inveja.* A rapariga já não ouviu o resto do discurso: girava em frente do espelho, com ar feliz, dando voltas e voltas á palma. Na verdade parecia mesmo Santa Filomena. Mas... Parou. E o jazigo? *«Mãe!»* — chamou.— *«Que dizes?»*—responderam do outro lado.

devia — teimou a jovem
Eu não impetuosamente — *Nem quero. Ah! mãe, falta-me o ar. Lá em baixo é que não... Promete-me, mãe, que não me metes no sarcófago! Vá, promete! Eu devia ficar cá em cima nas prateleiras, junto da avó. Prometes, sim?*

devia falar nessas coisas
Eu não — gotejou a mãe lentamente. — *Claro, que cá em cima só há uma prateleira»*, — *«E' para mim!»* — reivindicou a mocinha. — *«Não pode ser»* — objectou a outra. *«Onde queres que depois eu meta o teu pai? Diz lá, diz! Claro que lá em baixo está-se até muito bem. E' outro sossego, filha, outro sossego.*

devia — creio-o do fundo
Eu não da minha alma, continuar por aqui. Façam de conta que não disse nada. Mas que é uma estranha história, isso é. E verdadeira. Passou-se no Caramulo. No Sanatório X. E ela foi mesmo para o sarcófago e de Santa Filomena.

DIÓGENES

UM REFRESCO DE 1912

A's senhoras de 1912 recomendava-se o seguinte REFRESCO DO PARAISO

Toma-se um bom ananás, fresco, bem maduro, de grandeza mediana, descasca-se e corta-se em rodelas, tão delgadas quanto possível, que se vão colocando ás camadinhas numa taça funda de cristal, polvilhando cada camada de per si abundantemente com açucar em pó. Deixam-se assim estar durante uma noite, para que o suco se evapore, conservando, porém, a taça bem coberta e em sítio fresco.

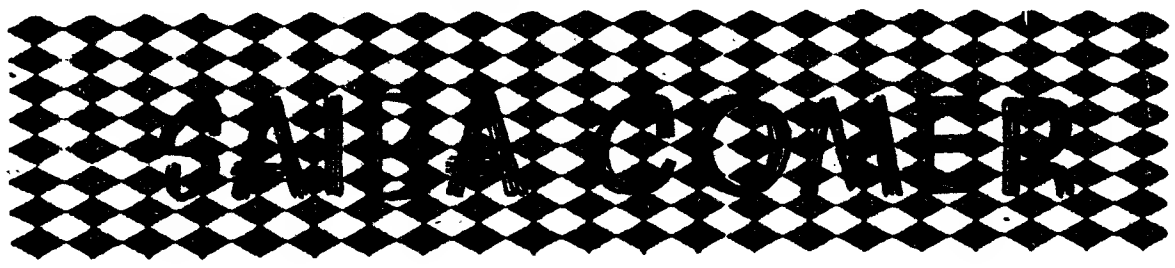
No dia seguinte, de manhã, regam-se com meia garrafa de bom champanhe. Preparam-se a seguir duzentos e cinquenta gramas de morangos dos mais perfumados e deitam-se, bem limpos e rolados em açucar, sobre as rodelas de ananás, devendo deixar-se estar tudo, seis horas pelo menos, a repousar, sempre com a taça tapada e em lugar fresco.

Um quarto de hora antes de se servir, toma-se um canjirão de laranjada (laranja espremida) á qual se misturam outra meia garrafa de champanhe e duzentos e cinquenta gramas de gelo, para se refrescar, mas num só bloco. Sobre a taça de cristal colocam-se também cinco ou seis pedaços grandes de gelo, acabando-se de a encher, no momento de a trazer para a sala, com mais meia garrafa de champanhe.

NOTA: — Deve ser a própria dona de casa quem se encarregue de servir este delicioso refresco e deve proceder da seguinte maneira: com um garfo apropriado e uma pá para morangos, um pouco côncava, irá pondo no fundo de cada taça de champanhe — distribuidas vazias aos convidados — uma rodela de ananás e uma meia pá de morangos, com uma pá bem cheia da calda da taça de cristal, acabando de as encher com o champanhe fresco, que se tem conservado no canjirão.

Esta receita é a transcrição completa sem alterações, incluindo a NOTA) da receita de 1912.

As nossas leitoras que vejam se não envelheceu e que nos digam alguma coisa.



Ainda e sempre as vitaminas

Uma das manifestações mais vulgares das avitaminoses é, com certeza, a cárie dentária, por um regime pobre em fósforo e cálcio que determinará um desequilíbrio mineral que só pode acentuar, ainda mais, a carência vitamínica, sobretudo da vitamina C.

A carência vitamínica manifesta-se, em casos frequentes e mais funestos ainda na piorreia; e esta faz-se sentir, em especial, nas pessoas de vida demasiado sedentária, longe do contacto directo do sol —

e o sol é um poderoso fixador de cálcio no organismo e um maravilhoso equilibrador dos diversos metabolismos; com a condição, claro está, de ser usado com bom senso.

Os sais de cálcio, mal utilizados e em excesso, ao contrário de beneficiarem, pelo contrário vão acumular-se no colo dentário, faltando no osso do dente, que amolecerá e se tornará friável. O micróbio instalar-se-á então como vencedor e dá começo a uma infecção que terminará na destruição.

E não é apenas o sofrimento que a doença traz; não é apenas a questão estética — são ainda as multiplas doenças mais ou menos perigosas que os doentes podem provocar.

O essencial do tratamento deste mal, são as vitaminas. A extracção dos dentes não passa de um paliativo; o mesmo acontece com as pontas de fogo.

A infecção gengival desenvolve-se sobre um terreno de antemão preparado, seja por mau funcionamento do fígado, seja por preguiça intestinal, seja ainda porque os rins eliminam vagarosamente.

Ora este equilíbrio pode garantir-se por um tratamento de vitaminas. Mas se toda a sua alimentação for orientada no sentido de garantir este equilíbrio vitamínico, pode ter a certeza, caríssima leitora, de que o metabolismo mineral não sofrerá perturbações.

Não esqueça que os frutos frescos ácidos (laranjas, limões, etc.) e os legumes verdes são elementos que *nunca* devem faltar na mesa de quem se alimenta racionamente.

Não coma por comer. *Coma o que deve comer.* E agora que estamos no Verão, a contas com o calor, não esqueça as saladas, saladas variadas de toda a espécie, os legumes verdes cozidos, os frutos frescos! Não esqueça que, no cesto das provisões, a senhora transporta a sua saude e a dos seus. Pense antes de comprar, pense antes de organizar as ementas de cada dia, pense antes de cozinhar. Deixe a complicada culinária para os dias de festa; faça, usual e quotidianamente, uma alimentação racional, comendo só o que lhe faz bem. E de maneira que lhe saiba bem.

3 RECEITAS

CENOURAS PRIMAVERIS

Derreter 50 gramas de margarina, juntar 250 gramas de cebolinhas novas e deixar cozer lentamente, sem alourar, deitar uma boa porção de cenouras novas, salgar, apimentar e acrescentar com uma colher de sopa de água. Deixar cozer lentamente. Numa frigideira á parte cortar toucinho entremeado em fatias, deixar dourar um pouco, e juntar 1 quilo de ervilhas tenras, e uma colher de sopa de água. (Bastam 30 minutos de cozedura lenta). Dispor numa travessa, em coroa, primeiro as cenouras, depois as ervilhas e, no centro, as cebolinhas.

Para tornar mais fresca esta salada, coloque, em volta, folhas tenras de alface e rodelas de tomate bem vermelho.

FRANGO LOURO

Cortar um bom frango em pedaços. Numa caçarola contendo 75 gramas de gordura derretida, deitar os pedaços de frango e deixar alourar, lentamente. Salgar e apimentar. Juntar um copo de vinho fino, tapar o tacho e deixar cozer lentamente durante uma hora.

Se quiser, uma vez que estamos na época deles, acompanhe o frango com espargos que preparará da seguinte forma:

Branquear os espargos durante 5 minutos, escorrer bem, depois acabar de os cozer em manteiga, com o tacho destapado, durante 20 minutos. Momentos antes de tirar do lume juntar azeitonas pretas descaroçadas e partidas em pedacinhos.

Deitar o frango num prato, ou travessa, rodear com os espargos e as azeitonas. Acrescente o molho, deitando na água da cozedura do frango meio copo de vinho fino fortemente aquecido e juntar um pouco de manteiga. Deitar sobre o frango.

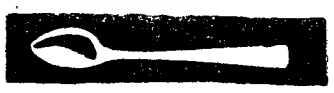
MORANGOS EM CREME

Preparar um quilo de morangos bem maduros, mas inteiros. A parte faça o creme seguinte: Misturar dois ovos inteiros, quatro gemas, 50 gramas de manteiga préviamente derretida em banho-maria e 100 gramas de açucar e, pouco a pouco, 100 gramas de farinha. Lentamente, deitar nessa mistura dois copos e meio de leite fervido com um pau de baunilha. Juntar 100 gramas de amêndoas piladas. Engrossar sobre fogo lento, cerca de 3 minutos apenas. Deixar arrefecer, mexendo sempre. Cobrir os morangos com este creme. Enfeitar com morangos e amêndoas inteiras. Gelar, se possível for.

Conseguirá, cara leitora, uma sobremesa deliciosa e de bela aparência.

Uma moda que não devia desaparecer

Os pediatras do hospital de Toronto procuram a causa da recrudescência do escorbuto nos lactantes e chegaram a esta conclusão que deve alertar as mães: a substituição do sumo de laranja pelas vitaminas sintéticas estaria na base deste aumento do escorbuto que desde alguns anos se vem verificando nos bebés. A «moda» do sumo cedeu lugar, infelizmente, ás vitaminas preparadas sinteticamente. Nada como a «Natureza» para um bom equilíbrio. Por isso a Vitamina C a administrar aos bebés, deve ser dada nos sumos de laranja ou tomate.



O uso e abuso dos xaropes

Os xaropes para a tosse contêm, em geral, narcóticos que são perigosos e podem intoxicar as crianças. Sobretudo nequelas crianças de tosses rebeldes ou crónicas cujo uso de xaropes se torna em abuso.

À primeira vista nada tem com a alimentação...

Pois não, mas tem com os sacos de plástico em que guardamos os alimentos. Nunca devem ser dados ás crianças para brincarem. Muitas vezes, os pequenos se entretêm a enfiar neles a cabeça. O hálito pode fazer colar o plástico á face e muitos casos de asfixia se têm registado, pois o saco funciona como uma verdadeira máscara impermeável ao ar.

As vitaminas

Sendo uma das aquisições mais preciosas da moderna medicina, elas têm, também, seus perigos. Podem tratar-se, na verdade, rapidamente, certas afecções por meio das vitaminas, pois trata-se de um medicamento muito activo e poderoso. Mas mesmo estas qualidades devem ser administradas com uso limitado. Um abuso pode ter sérias consequências.

Convem utilizar rigorosamente

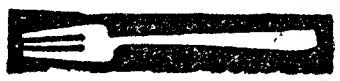
as vitaminas medicamentosas apenas sob prescrição médica e sem ultrapassar as doses receitadas.

Procure antes uma alimentação sadia, em que as frutas e as saladas tenham o primeiro lugar.

O colesterol

O colesterol é um dos corpos gordos do sangue. E' a célula hetática que intervém na sua síntese e é a bílis que a elimina.

Normalmente presente no sangue, pode contudo tornar-se excessivo ou insuficiente. O perigo do excesso de colesterol deve alertar todas as pessoas depois dos quarenta anos. Fugir ás gorduras, procurar alimentos naturais — saladas e frutas — fazer exercício diário não excessivo — eis o regime dos maiores de quarenta anos.



O colesterol é o responsável por todas as perturbações vasculares graves.

Faça chuva ou faça sol

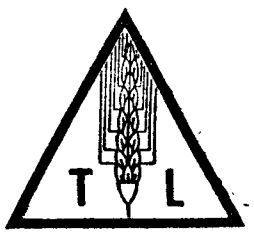
Já pode lavar e secar a roupa com a

ALBA CYGNUS

... A máquina que LAVA E SECA A ROUPA ...

Com ALBA-CYGNUS LAVAR e POUPAR

Uma representação



PARA A COMODIDADE E A ECONOMIA DO LAR MODERNO

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NOS STANDS DE

Frigaz

R. Maria, 43-C — Telefone 84 91 07

SABE COMER QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

BELO HORIZONTE

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

SOLAR BOÉMIO

R. dos Correeiros, 125-129—T. 25277

A GAIVOTA

L. do Corvo Santo, 4 e 5—T. 21588

FLOR DE SÃO PAULO

Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 28017

TODAS AS VANTAGENS DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

LUZES DA CIDADE

(Continuação da 1.ª página)

rido lhe andara a gritar toda a manhã, ao menos eu que compreendesse.

Aborrecia-me aquele contratempo, a manhã perdida a passear pelo cais, só porque uma senhora anafada se queria atulhar de pastéis! Verifiquei que me exaltava e isso nada serviria, pois tinha de esperar por eles.

Com o espírito bastante azedado pela demora, ás 11 e 30 vejo chegar um taxi com a família Almeida. O marido de garrafão na mão e a minha amiga carregada de cestos e embrulhos, deixando cair uns e outros para dar mão aos filhos, autenticos diabretes aos pulos. Corri em auxílio da senhora, amaldiçoando o carrego que me atiravam para as mãos, e perguntando-me se com tantas vitualhas iriamos dar um passeio á praia ou socorrer algum regimento de famintos. Mas, enfim, iamos partir e talvez agora tudo corress bem. Entrou-se com dificuldáde no barco: encontrões, equilibrios prodigiosos sem podermos usar as mãos, apinhados uns em cima dos outros e os garotos inquietos a debruçarem-se na amurada, o que provocava gritos lancinantes da mãe.

O barco avançava lentamente, seguindo a rota marcada pelas boias que se aproximavam e logo desapareciam esquecidas para trás.

Quando, a meio caminho, me absorvia na contemplação do voo rítmico das gaivotas, ora descendo a pique para rasarem a água, ora subindo para pairar lá no alto, e admirava a costa a revelar-se aos poucos na intensidade da luz do dia, fui desperta por um grito agudo de pena, desespero, aflição. Voltei-me rápidamente e vejo D. Ifigénia de mãos postas, chorando, pedindo que parasem o barco, porque dois embrulhos le tinham caído á água. Suspirava — Ai as minhas ricas empadas! e os pastelinhos? — O marido gesticulava furioso, pois do que ele mais gostava era de pastéis de bacalhau e agora, por culpa dela, iamos morrer de fome. Procurei serenar os animos, mostrando-lhes o cesto e mais dois embrulhos, fora um saco de tamanho razoável que certamente satisfariam o nosso apetite. Em vão! o dia estragara-se e ninguém se ia atrever a desembarcar numa praia distante onde não haveria provisões necessárias.

Nesse momento tive medo. Sim, os meus amigos não queriam gozar os beneficios da Natureza, o brilho do sol, o ar tonificado, desejavam apenas comer mais abundantemente que nos outros dias num cenário diferente, para digerirem os preciosos cozinhados á sombra de uma árvore ou de um toldo.

Quando o barco acostou procurei arrastá-los para a camioneta, convencê-los de que talvez em breve não tivessemos outro dia igual áquele e era necessário aproveitar. Nada consegui, porque os meninos vorazes queriam comer e as emoções sofridas tinham aberto o apetite ao casal.

Tragou-se o lauto almoço num jardim raquítico, rico apenas da brisa que vinha do rio e acendia no peito uma saudade imensa de paragens longínquas, desérticas, onde não hóuvesse amigos a convidarem-nos para estupidas passeatas, com banquetes pantgruélicos. Os meus amigos dormiram a sesta e eu fugi para um miradouro, a mirar de longe o que não via, a imaginar o que seria um autentico passeio que me libertasse das toxinas acumuladas durante meses.

O regresso fez-se ao entardecer, no momento em que afluiam ao barco os ditosos que, de rosto corado e expressão feliz, tornavam mais vivo o malogro da nossa excursão, cansados, moídos, aborrecidos, nem trocávamos palavra. O marido da D. Ifigénia devia ainda pensar nas empadas que perdera. a minha amiga tristonha, alhava-me desolada e nesse olhar compreendi que, apesar de tudo, conseguira emergir do seu desgosto estomacal para pensar na falta da promessa que me fizera.

Aproximávamo-nos do fim do nosso cruzeiro. Os primeiros pontos de luz iluminavam Lisboa: o ceu, de tom esbatido, mostrava ainda do lado do sol, um clarão dourado, a esmorecer lentamente como uma esperança que morre.

Despedi-me da família Almeida. A sensível D. Ifigénia pedia-me desculpas e prometia-me um passeio diferente e melhor noutro dia. Não, Deus me livre!

Só me senti tranquila, liberta, feliz enfim, quando abri a janela do meu quarto, tal como fizera de manhã, e longe de ruidos, clamores, abracei num olhar de enlevo o casario da cidade, os anuncios luminosos a piscarem uma gama colorida, a fita azul do Tejo que a lua nascente enchia de brilhantes.

Lembrei-me então do dia que passara no rio e ao recordar a minha santa amiga e as suas tragédias (que ela me perdõe!) fui tomada de um riso sem fim, enérgico, divertido e saudável.

DULCE REBELO

A MORTE DO DIABO

(Continuação da 1.ª página)

ça rija de carnes e mole de miolo. Não arredava pé o «Mendes Fadista»! As piadas dos outros respondia com um requebro ou um palavrão. O taberneiro parecia gostar dele, talvez porque fosse o melhor dos fregueses e fazia vista grossa aos beliscões nos braços rijos da Amélia e ouvidos de mercador aos seus gritinhos tardios.

Disse fama de valentão mas não fujo á verdade ao afirmar que o «Mendes» foi a pessoa mais supersticiosa que até hoje conheci. Por isso é que gostava tanto do fado...

Era por aqui que devia começar a minha narrativa mas, prendem-me áquele monte negro que ajudei a escavar tantas recordações que sempre se atropelam e como as contas do rosário precisam ganhar ordem. Contudo, prometo, agora, ir direito ao fim...

Foi numa noite fria e chuvosa de Inverno...

As cartas, corriam de mão em mão a um canto da taberna e as palavras saiam peganhentas, repetidas da boca dos jogadores. O Mendes era parceiro do dono da loja e o Silva, do Pinto do Correio.

Fora do balcão alguns homens bebiam e o «Esguelho», um carpinteiro que emborcava copo atrás de copo, contava histórias de aparições.

Mais uma vez o Arrependido clamou. O Mendes não atinava com o que fazia. Olhava de soslaio o «Esguelha», esvasiava o copo e pedia gracejando num tom amarelo:

—Oh menina Amélia já tenho a candeia outra vez ás escuras.

—Vi sim. Com estes dois. Eram uma porção de diabos vestidos de encarnado.

—Tu viste mas foi ar — atirou com azedume um homem que estava sentado num barril vazio.

—Não acreditas, vinde comigo uma vez. Andava á lenha lá p'ra eira dos Bastos e ouvi dar meia noite no relógio da aldeia. Apareceram como se viessem do fundo da terra e começaram a dançar em volta de mim. Um tinha uma harmónica de beiços e era o mais danado de todos.

Não sabia o que fazer á vida mas depois lembrei-me e gritei «ai Jesus». Se não fosse o esconjuro ainda a estas horas estariam bailando.

—Grande bebedeira tinhas nessa noite, ladão! — exclamou um operário mais velho.

Uma gargalhada rouca rebentou como se fosse uma bomba. Só o Mendes é que não achou graça.

—Também é mentira que a Má-Hora apareceu ao pai da Augusta dois dias antes dele esticar o pernil?

—Também é mentira? — insistiu o «Esguelha».

—Menina Amélia já cá estou ás escuras e gritou para fora — e, voltando-se para o outro, bebam e deixem-se de lérias.

Um a um os operários foram deixando a tasca. Por fim só restavam os parceiros das cartas. Sei que nessa noite o Mendes preferiria dormir ali, com os cotovelos fincados na banca do jogo a olhar espaço a espaço, a janela da quelha julgando descortinar não sei bem o quê.

Mas não, não iria sòzinho. Esperou que o Silva ganhasse alento e lá foi com ele rua fora como um cão preso a uma corda.

No largo da escola, o Silva, parou para acender um cigarro. O vento apagava-lhe os fósforos...

—Não acredito em nada do que diz o «Esguelha»!

—Eu também não — murmurou o outro numa voz sumida.

O vento açoitava a copa das árvores e assobiava de um modo sinistro.

—Não se vê um palmo adiante do nariz.

Um estalido de qualquer coisa a partir-se e o Mendes tremeu abalado.

Naquela noite, nem o alcool lhe dava qualquer espécie de conforto.

Parou um momento, de ouvido á escuta. Nada a não ser o uivar dum cão. Arripiou-se, abriu a navalha que trazia no bolso das calças. Gostaria que o companheiro falasse, que quebrasse aquele silêncio mas o Silva era homem de poucas palavras.

O vento insistia esbofeteando a rama dos pinheiros e o caminho, naquele escuro de breu, parecia não ter fim.

O barulho de uma corrida, um baque e um corpo de encontro ás pernas do Mendes.

Cegou. Num salto ganhou distancia mas, o que era insistia. A navalha saiu da algibeira e os golpes sucederam-se.

Um gemido profundo, como o de um agonizante gelou os dois homens e o Silva indagou, depois de vencer o medo.

—O que foi?

—Matei-o!

—O quê?

—Matei-o sim. Matei o diabo — respondeu o «Mendes Fadista» tremendo de medo.

Apertaram o passo e até á chegada á fábrica nada mais ouviram... E quando, á luz dum candeeiro, viram a faca ensanguentada mais se convenceram. Sim, o «Mendes Fadista», tinha morto o Diabo.

Foi o Silva quem me contou isto sem que falhasse sequer um pormenor.

Quinze anos passaram sobre aquele segredo que ficou entre os três. Por coincidência, na manhã seguinte á morte do Diabo, apareceu também morto o porco mais gordo de Ana dos Prazeres, uma viuva que morava junto da aldeia e tinha alguma coisa de seu.

VI

PRIMO Augusto:

Nós cá ficamos, em bem. Venho hoje escrever-lhe por mor de querer ir morar p'rá cidade. Calcule o primo que a vida está aqui impossível e deu-se a pouca sorte da minha seara ser inundada por uma tromba de água, daquelas que só em dois dias dão cabo do trabalho de um ano inteiro. O primo sabe como estas coisas se dão na nossa terra: sem haver Sol, não se curam os queijos e os barros tornam-se terrenos sem virtude; sem haver chuva, as courelas ficam aleijadas, mirram, empalidecem e quem paga somos nós, que ficamos abandonados, sem haver ninguém que nos valha nestas crises. Custa vir-lhe pedir uma colocação nos seus trabalhos da cidade, primo, mas acontece que eu, mais a minha irmã, somos pessoas que gostamos de cumprir as nossas obrigações, sem ficarmos atrás de parvo nenhum, e não podemos aguentar-nos mais tempo nesta incerteza. Temos a casa que está alugada por uma renda barata ao Simplício dos Tijolos e a seara, calcule, já não tem salvação possível. O trigo mal cresce e já vamos em Janeiro e algumas raizes que furaram a terra, mostram-se tão amarelas, doentes e apodrecidas, que é um dó d'alma vê-las... O primo Augusto conhece o fenómeno, a maldita alforra adivinha-se nisto tudo e quando vier o Maio, já nada se aproveita destas malfadadas labutas. Vou vender a seara p'rás pastagens. Perco a semente, que muito cara me custou, mas paciência, que hei-de eu fazer? Olhei para trás e para á frente, a desafiar a porca da vida e vi que na minha vila não sei fazer mais nada do que tratar de uma pequena lavoura. Só ao primo Augusto eu confiei esta cisma e para me tirar desta atrapalhação toda. Quero ir para a cidade, pronto, quero experimentar a vida da cidade, para onde têm abalado, nos ultimos anos, tantos dos meus conhecidos, mordidos pelo mesmo mal do meu. Há aqui um moinante que me ia matando por causa da pobreza duma codorniz. Furou-me o chapéu com muitas bagadas de chumbo e por um pouco ia dando cabo de mim. Pagou-mo, valha a verdade, porque eu não sou peco em pedir o que me pertence, honradamente. Mas o caifaz, já ficou a gemer o sacrifício e um dia, estava ele cheio de

V

«NÃO posso, senhor cabo, deixar que a minha terra seja enxovalhada por um estranho. Eu já tinha razões de queixa desse homem. Duma vez ia-me matando quando atirava a uma codorniz. Viu o pássaro e nem soube se estava á frente dele uma árvore, se um ser humano. Furou-me o chapéu. Pagou um novo porque eu não sou pessoa que deixe os meus créditos em mãos alheias. Exigi-lhe contas. Agora, mal me viu, gritou, do fundo da adega:

—Eh! patego, a tua irmã está boa?!

O senhor cabo sabe muito bem como as coisas se fazem cá na casa onde moro. Cheguei-me ao pé do abusador e perguntei, ainda assim com muita calma:

—Mas que tens tu com a vida honrada de minha irmã, Afonso Linhó?! Tenho muito, ela ainda há-de ser minha!

Pronto, sr. cabo, foi o fim do mundo. O sangue veio ao-de-cima, tomou-me da cabeça até aos pés. Parecia que a minha casa estava a arder e eu tinha de a salvar. Montei-me no barco do meu feitio, ah! ladrão que dou cabo de ti, ah! ladrão que vais engulir a ofensa. De modo que o ia matando, valha a verdade. Está bem, compreendo que não lhe havia de fazer tanta mossa. Mas diga-me, se algum estranho lhe falasse da família e ainda por cima começasse a rir, a fazer mangação, o que fazia vossemecê? Troquei ofensa por virtude, ora aí está! Ele também me ia mandando prós anjinhos, só com a diferença que quem pagou foi o meu chapéu de estimação, que vinha do tempo do meu falecido pai, e foi o que mais me doeu, acredite. Ele agora ficou sem os dentinhos da frente e cortei-lhe a língua, para ver se doutra vez a tem mais curta e menos abusadora. Aí está o meu crime. E' consigo, sr. cabo. Faça o que quiser da minha pessoa. Não sou criatura para fugir ás responsabilidades. Sou de Sam Jacinto, terra de gente boa e trabalhadora e de chão encarnado. Não tenho feitio para envergonhar ninguém!

O sr. Lopes teve um certo tempo a pensar, ora punha as mãos na testa, ora as tirava, antes de me dar uma resposta. Eu sabia ser ele uma pessoa séria e cumpridora. A sua posição era ingrata. Antes de me ouvir

Variações sobre velhos temas

por ALFREDO BRÁS

A natureza humana não mudou, ou pelo menos, os poucos milénios de história vividos pelo homem ainda não chegam para tornar perceptível qualquer mudança. Mas, não obstante a psicologia e fisiologia do amor se tenham mantido constantes, a maneira de amar variou tanto nos ultimos tempos que dir-se-ia não existir sombra de parentesco entre o ardente sentimentalismo amoroso do século passado e o frio realismo amoroso do nosso tempo.

Ninguém já proclama, como o fez Musset: «amo e quero empalidecer, amo e quero sofrer». Os jovens de hoje, pelo contrário, pretendem afastar do amor todo o sofrimento e também, o que me parece bastante perigoso, todo o constrangimento.

Não sou admirador do histérico masoquismo á Musset e lamento muito os sofrimentos despecessários que o amor-paixão, unica forma de amor então considerada legítima, impôs aos nossos avós e aos nossos pais, mas confesso que gosto ainda menos do comércio amoroso leviano e um tanto sórdido da actual juventude.

A um excessivo constrangimento respondeu-se com uma desmedida liberdade, um absurdo sentimento de superexcitação culposa foi substituido por uma desregrada facilidade capaz de roubar ao amor todo o encanto e todo o interesse. Musset e Sagan — eis os polos de duas absurdas concepções amorosas que parece não terem em vista a complexidade da natureza humana, nem as exigências da vida social, nem tão-pouco a felicidade dos homens.

O sentimento amoroso é a resultante da oposição entre um impulso instintivo e uma resistência social que age sobre o indivíduo por meio de imperativos éticos. Sem um certo equilibrio das duas forças em conflito, não há felicidade possível; mas sem a presença de uma delas, torna-se impossível o próprio amor.

E' muito provável que os jovens acabem por verificar que, como escreveu Aldou Huxley, «a saciedade sem obstáculos destroi, não só a paixão, mas também a própria distração» e venham a arrepiar caminho ainda a tempo; mas se assim não suceder, caminharemos inevitávelmente para uma época de frio e desinteressante comércio amoroso e a vida humana será privada do seu maior encanto.

* * *

Não, amigo leitor, não quero de modo algum armar em moralista, nem tão-pouco consigo simpatizar com nenhum género de ascetismo. Lamento mesmo bastante a esteril luta travada por tantos homens com vista ao aniquilamento de uma parte de si próprios e custa-me a admitir a ideia de que alguém possa julgar-se na obrigação moral de ser abstémio, misóginos ou vegetariano se nisso não vir um evidente benefício para a saude. Mas, no caso de ser a doença a determinar o sacrifício, recuso-me terminantemente a aceitar que os males do fígado ou as inibições funcionais possam, de alguma maneira, constituir uma virtude superior. Nietzsche achava que um doente não tem o direito de ser asceta, por ser fácil demais, e não há duvida que se tivermos em conta a má saude de Pascal nos será muito mais difícil aceitar a sua ascética metafísica, certamente derivada das constantes nevralgias, das insónias e da dispepsia que o torturavam.

Afirmava Blake, o grande poeta inglês, que só se consegue conter um desejo quando ele é bastante fraco para ser contido, e há nisso uma certa dose de verdade. Mas se, tal como tem sucedido como muitos infelizes candidatos ao ascetismo, pretende forçar-se uma natureza sádia, rica e generosa a adoptar um estilo de vida só conveniente para débeis e inválidos, então — é a psicologia moderna quem no-lo afirma — o excessivo recalque dos desejos produz os mais lamentáveis disturbios. Já, porém, muito antes das descobertas de Freud, a intuição poética do mesmo Blake tinha descoberto que:

«Aquele que deseja mas não age,
[gera pestilência.
A abstinência recobre de areia
os membros rubros e os cabelos fla-
[mejantes.
Mas o desejo satisfeito
Semeia os frutos da vida e da be-
[leza».

E' evidente que uma irrestrita satisfação dos desejos individuais, sem ter em conta as limitações éticas impostas pela necessidade da vida social, seria ainda mais reprovável e perigosa do que um estreito ascetismo. Há, no entanto, disso estou certo, a absoluta possibilidade de criar seres humanos felizes e uma sociedade estável, sem amputar o homem de instintos, desejos e paixões e também sem nele diminuir ou anular o espírito e a vontade consciente. E se duvidais que assim seja, dai-vos ao trabalho de ler a admirável descrição da Atenas do século V feita por Péricles na sua oração funebre pelas primeiras vitimas da guerra do Peloponeso e verificareis que esse sábio equilibrio vital já chegou a ser parcialmente conseguido em vários momentos da história humana.

Afirmou Pascal que «o homem foi feito visivelmente para pensar», mas isso não me parece assim tão visível. Parece-me antes que ele foi feito para viver plenamente com espírito e pensamento, carne e desejos. Porque o corpo disso estou certo, não é um mero acidente e ainda menos, como querem os ascetas, um acidente lamentável.

A grande vitória do homem será a de aceitar-se simplesmente humano como é, mas sabendo que poderá vir a sê-lo de um modo harmonioso e perfeito.

Ah! Esquecia-me de referir dois dos principais motivos da minha invencível antipatia pelo ascetismo. E' que os ascetas são pessoas intolerantes e tristes. Intolerantes para com as suas próprias fraquezas e, com muito maior razão para com as alheias. Tristes, porque não podem conseguir amar uma vida que eles próprios ajudaram a transformar num inferno. E eu considero a tolerancia uma grande virtude e amo de tal maneira a vida, apesar das suas imperfeições, que não posso deixar de sentir uma grande alegria de viver.

* * *

Há muito que me ensinaram a não acreditar na unidade do homem. Aprendi-o com Montaigne e Shakespeare, com Blake e Dostoiewsky, com Gide e Fernando Pessoa; mas aprendi-o ainda muito melhor com a própria vida.

E' por não se disporem a aceitar com lucidez e decisão a sua «condição humana», por quererem a todo o custo refrear artificialmente a sua natural diversidade, que os homens se tornam mais fracos, mais infelizes e, também, mais crueis. E o asceta é por excelência o homem que busca trágicamente essa impossível unidade, o homem de um unico princípio, como foi Pascal.

Montaigne foi o primeiro dos modernos a aceitar e a proclamar a diversidade da natureza humana. Dizia o autor dos «Ensaios» que «todo o homem leva em si a forma inteira da humana condição» e isso parece-me bem definidor da «humana condição» e isso parece-me bem definidor e verdadeiro. Mas os misticos de todos os tempos têm feito um bicho de sete cabeças dessa tal «humana condição». Para eles o homem tem necessáriamente de ser isto ou aquilo e nunca, simultaneamente, isto e aquilo, mesmo que para consegui-lo se corra o risco de fazer dele um ser completamente inadaptado e infeliz.

E, no entanto, se metafísica não consistisse, como afirmou F. B. Bradley, «em encontrarem-se más razões para aquilo em que acreditamos por instinto», teria sido fácil aos místicos verificarem que toda a possibilidade de progresso humano está justamente nessa diversidade, nessa luta de forças contrárias, embora encerradas nos limites de um certo equilibrio. Já Heraclito tinha notado que Homero se enganara ao desejar que se extinguisse a luta entre os deuses e os homens, porque se a sua prece fosse atendida todas as coisas desapareceriam. Ambicionar uma mística unidade, uma completa coerência dos homens, será o mesmo que aspirar ao aniquilamento da vida, porque os unicos seres absolutamente coerentes são os mortos.

Quanto a mim, confesso que prefiro os indivíduos um tanto contraditórios, um pouco incoerentes e até mesmo ligeiramente ilógicos, mas humanos, integralmente humanos e cada vez mais humanos.

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL, LDA.

leia (não pode deixar de ler) → A ÁRVORE DA NOITE por Truman Capote → A ÚLTIMA ALDEIA por André Chamson → Próximamente A CAPITAL DO MUNDO por Hemingway

tinha convocado testemunhas, o Zé Bento, o Fortunato, o Calcinhas e todos lhe disseram a mesma coisa, que eu tinha carradas de razão. Entrara na adega do tio Inácio muito sossegado da minha vida, a trautear uma cantiga, «ai meu lindo amor, ai, ai...» — e não provocara ninguém.

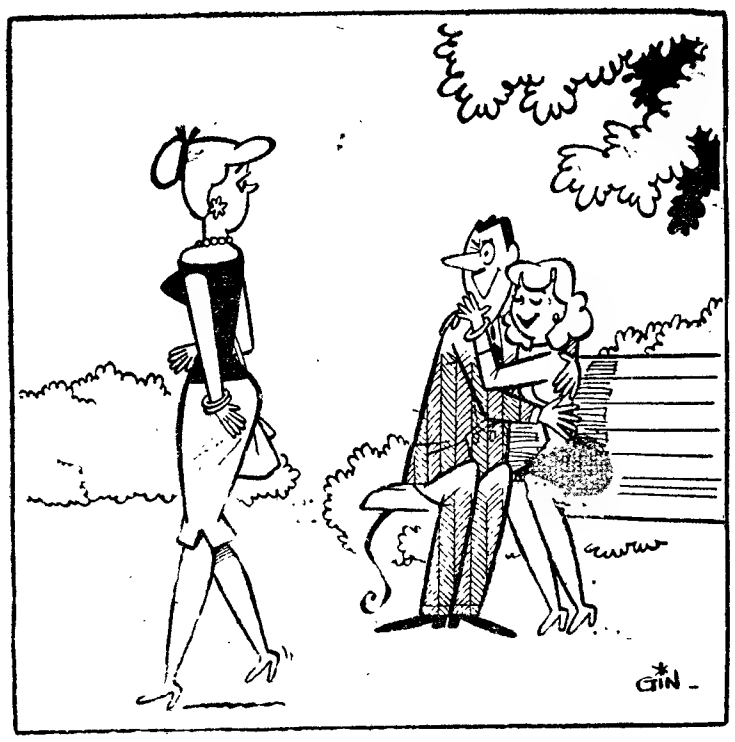
Pois o sr. Lopes, o cabo, acabou por me dizer, depois de espalmar as duas mãos em cima da sua secretária cheia de papelada:

«António Moreno, raio de feitio o teu, que ferves em pouca água! Tenho muita pena, mas tens de pagar os curativos ao Afonso Linhó. Isto era caso para tribunal. Ele ofendeu-te, ninguém duvida disso e tu, se tivesses tido mais calma, vinhas queixar-te ao Posto, que é para casos dessa natureza que nós aqui estamos. Não quero o teu mal, mas a lei tem de ser cumprida, sob pena de isto cair numa anarquia dos diabos. Para tudo ficar sanado, pagas os curativos ao homenzinho e oxalá que vocês nunca mais embirrem um com o outro, porque então o caso muda de figura. A tua acção foi reprovável, António. Se não te segurassem, eras capaz de ocasionar um caso fatal. E depois? Como é que descalçavas essas botas? Vai para casa, meu diabo, mas exijo. percebes?, exijo que pagues os curativos ao Afonso!»

Que grande sermão. Eu estava, realmente arrependido do acto. Não se deve bater num homem bêbado, mas afinal que se deve fazer quando um malandro qualquer ofende a família de cada um? A honra da minha irmã é sagrada! Enquanto eu for vivo, não admito que ninguém a enxovalhe, porque a vi nascer, andei com ela ao colo e somos filhos dos mesmos pais. Não é isto o bastante?

Mas o meu desgosto, senhores, o meu maior desgosto, é ver as minhas dívidas aumentadas. Estou bem arranjado... Trezentos escudos só na loja, uns poucos de contos de réis á Caixa Agrícola e com o pequeno rendimento das casas que herdei dos meus avós, que rumo darei á vida? A seara, só a seara me poderá salvar de tantos encargos, mas um diluvio de água caiu na pobre da terra semeada e eu estou a adivinhar que a minha safa está em ir-me embora. Sinto que me custa, é o mesmo que me baterem no coração, tirarem qualquer coisa da minha alma, mas tenho de ir-me embora. Vou escrever ao meu primo Augusto. Vou abandonar a vila, meu Deus!... Tenho de cuidar do futuro da minha irmã. Por ela farei tudo que me for possível. É só arranjar um bocadinho de coragem.

FLAGRANTE



— Por favor, querido, repete-me isso de que não pensas senão em mim.

BALANÇO DE UM DOMINGO

Choques de automóvel	5
Transformações de uma ribanceira num parque automóvel	3
Desordens por causa da bola, sem vias de facto	19
Idem, com vias de facto	6
Outras bebedeiras	54

PARES

No tempo da monarquia e da Camara dos Pares foi feito membro daquela camara um ilustre senhor que tinha um irmão gémeo.

Assim que teve conhecimento do facto, o irmão que tinha ficado de fora, procurou o outro e invectivou-o:

— Então eu fui bom para vir ao Mundo contigo e não sirvo para ir ao mando a teu lado.

E o outro desculpou-se:

— Deus faz as almas aos pares mas não faz os pares em duplicado...

DEFINIÇÃO

O pavão é um galo de grande gala.

O PODER DELAS

— Se não estás sossegado para a próxima vez não te trago!

A verdade dos provérbios

Todo o burro come palha a questão é dar-lha enquanto está verde.

*

Quem mente cai-lhe um dente por isso há tanta gente com dentadura postiça.

*

Quem se mata morre cedo mas ás vezes acodem-lhe e está tudo estragado.

*

Mulher doente, mulher para sempre gastar dinheiro que ela não vale.

Bom tempo

Bom tempo! Bom tempo!

Sabe-se lá o que é o gom tempo!

Para os velhos o bom tempo foi o mocidade.

Para a infancia e a juventude o bom tempo é aquele em que já se pode ir a toda a parte sem mostrar o bilhete de identidade

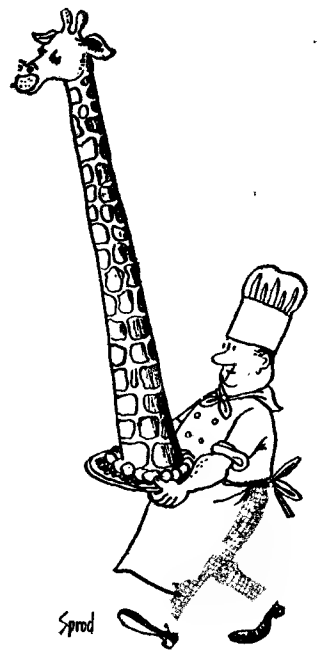
Para o lavrador, bom tempo é o tempo de chuva que faz crescer o nabo, a cenoura, a seara e a «burra».

Para os brincalhões dos piqueniques bom tempo é um dia de Sol nas hortas.

Para os bêbados bom tempo é o tempo do vinho novo e da água-pé.

Para a criada de servir bom tempo é o tempo de chuva torrencial quando a patroa a manda fazer um recado muito longe e muito chato e ela aproveita aquela abertura para não sair.

ALTA COZINHA



Um grande prato do dia.

GENEBRA

Quando querem as potências
Que haja paz em toda a Terra
Reunem-se em conferências,
Esgotam-se as paciências
E aquilo é mesmo uma guerra

Não há tiros, é verdade,
Nem mortes, nem ferimentos,
Nem qualquer outra maldade,
Porque em tal conformidade
Só disparam argumentos.

Mas é uma guerra pegada
Sem a trégua dum minuto,
Cada um co'ela fisgada
De não ceder mesmo nada
Fechado no seu reduto.

É por isso que as nações
Metidas nestas baralhas
Co'as melhores intenções,
Em certas ocasiões,
Travam perfeitas batalhas.

Que paradoxo se encerra
Nesta conf'rência falaz
Que precisa tanta guerra
Para que esta pobre Terra
Possa enfim viver em paz!?...

A. F.

Uma desconfiança

— Sabes uma coisa? Não me parece que o António esteja só a tomar xarope!

LOCUTAR

Locutar e um exercício de língua. No funtebol é a língua atómica, com velocidade incrivel, tão velocidade e tão incrivel, que não se percebe nada dos pontapés que se dão a não ser os pontapés na gramática.

A propósito disso...

— A Polícia prendeu o empregado bancário que fez um desfalque de 500 contos.

— Agora por isso, o teu marido ainda está no banco?...

*

— A minha mulher está engordando muito. Tem cada perna.

— Ah! Mas ficam-lhe muito bem. A propósito: ainda ontem fui ver os elefantes ao Coliseu e gostei muito.

*

— O Casimiro matou a sogra...

— A propósito disso: a sua sogra ainda é viva?

*

— A sua esposa, apesar da idade ainda está muito interessante.

— Pois está. Você tem ido ao Jardim Zoológico?

*

— Eu sempre fui uma pessoa de bem e tenho um grande escrupulo no pagamento das minhas contas.

— Agora por isso: ainda tens o mesmo alfaiate?

Cena enternecedora

Dois ladrões numa esquina escura esperam a passagem do milionário que querem assaltar. Um relógio bate meia-noite e meia-hora.

— Mas quê, tu não disseste que ele vinha sempre para casa á meia-noite?

— Disse, sim, tenho a certeza. Oxalá que não lhe tenha acontecido nada de mal.

Conhecimentos úteis

Os ovos são pintos prefabricados. São uma espécie de pessoas que já nascem com um feitio marcado. Aquele feitio de O é só para disfarçar...

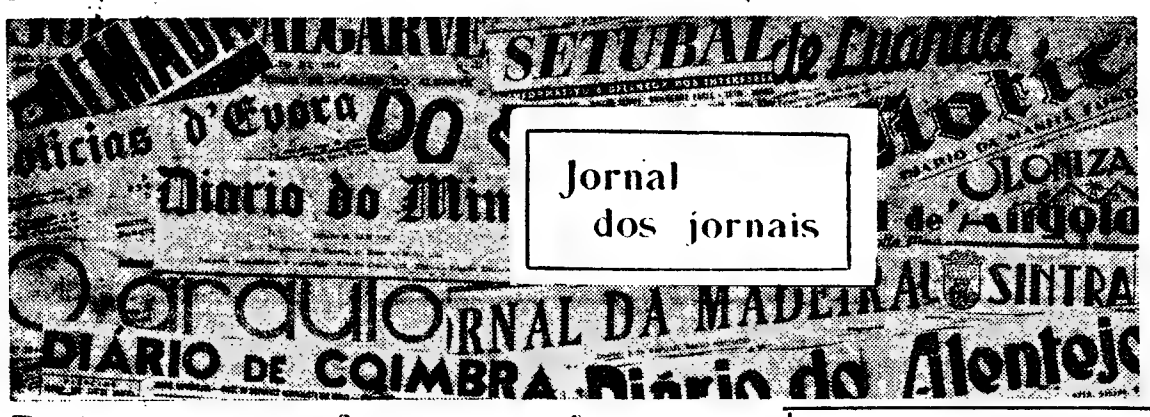
A MAIOR MENTIRA

— Que estão a fazer com esse cão?

— Abrimos um concurso. O que disser a maior mentira leva-o para casa.

— Isso é muito feio. Os meninos não devem mentir. Quando eu era rapaz nunca mentia.

— Manecas! Dá o cão a este senhor...



Jornal dos jornais

A loucura do transito em Lourenço Marques

O problema do transito, uma vez mais, está em foco na nossa cidade. Nada do que respeita á arrumação de carros, aos cruzamentos com mais ou menos sinalização, á prioridade de passagem, ou outros no género. Esses são importantes, sem duvida. Não nos cansaremos de batalhar para que uma eficiente regularização os apanhe de frente, mas, neste momento, queremos focar, principalmente, as velocidades e a inconsciência de alguns condutores de «máquinas», algo desequilibrados, que andam á solta pela cidade.

Senhores da polícia, por favor, sejam implacáveis! Estejam álerta contra os abusadores da vossa benevolência. Não haja contemplações para quem desrespeita as leis do transito e a segurança do seu semelhante.

Nós, que andamos pela cidade, a todas as horas, porque é esse o nosso serviço, porque somos repórteres, portanto com responsabilidades para com a cidade que quer estar informada do que se passa, podemos afirmar que andam loucos á solta, sobre motos e ao volante de viaturas de todos os géneros. Temos visto verdadeiros milagres de perícia por parte dos que provocam e dos que evitam acidentes. Temos visto acidentes mesmo, bem evitados, com um poucochinho de senso e de respeito pela lei.

Ontem mesmo se verificou um desastre mortal num dos locais de maior movimento de Lourenço Marques. Várias opiniões estão de acordo contra o condutor «assassino»; outras opiniões dirão que a culpa foi do peão. O que é certo, porém, é que uma nova vítima do transito há a registar. E, com um pouco mais de cuidado, talvez se pudesse ter evitado.

Apelamos para a polícia de transito de Lourenço Marques. E' altura, talvez de ela começar a pôr de parte a benevolência, e entrar no campo do rigor e da implacabilidade. Assim como está, não. Anda inconsciência de mais á solta, e com a vida de cada cidadão não se brinca. Para isso existe a autoridade, que é afinal um instrumento da Lei.

(Notícias *de Lourenço Marques*)

Novos aquartelamentos na Madeira

O novo quartel do Batalhão Independente de Infantaria n.º 19, com os seus oito edifícios e os seus sessenta mil metros quadrados de superfície, constituirá um conjunto, que uma vez concluido honrará a Madeira e permitirá á juventude da nossa terra o cumprimento do serviço militar em condições de conforto e de eficiência que contribuirão para torná-lo agradável.

A importancia deste conjunto é tal, que o primeiro dos edifícios já em adiantada construção, destinado a casernas, custa 13.000 contos e o segundo já começado, para sede do Comando, biblioteca e serviços administrativos, é da ordem dos três mli contos.

Dificuldades várias, cuja resolução importa de todos, maior compreensão, têm tornado lenta a conclusão dos novos aquartelamentos do B. I. I. 19, inciativa a que ficou indissoluvelmente ligada a figura do sr. brigadeiro Eduardo Pires, grande amigo da Madeira, e pela qual se interessaram os seus ilustres sucessores no Governo Militar do arquipélago. O volume desta obra, que ocupará um numero considerável de operários e constitui um importante melhoramento para o distrito, bem merece que se destaque como mais um benefício do Estado Novo, que neste caso se impõe, por vir ao encontro de prementes necessidades do Exército, na Madeira.

(*Voz da Madeira*, do Funchal)

Os "carolas" do Algueirão

A direcção da progressiva colectividade que se chama Recreios Desportivos do Algueirão, em colaboração com mais alguns dedicados amigos da terra, vem executando trabalho digno dos mais francos elogios. Há pouco tempo ainda festejou a colocação de tacos e a introdução de outros melhoramentos no salão de festas, e vai abalançar-se a outra iniciativa, esta de maior vulto, pois consta da edificação de um anexo destinado ao funcionamento do Posto Médico e Sopa dos Pobres que a instituição mantém há muito, com as vantagens que julgamos desnecessário encarecer.

O terreno foi cedido pela Camara e o projecto já está aprovado. E como o entusiasmo não falta áquela meia-duzia de «carolas» e é bem conhecida a generosidade do bom povo do Algueirão, não nos custa a crer que em espaço não muito longo, o Posto Médico e a Sopa dos Pobres funcionarão em edifício próprio e nas melhores condições.

(*Voz de Sintra*)

Géneros baratos ... em Braga

Os principais géneros no mercado semanal, que ontem se efectuou, tiveram a seguinte cotação: batatas quilo, 1$20 e 1$30; cebolas, 1$40; cenouras, 4$00; favas, $50; ervilhas de greiro, 2$00 e cerejas 3$00 e 4$00 o quilo. Os ovos venderam-se a 7$50 a duzia.

(Diário do Minho, *de Braga*)

Sairam-lhes caras as laranjas

Há dias um grupo de miudos conseguiu subtrair de uma camioneta de laranjas que normalmente estaciona no Campo das Hortas, algumas unidades deste saboroso fruto. As laranjas faziam parte de uma carga por conta de Bernardino dos Santos Duarte, casado, acidentalmente nesta cidade e residente em Torres Novas.

O dono das laranjas não perdoou aos miudos e daí uma participação na P. S. P. contra um grupo de miudos da Rua de D. Gualdim que agora irão pagar as laranjas por um preço demasiadamente caro. Claro, os pais, evidentemente...

(*Correio do Minho*, de Braga)

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

Macadame

A palavra macadame já, praticamente, assimilada pela língua portuguesa e abonada até pelo uso que dela fez Cesário Verde num luminoso poema em que descreve as ruas de Lisboa, significa um sistema de empedramento por meio de granito e saibro, recalcados com um cilindro. O que, porém, muita gente ignora é que tal termo vem do nome do inventor desse processo — Mac Adam —, um engenheiro escossês que, em 1811, viu adoptado o seu sistema de reparação de estradas pelo parlamento britanico, sendo depois nomeado curador das rodovias do território de Bristol. Quem acaso se lembra de tal ao pronunciar hoje correntemente neologismos já aceites como macadamizar e *macadamizado?!*

O quarto de hora de Rabelais

A expressão «o quarto de hora de Rebelais», referente a esse mau bocado que todos nós passamos, após um excelente repasto ou uma roda de bebidas, nalgum restaurante ou bar de luxo, quando a conta ameaçadora se aproxima, ainda dobrada e misteriosa, num prato ou numa pomposa bandeja, essa expressão tem a sua origem num pitoresco incidente histórico, ocorrido, já se vê, com o próprio Rabelais. Encontrava-se este em grande embaraço financeiro (de onde a associação) na cidade de Lyon, sem dinheiro sequer para pagar a ceia na hospedaria onde se instalara. Engenhoso como era, logo arquitectou, porém, um plano de emergência. Mostrando aos circunstantes um frasquinho enigmático declarou que ali se continha o veneno bastante para libertar a França do seu rei, que bebia o sangue do povo. Tratado como um prisioneiro de categoria, foi Rebelais prontamente conduzido á presença de Francisco I, que se divertia imenso com a credulidade dos bons burgueses de Lyon e com a imaginação fecunda de Rabelais, que com ele, como é óbvio, ceou nessa noite principescamente...

Gualter, Guilherme e Guilhermino

Os nomes próprios Gaulter (ou Walter ou Gautier ou Vautrin), Guilherme (ou William ou Wilhelm) e Guilhermino, têm todos eles origem comum no germanico, cuja consoante velar inicial — W — passou a Gu em toda a Romania, excepto na Lorena, no Franco-Condado e no dialecto dos Grisões, onde permaneceu v.

Lyon ou Lião e não Leão

E' frequente depararmos com a grafia Leão aplicada á cidade francesa de Lyon (Lião na nossa língua de acordo com a etimologia e com a própria tradição linguística). E porque deve ser assim — Lião e não Leão? Muito simplesmente porque o substantivo comum leão deriva do acusativo latino *leone* (m) o grande carnívoro, que nada tem a ver para o caso, enquanto o topónimo francês vem da palavra *Lugdunum*, cuja origem, por vezes, se encontra no primeiro nome do cônsul *Lucius* Muratius Plaucus, que se aglutinou ao vocábulo *dunu(m)*. Daí *Lucdunum* e posteriormente Lugdunum, Lugdum, Luun, Lyon (a que só pode equivaler a forma lusa Lião). O mesmo vocábulo *dunum* se encontra noutros topónimos franceses como *Autun* e *Laon*, aparentemento muito diversos.

X.

A volta ao Mundo (6)

Grã-Bretanha

SURPERFÍCIE—244.002 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO—51.221.000 habitantes CIDADES PRINCIPAIS — LONDRES (capital, 9.835.000 habitantes)) Birmingham (1.119.000), Glasgow (1.090.000), Liverpool (790.000), Manchester (703.000), Sheffield (513.000), Leeds, (505.000), Edimburgo, capital da Escócia, (471.000), Belfast, capital da Irlanda do Norte, 450.000).

GOVERNO—O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte é uma monarquia constitucional. O soberano actual é Isabel II. O monarca e o seu Governo, á frente do qual se acha o Primeiro Ministro, exercem o poder executivo, respondendo perante o parlamento constituído pela Casa dos Representantes (630 membros) e pela Casa dos Lords (892 pares nomeados pela Rainha ou a título hereditário). O chefe da oposição ao Governo tem posição oficial, percebe o salário de ministro. Tanto a Escócia, com o Norte da Irlanda gozam de certas autonomias administrativas, judiciais e educativas.

CLIMA—O clima britanico é em geral humido e frio, e em Londres o característico nevoeiro (fog) constitui um problema sanitário difícil e por vezes perturbador da vida urbana.

MAIOR MONTANHA — O ponto mais elevado da Grã-Bretanha é o Ben Nevis, de 1.343 metros de altitude. O país é em geral muito acidentado.

RIOS—Os cursos de água são de curta extensão, como é próprio do território insular, e muito profundos. O rio Severn tem 356 quilómetros de curso, o Tamisa 330 quilómetros, o Trent, de 273 quilómetros. A Escócia tem muitos lagos, sendo o mais vasto o Longh Neagh de 388 quilómetros quadrados.

ARTISTAS — Os principais pintores ingleses são: John Constable (1776-1837), T. Gainsborough (1727-1788), Thomas Lawrence (1769-1830), Joshua Reynolds (1723-1792), J. Turner (1775-1851).

O maior escultor contemporaneo é Henry Moore.

ESCRITORES — Os principais escritores são: William Shakespeare (1564-1616), John Milton (1608-1674), Lord Byron (1788-1824) na poesia; e Francis Bacon (1561-1626), Charles Dickens (1812-1870), George Elliot (1819-1880), T. Macaulay (1800-1859), W. Thackeray (1811-1863), Rudyard Kipling (1865-1936,) George Bernard Shaw (1856-1950).

MUSEUS — Os grandes museus de Londres são: British Museum, repositório de artes, letras e ciências, e o National Gallery, galeria de pintura.

CAMINHOS DE FERRO — 31.771 quilómetros de vias férreas.

ESTRADAS — 295.800 quilómetros.

AGRICULTURA — Nos campos trabalham 1 milhão de pessoas no cultivo de cereais e legumes e na pecuária, que abrange 10.907.000 bovinos, 23.594.000 ovinos, 5.474.000 suinos e 950.000 equideos.

INDÚSTRIAS — Além das industrias derivadas da pecuária, muito desenvolvidas, a Grã-Bretanha é um país industrialmente muito desenvolvido na construção naval, minas de carvão, pesca, automóveis, siderurgia, máquinas, vidros, produtos químicos e generos alimentícios e tabacos.

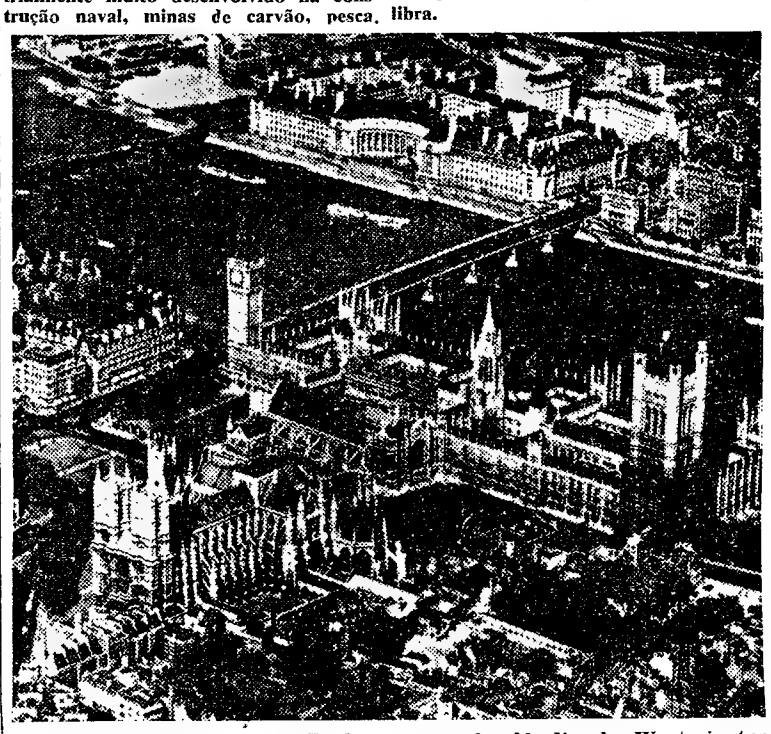
O Big-Ben, que dá a hora mais exacta da Europa, é um dos símbolos de Londres

EDUCAÇÃO — O ensino é obrigatório entre os 5 e os 16 anos. As escolas primárias têm 5.536.000 alunos. No ensino superior há 21 universidades, sendo as mais antigas e célebres as de Oxford (fundada em 1168) e a de Cambridge (1224).

RELIGIÃO — Há liberdade de culto, mas a religião oficial é a da Igreja protestante anglicana, na Inglaterra e presbiteriana na Escócia. O monarca «Defensor da Fé» nomeia os bispos na Inglaterra e é o chefe da Igreja anglicana.

LÍNGUA — A língua oficial e geral é o inglês, hoje em dia a língua mais universalizada do Mundo. No País de Gales fala-se também o galês.

MOEDA — A unidade monetária é a libra.



Vista aérea das Casas do Parlamento e da Abadia de Westminster, junto do Tamisa

A figura da semana

General de Gaulle

O chefe do Estado francês está a causar justificado panico entre os aliados do seu país, com as audaciosas iniciativas que tem tomado a ultima das quais consistiu em pôr abertamente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha perante um dilema que lhes é impossível resolver satisfatóriamente. Ou reconhecem á França o direito de ser, como eles, uma potência atómica, devendo entender-se por esta expressão o direito de fabricar e ter armas nucleares, ou o seu Governo não assumirá novos compromissos no quadro da aliança atlantica recusando-se a cumprir alguns dos que assumiu no passado.

Os Franceses não dispõem de meios e recursos para alcançar aquele objectivo. Seria, portanto, indispensável que os seus aliados lhos fornecessem — dinheiro, técnicos, instalações. Não é natural, e sob certos aspectos não lhes é mesmo possível, fazê-lo. Uma lei restritiva, que data de 1946, a lei Mac Mahon, proibe ao Governo dos Estados Unidos transmitir, seja a quem for e sob que pretexto for, segredos atómicos. E sem o conhecimento destes, nada pode fazer-se de util nesse domínio. A França tem, é certo, cientistas ilustres, mas isso não lhe basta para recuperar o caminho percorrido nos ultimos quinze anos pelos outros, além de que o dispêndio de dinheiro para o conseguir atingiria proporções incompatíveis com os seus actuais recursos financeiros, gravemente afectados pelo prolongamento da guerra da Argélia.

Apesar de tudo, o general de Gaulle não parece disposto a renunciar ás suas intenções, abertamente manifestadas, o que está a ser causa de embaraços que, com o tempo, se não atenuarão e que, pelo contrário, tenderão a aumentar. Que fazer portanto? O que está em causa é, mais do que as relações entre a França e os seus aliados, a própria sorte da aliança atlantica pois se não vê muito bem como esta resistirá á provação a que a submeteram os dirigentes franceses com as suas reivindicações.

Curiosidades

A Constituição da Suécia é a mais antiga em vigor na Europa. Baseada numa experiência de séculos (diz-se que a história da Suécia está escrita em parágrafos legais), comemora-se anualmente o seu advento no dia 6 de Junho, data a muitos títulos notável para os habitantes da grande democracia nórdica, pois foi precisamente aquela em que, após uma guerra de libertação, o jovem nobre Gustav Vasa, posteriormente conhecido como «o arquitecto do reino sueco», foi eleito — em 1523 — rei do país das noites claras.

✱

Para conservar os ovos de pata, há vários processos e todos eles vêm de longe. Escolha sempre os de casca mais firme e meta-os em água de cal ou numa dessas especialidades comerciais com idênticas propriedades (o processo é antigo). Depois, pode imergi-los num banho de parafina, tendo o cuidado de os colocar préviamente num cestinho de arame. A parafina veste assim a casca dos ovos com uma leve película que obstrui todos os poros. E os deliciosos ovos de pata conservar-se-ão por tempos e tempos...

Turismo e turistas

TURISMO MISTERIOSO — A irmã do rei Saud da Arábia, a princesa Ahmud Bintę Adul Aziz, visitou recentemente Veneza. De acordo com os costumes do seu país, apareceu com a cara tapada por um longo véu, o que deve ter levado os incautos a pensar que se tratava de uma medida contra o mau cheiro dos canais de Veneza...

TURISMO MUNDANO—Elsa Maxwell, a famosa cronista da sociedade cosmopolita que tem feito a vida á custa do seu veneno (com mais sorte do que a marquesa de Brinvilliers!) acaba de declarar que a França é o país ideal. Tempos atrás, a mesma jornalista dissera: «Vou aconselhar os turistas americanos a não voltarem á França». Razão dessa crise passageira de mau humor: 260.000 francos de multa, numa alfandega.

TURISMO SEMI-REGIO — Eva Esfandiari, mãe da ex-imperatriz da Pérsia, declarou recentemente: «A questão dum eventual casamento nunca foi abordada entre Soraya e Orsini». Talvez, porque, como os jornalistas revelaram ultimamente, o principe Orsini é gago...

TURISMO RÉGIO — O príncipe Henrique de Hesse, considerado o ultimo pretendente da princesa Margarida (o quinquagésimo quinto, segundo cronistas italianos) encontra-se doente, preenchendo o seu tempo a pintar o retrato da princesa.

De uma semana para a outra

Dia 13

EM PORTUGAL — O Santo António foi comemorado em todo o País. Em Lisboa houve 25 casamentos na igreja de Santo António, á Sé. No Estoril assistiu ás festas o sr. Presidente da Republica ✱ Chegou a Lisboa o marechal do ar «sir» William Dickson, chefe do estado-maior da Defesa da Grã-Bretanha ✱ A Lisboa chegou o chefe do estado-maior das Forças Armadas Belgas que vem para conferências com o Secretariado da Defesa Nacional.

NO ESTRANGEIRO — O Governo francês mantém a decisão de mobilizar os ferroviários se for seguida a recomendação da greve ✱ Em Londres, a rainha passou revista ás guardas, no dia do aniversário real ✱ Anuncia-se que o Paquistão mudará a sua capital ✱ Em Espanha prevê-se uma lei especial para manter a ordem publica.

Dia 14

EM PORTUGAL — Encerrou-se em Lisboa a Feira das Industrias Britanicas ✱ Em Santarém encerrou-se a Feira do Ribatejo ✱ O Benfica venceu o campeonato nacional de juniores, em futebol ✱ Em Pombeiro da Beira foi inaugurada uma cantina escolar ✱ Em Lisboa reuniram-se os antigos alunos do Curso Superior de Letras ✱ Em Vendas Novas foi colhido o novilheiro Armando Soares.

NO ESTRANGEIRO — Nos meios diplomáticos prevê-se para breve a suspensão da Conferência de Genebra ✱ Um tufão provocou 32 mortos e grandes prejuizos, em Hong-Kong ✱ O chefe das operações rebeldes da Nicarágua declarou terminadas as operações.

Dia 15

EM PORTUGAL — O ministro da Marinha, ao falar á Armada, falou do problema da substituição dos navios envelhecidos ✱ No S. N. I. foram entregues os prémios literários e artísticos referentes a 1958 ✱ O sr. Presidente da Republica teve a almoçar representantes da Imprensa ✱ Partiu para Moçambique o ministro do Ultramar ✱ O governador geral de Angola regressou a Luanda, após uma visita oficial a S. Tomé ✱ Uma tromba de água causou muitos prejuizos no concelho de Vila Flor.

NO ESTRANGEIRO — A reunião da Conferência de Genebra nada adiantou ✱ Os sindicatos ferroviários franceses desistiram da greve ✱ Anuncia-se que o candidato cristão-democrata á presidência da Republica Alemã é o ministro Webke ✱ Na cidade indiana do Kesala alastra a revolta, havendo muitos mortos.

Dia 16

EM PORTUGAL — Na Avenida da Liberdade, desfilaram batalhões da Marinha, lembrando a travessia aérea do Atlantico Sul ✱ O ministro da Marinha assumiu interinamente a gerência da pasta do Ultramar ✱ O ministro do Ultramar teve calorosa recepção em Luanda ✱ Em Lisboa começaram as conferências luso-belgas sobre questões militares ✱ Considera-se perdido o arrastão «Marquês de Nisa», encalhado em frente á praia da Granja ✱ A legação portuguesa em Berna e a legação suiça em Lisboa foram elevadas a embaixadas.

NO ESTRANGEIRO — Em Cuba o regime de Fidel Castro toma precauções com receio de levantamentos adversos ✱ Os jornais espanhois falam de conjuras para derrubar os governos do Bloco Peninsular ✱ No Congo Belga verificam-se novos incidentes de indígenas contra europeus ✱ Em desastres ferroviários nos arrabaldes do Rio de Janeiro registaram-se 14 mortos ✱ Em Genebra, os Ocidentais entregaram um documento definitivo ao delegado russo.

Dia 17

EM PORTUGAL — Anuncia-se que o cardeal-patriarca de Lisboa se encontra em franca convalescença após doença de certa gravidade ✱ Na Baía de Cascais, o sr. Presidente da Republica passou revista aos navios de guerra ✱ Regressou a Lisboa, após a visita a Moçambique e Angola, o sr. embaixador dos Estados Unidos ✱ Tomou posse o bastonário da Ordem dos Médicos, reeleito, prof. Jorge da Silva Horta ✱ Na Assembleia Nacional terminou o debate na generalidade sobre alterações á Constituição ✱ O ministro do Ultramar foi recebido em Lourenço Marques, com aclamações.

NO ESTRANGEIRO — Na Argentina o governo manifesta preocupações quanto ao agravamento da situação ✱ Dolores Carrusi, «La Pasionária» da guerra de Espanha, reapareceu agora na Rádio de Moscovo ✱ Em Genebra Gromyko pediu 24 horas para estudar a nota ocidental ✱ O presidente da Nicarágua disse que Fidel Castro preparava nova invasão do seu país ✱ Anuncia-se como possível um próximo encontro de Eisenhower com de Gaulle.

Dia 18

EM PORTUGAL — A Assembleia Nacional aprovou as alterações á Constituição. ✱ O Presidente da Republica esteve em Vila Viçosa, visitando o Castelo e o Palácio Ducal. ✱ Na reunião da C. M., o presidente, brigadeiro França Borges, anunciou que o Município vai construir em Monsanto zonas de turismo e campismo, uma piscina, campos de jogos, auditório para teatro ao ar livre. ✱ Em desastre de viação, perto de Vila Franca, ficaram feridas 21 pessoas. ✱ Chegou a Lisboa, a convite da Fundação Gulbenkian, o sr. Sayed Abid-el-Jadir, director-geral dos Petróleos do Iraque. ✱ O ministro das Comunicações visitou os portos do Douro e Leixões.

NO ESTRANGEIRO — De Espanha dizem que se malogrou o apelo á greve geral. ✱ Na Argentina parece haver certa tensão entre o presidente Frondizi e as forças armadas. ✱ A rainha Isabel e o duque de Edimburgo chegaram á Terra Nova.

Dia 19

EM PORTUGAL — A Assembleia Nacional apreciou o artigo da Constituição relativo aos poderes do Chefe do Estado. ✱ Partiu para Berlim a selecção portuguesa de futebol. ✱ Faleceu o médico dr. Chaves Ferreira.

NO ESTRANGEIRO — A cidade de Durban está práticamente em estado de sítio. Cincoenta mil manifestantes lutam com as forças armadas. ✱ O governador da Louisiania fugiu da clínica psiquiátrica em que se encontra internado. ✱ Rebentaram bombas em Havana. ✱ O Senado americano não aprovou a escolha de Lewis Strauss para secretário do Comércio feita pelo presidente Eisenhower. ✱ Em Genebra, André Gromyko apresentou novas propostas soviéticas.

O banho de sol científico

aconselha-se aos fanáticos da bela cor bronzeada

Principia amanhã o Verão do calendário. Já a canicula, aliás, estende o seu manto de fios entorpecentes sobre os corpos que nos areais se oferecem ao ar, ao Sol, á envolvência dos azuis marinhos. E o Estio anuncia-se ardente. O êxodo para as praias começou e os banhistas, as mulheres em especial, procuram na carícia de Apolo, mais do que o benefício dos raios ultra-violetas (esses raios oblíquos da manhã e da tardinha) o bronze forte e rápido da torreira, a cor dourada da moda...

Simplesmente, acontece que a acção das radiações solares sobre a epiderme pode ter, quando excessiva, efeitos nocivos, desde a vermelhidão escaldante ás queimaduras dolorosas, bolhas e descamação. Por outro lado, a pigmentação da epiderme, provocada por essas radiações, é influenciada por certo numero de factores variáveis, tais a própria sensibilidade individual da pele, que nem sempre se presta ao bronzeamento directo, e a intensidade dos raios solares.

Os fanáticos desse belo tom moreno de cobre que é da praxe nos casinos e nas estancias de Verão têm, pois, de ter cuidado, se não quiserem sofrer as consequências da sua sofreguidão.

Uma revista médica de Paris — «Les feuillets médicaux» — publicou recentemente um estudo baseado no trabalho de três sábios franceses sobre o «banho de Sol científico», calculado em minutos graças aos novos filtros solares do tipo F 29/31, conforme a latitude do lugar, período do ano, hora do dia, estado da atmosfera e intensidade da reverberação. Essa missão científica, que mediu a acção bronzeante dos raios ultra-violetas sobre a nossa pele permite estabelecer o seguinte gráfico para a latitude média de Portugal.

	10 H.	12 H.	14 H.	16 H.
JUNHO				
3.ª sem.	88 min.	52 min.	52 min.	88 min.
JULHO				
1.ª sem.	90 min.	54 min.	54 min.	90 min.
2.ª sem.	90 min.	54 min.	54 min.	90 min.
3.ª sem.	92 min.	58 min.	58 min.	92 min.
4.ª sem.	94 min	60 min.	60 min.	94 min.
AGOSTO				
1.ª sem.	96 min	62 min.	62 min.	96 min.
2.ª sem.	98 min.	64 min.	64 min.	98 min.
3.ª sem.	100 min.	68 min.	68 min.	100 min.
4.ª sem.	102 min.	70 min.	70 min.	102 min.

Assim, com um cronómetro de precisão e um filtro solar moderno, todos poderão, doravante, durante as férias, adquirir a cor de Apolo e gozar os prazeres sãos da praia, do espaço, do calor, do mar...

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças ano-rectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h
Prof. Dr. Alen Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

Cogumelos venenosos

Os frequentes casos de envenenamento provocado pelos cogumelos impõem a prudência a quem os colhe e, sobretudo, a quem os come. Muitas vezes, por falta de cuidado, esse alimento delicioso adequa-se perfeitamente ao dito popular «era doce, mas amargou», fazendo o desespêro dos «gourmets» e dos apreciadores.

Acreditou-se, durante muito tempo, que uma moeda de prata bastava para denunciar os cogumelos venenosos, se escurecesse enquanto eles eram cozidos. E' uma ideia falsa.

Para distinguir os cogumelos inócuos dos venenosos, convém lembrar que estes ultimos têm sempre uma volva (tunica ou membrana que os envolve antes de se desenvolverem), embora também sejam providos dela algumas espécies inofensivas como a «oranga». E', no entanto, este o primeiro passo para a distinção. As espécies venenosas, que o são devido a uma toxina (a falina ou amanite-tóxica), reconhecem-se, de resto, com certa facilidade, pelas suas características. A mortal amanite falóide é, quase sempre, cor de azeitona ou esverdeada, algumas vezes esbranquiçada, e aparece geralmente no campo, durante o Verão e o Outono. A fim de verificar a existência da volva, deve desenterrar-se cuidadosamente o cogumelo, evitando quebrá-lo.

Os amanitas da Primavera, de cor alvacentas, que são também venenosos, confundem-se ás vezes com uma espécie comestível. Porém, os dessa qualidade, os agáricos, não têm volva.

A toxina referida, que torna estes cogumelos altamente perigosos, resiste a um calor de cem graus, pelo que não é fácil extinguir-lhes os efeitos.

Nos casos de envenenamento, recomendam-se injecções de soro artificial e estimulantes como o café.

LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO ✱ LEITURA DE SABADO

Nem sempre os espertos enganam os tolos

Texto integral do conto de **MICHAEL HERVEY**

RELANCEANDO os apontamentos sobre a secretária, disse-lhe o grande homem, com um sorriso complacente

—Penso, senhor... senhor Tremlow que ficará satisfeito por saber que resolvemos admiti-lo ao nosso serviço!

O senhor Tremlow era um homem novo, com o aspecto de pessoa de inteligência curta. Vestia um fato limpo, mas que deixava bem perceber a sua necessidade de conseguir um emprego qualquer. Tomando aquele ar humilde e embaraçado de quem fica muito reconhecido, agradeceu. Depois, acrescentou, em tom decidido:

—Hei-de fazer todos os possíveis para que nunca tenha de se arrepender da sua decisão!

O grande homem tornou a sorrir, sempre benevolente, com um gesto de concordancia, e disse-lhe:

—Como viu pelo anuncio, o lugar é delicado, de carácter absolutamente confidencial! E o que lhe vou dizer deve ficar em rigoroso segredo, apenas entre nós...

O jovem senhor Tremlow olhou para o outro indivíduo que ali se encontrava, um homenzinho insignificante, emurchecido, enroscado no unico «maple» da sala.

Logo o grande homem explicou:

—Este é o senhor Webbling, investigador da firma. Como sabe, o nosso negócio é o fornecimento de ourivesaria!...

O senhor Tremlow não sabia, mas acenou com a cabeça, como se o não ignorasse, e o outro prosseguiu:

—A nossa especialidade são os anéis de casamento, que se vendem nos estabelecimentos pela modesta soma de duas libras. Fornecemo-los aos ourives com a condição de não poderem ser vendidos por mais do que essas duas libras, mas há negociantes sem escrupulos que não cumprem o estipulado, e sabemos até de estabelecimentos em Londres onde os vendem a cinco libras. E é aqui que começa o seu trabalho. O senhor Webbling é muito conhecido nesse meio, e por isso não podemos encarregá-lo do assunto.

O insignificante senhor Webbling fez com a cabeça um gesto de assentimento, e o grande homem continuou a industriar Tremlow:

—Ora, a sua missão consiste em obter as provas necessárias que nos habilitem a proceder contra eles.

Uma pequena pausa e o importante sujeito prosseguiu:

—Para agir a fim de alcançar o nosso objectivo, tem aqui a lista dos suspeitos. Com este dinheiro que lhe vou dar, vai a cada uma dessas lojas para adquirir um anel. Dirá que está disposto a despender até três libras e meia e, provàvelmente, por essa importancia, vender-lhe-ão um dos nossos anéis de duas libras. Compra-o e não dirá nada, fazendo de conta que é um vulgar cliente. Percebeu bem tudo isto?

O senhor Tremlow respondeu ainda afirmativamente com a cabeça, sem tirar os olhos do maço de notas de cinco libras que o grande homem colocara na sua frente.

—Estamos, então, entendidos. Vá tratar de adquirir os anéis e volte quando se lhe acabar o dinheiro!—concluiu o grande homem, que, dando uma palmada amigável nas costas do senhor Tremlow, o foi empurrando em direcção á porta.

✱ ✱ ✱

Mal a porta se fechou, o ínfimo Webbling desenroscou-se do «maple», e levantando-se, exclamou:

—Diabos me levem se percebo alguma coisa disto! Foste dar tanto dinheiro a um tipo destes que parece andar a dormir! Com certeza que não estás bom de cabeça, Al!

—Não te aflijas, pois regulo muito bem! — respondeu o grande homem, com um largo sorriso e acendendo um charuto —. Escolhi-o precisamente por me parecer pouco esperto! E, quanto a confiar-lhe o dinheiro, bem sabes que o destino das notas de cinco libras é a coisa mais fácil de averiguar. Só um parvo tentaria roubá-las. Este tipo pode não ser muito esperto, mas, contudo, não é tão tolo como parece...

— Talvez tu tenhas razão — replicou o outro —, mas ainda assim não vejo bem...

— Este Tremlow apareceu-me precisamente antes de eu poder avisar-te do que tencionava fazer. Aqui para nós: é uma vigaricezinha bem achada, embora seja eu a dizê-lo. E preparei a coisa, dizendo-lhe tudo aquilo a respeito do negócio de ourivesaria para lhe desvanecer quaisquer possíveis suspeitas. O resto é facílimo: damos-lhe uma ou duas horas de avanço, e depois seguimos-lhe na peugada, visitando as lojas cuja lista lhe forneci...

— Para quê? — explodiu o ínfimo Webbling.

— Para quê?... Para recolhermos aquelas notas de cinco libras! — esclareceu o inventor da falcatrua.

— Recolher as notas? — saltou o homenzinho, engasgando-se com o fumo.

— Foi o que eu disse: recolhermos as notas! — repetiu Al, com um sorriso confiante.

— Mas como? — insistiu o pequeno Webbling, a tossir, sufocado, com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara abaixo.

—Só te digo uma coisa: espera e verás!

✱

Daí a uma hora, estavam os dois a caminho da primeira loja que figurava na lista. Ali chegados, o grande homem entrou, afoito e decidido, ficando o outro á porta, a observar, discretamente, os acontecimentos.

— O senhor é o gerente? — perguntou Al ao velhote que estava ao balcão.

— Sim, senhor! Em que posso servi-lo?

— Polícia! — declarou, peremptório, o grande homem, colocando sob o nariz do ancião uma espécie de distintivo —. Não esteve aqui, há coisa de uma hora ou duas, um rapaz a comprar um anel de casamento?

— Esteve, sim senhor!

— Pagou-lhe com uma nota de cinco libras?

— Pagou!

— Pode mostrar-ma?

O velhote trouxe-lhe a nota, e o grande homem, consultando uma lista, exclamou com ar triunfante:

— E' precisamente o que eu pensava: uma das notas roubadas. Tenho de levá-la, como elemento de prova!

E, sem que o velhote tivesse tempo de protestar, meteu-a na carteira, dirigindo-se para a porta e dizendo-lhe, por cima do ombro:

— Não tarda muito que não tenha notícias nossas!

— Trabalhinho bem feito, hem! — exclamou o homenzinho, correndo atrás dele.

— Estás vendo, agora como se faz? — respondeu o grande homem, com o mesmo sorriso triunfante.

— Pois claro que já vejo tudo! — vociferou o pequeno e saltitante sequaz —. O palerma vai trazer-nos uns cinquenta anéis, que podem ser vendidos em qualquer parte, e mais ainda trinta xelins de troco, por cada compra. Bem dizias tu que era uma vigarice bem engendrada!... E pena tenho eu de não me ter também lembrado disso!

— Não te disse nada, é claro, senão depois de ter a certeza de que não me estragarias o negócio!... Agora vamos a outra loja!

A tarde passou-se depressa e, por volta das seis horas, estavam de regresso ao escritório. O grande homem, impando de satisfação, apalpou a carteira a abarrotar de notas — as mesmas que entregara, naquela manhã, ao idota do Tremlow e desabafou:

O rapaz fez um trabalho perfeito, não resta duvida!

— Não estás, com certeza, a pensar em aumentar-lhe o ordenado! — mastigou o homenzinho, trotando a seu lado.

— Qual aumentar, nem qual carapuça!... Assim que chegue ao escritório, ele passa-me os anéis e o troco e digo-lhe para voltar amanhã... O resto podes adivinhar!...

— Pois adivinho mesmo! — fungou o pequeno comparsa, com uma espécie de sorriso malicioso —. Ele aparece amanhã, de manhã, e tu raspas-te esta noite!...

✱

Apressadamente subiram as escadas que levavam ao escritório. Ali, porém, ficaram mudos de espanto, pois não havia sinal de Tremlow. Atarantados, não atinavam com uma explicação, quando, de repente, viram no chão um papel, que fora metido por debaixo da porta.

— Talvez tivesse sido vítima de qualquer desastre ou coisa parecida — foi discorrendo o homenzinho e abaixando-se para apanhá-lo.

— Dá cá esse papel! — vociferou o grande homem, enervado, arrancando-lho da mão.

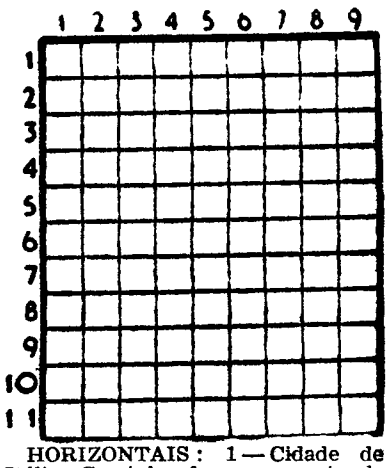
«*Se fosse a você — dizia o bilhete—fechava a porta antes de começar a revelar os seus segredos aos amigos. Deixei cair uma das notas de cinco libras e, baixando-me para apanhá-la, ouvi toda a tramóia. Tem muita razão quando diz que só um parvo se lembraria de roubar as notas de cinco libras — mesmo a gatunos como você. Foi assim que comecei por as trocar. E' claro que comprei os anéis, tal como me disse, mas vou ficar com eles e também com o troco, pois não me parece que se vá dar ao trablaho de incomodar a Polícia por causa disto*». E no lugar da assinatura: «*Não tão parvo como parece!*».

— Sim Senhor!— grunhiu o homezinho, deixando-se cair, amarfanhado, no «maple»—. Que grande patife!... Vá lá, hoje em dia, uma pessoa fiar-se em alguém!...

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3684



HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Itália. Caminho famoso que ia de Roma a Brindes. 2 — Artigo definido. Possuir. 3 — Arrabalde. 4 — Pronome possessivo. Preposição. 5 — Pedra de altar. Sapo do Amazonas. 6 — Rivalizara. 7 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Ente. 8 — Apelido. Óxido de cálcio. 9 — O espiritual. 10 — Declarai solenemente. 11 — Fronteira. Lá.

VERTICAIS: 1 — Chefe etíope. Eventualidade. 2 — Artigo definido. O exército Imediatamente. 3 — Patroa. Muito. 4 — Clima. Nome de mulher. 5 — Cidade de Georgeton na Güiana inglesa. 6 — Amarrou. Jaez. 7 — Preposição. Suspiros. 8 — Vagueies. A mim. 9 — Pôr-se amado. Consentimento.

Solução do problema n.º 3683

HORIZONTAIS: 1 — Soga. Pola. 2 — Sargaço. 3 — Sá. Só. 4 — Um. Rás. Ar. 5 — Ioda. Alga. 6 — Sia. Ais. 7 — Ave. Apa. 8 — Alega. 9 — Ri. Ada. Lá. 10 — Are. Sol. 11 — Ramalhete.

VERTICAIS: 1 — Luís. Arar. 2 — Os. Moia. Ira. 3 — Gás. Dava. Em. 4 — Arara. Ela. 5 — Edil. 6 — Passa. Agá. 7 — Oco. Lapa. Se. 8 — Ló. Agia. Lot. 9 — Oras. Vale.

CAMINHOS DE FERRO

S. A. R. L.
Sede-Calçada do Duque, 20-Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro de obrigações relativo ao 1.º semestre de 1959.

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao 1.º semestre de 1959, será efectuado a partir de 1 de Julho p. f., aos preços abaixo indicados:

Emissão «C. P.» 4 1/2 %—1954
Esc. 22$50—para títulos ao portador ou nominativos

Emissão «C. P.» 4 %—1951
Esc. 20$00—para títulos ao portador ou nominativos

Emissão «Norte» 5 %—1937
Esc. 2$50—para títulos ao portador ou nominativos

Emissão «Guimarães» 4 1/2 %—1905
Esc. 1$60—para títulos ao portador ou nominativos

Emissão «Guimarães» 5 %—1896
Esc. 1$80—para títulos ao portador ou nominativos

Emissão «Mirandela a Bragança» 4 1/2 %—1903
Esc. 1$60—para títulos ao portador ou nominativos

O pagamento efectuar-se-á todos os dias uteis, desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas, e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

Em Lisboa, na sede da Companhia;

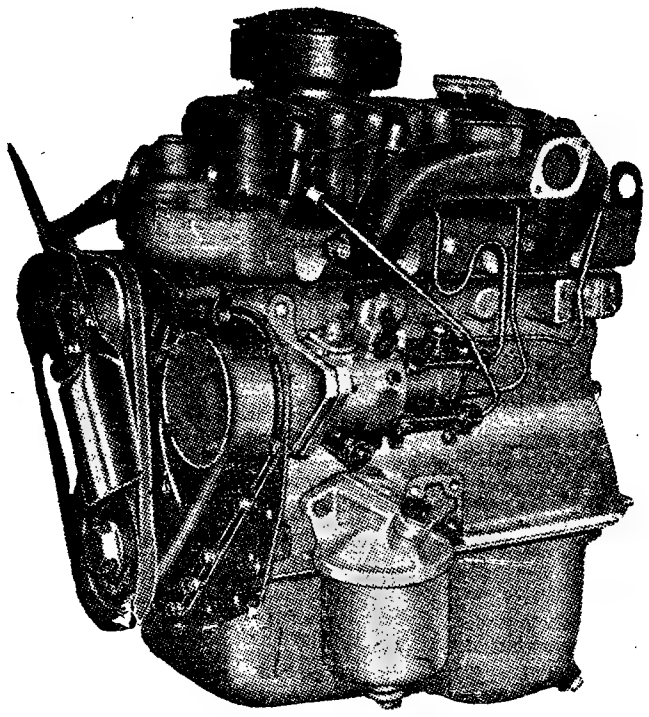
No Porto, na Tesouraria da Companhia, estação de S. Bento.

Lisboa, 15 de Junho de 1959.

O Conselho de Administração

O NOVO PERKINS "FOUR 99"

NA VANGUARDA DE TODOS OS MOTORES DIESEL



Especialmente indicado, pela sua resistência e baixo consumo para as conversões Vauxhall e Ford Consul e furgonetas ligeiras.

43 HP. a 4.000 r. p. m.

Peso: 200 kgrs.

Consumo: 5/6 litros aos 100 quilómetros

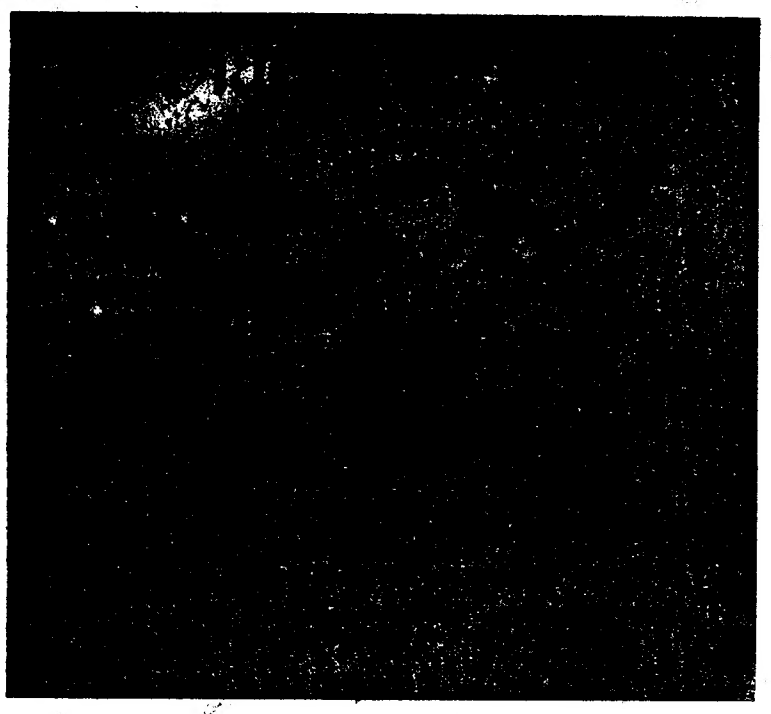
Peça uma demonstração aos

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

COIMBRA — LISBOA — PORTO — LEIRIA

AUTO INDUSTRIAL, LDA.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se, em MOSCAVIDE, na Agência de Jornais de Jaime Santos, Rua Laureano de Oliveira, 40-A



Hoje publicamos o retrato do maior génio que até hoje o cinema produziu — e um verdadeiro gigante da humanidade, a quem esta deve horas e horas da maior alegria e da mais profunda emoção.

As respostas devem estar em «Juvenil» até ao próximo dia 27 de Junho, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso o possuam já) e a indicação dos três artigos da semana que mais lhes agradaram.

Além dos prémios habituais, distribuiremos um outro prémio, especial, para o melhor trabalho sobre o gigante da humanidade desta semana.

ENTREVISTAS COM ADULTOS FEITAS POR JOVENS

AS COMPANHIAS SUBSIDIADAS E' QUE DEVIAM LANÇAR OS NOVOS VALORES

DE FRANCISCO JOSÉ E FERREIRA FERNANDES

PALAVRAS DE LAURA ALVES

Estamos nos bastidores do Teatro-Cine Ferreira da Silva, em Torres Novas, onde acabámos de ver a peça «A rainha do ferro-velho».

Para chegarmos até aqui tivemos primeiro de vencer o mar de gente que se escoava pelos corredores de acesso á saida, o que precisamente não foi empresa muito fácil. Quando finalmente nos «livrámos», tinhamos o corpo moido e o fato em desalinho de tantos empurrões. Aqui nos bastidores o barulho é ensurdecedor. Desmontam-se cenários, arrumam-se apetrechos, encaixota-se guarda-roupa e tudo isto é feito febrilmente, ràpidamente. O nosso intuito é ouvir Laura Alves para o Juvenil e com um pouco de boa vontade estamos certos de o conseguir.

Depois de esperar uns momentos, pois Laura Alves está a ser entrevistada por um colega da Imprensa, chega a nossa vez. Entramos. Frente a nós, irradiando simpatia, alegre, simples, está Laura Alves, Prémio nacional da crítica de 1958, actriz cujo nome não necessita de apresentação, pois é sobejamente conhecido e apreciado por todos nós. A entrevista vai começar. Somos três no exíguo camarim, eu, Laura Alves ainda com o fato de «Billy», a corista, com que acabou a representação, e o outro, colega de Imprensa. A primeira pergunta surge naturalmente:

—Acha que o actual ambiente teatral português é propício ao aparecimento de novos valores?

L. A. — Eu acho que sim. Estamos agora no princípio e eu creio que esses valores vão aparecer concerteza. Tenho muita fé e muita esperança porque vejo rapazes e raparigas com 14, 15 e 16 anos interessadíssimos em Teatro como nunca vi e eu já tenho muitos anos de Teatro.

—Mas — objectámos nós — julga que se tem proporcionado oportunidades e facilidades a esses novos valores? Tem-se feito algo por eles?

L. A. — Não verdadeiramente, não. Quanto a mim, essas oportunidades deviam ser dadas pelas companhias subsidiadas pelo Fundo de Teatro. As companhias subsidiadas é que teriam, portanto, a obrigação de lançar esses novos valores. Agora há uma lei teatral que não permite gente no teatro sem o curso do conservatório. Alguns podem entrar mas, enfim, é muito difícil porque depois de fazer um estágio de 3 épocas, creio eu, para conseguirem a carteira de artista. Claro está que isto dificulta, pois esses novos gostariam logo de ganhar como profissionais e de terem a carteira de profissionais, principalmente aqueles que têm algum valor e isso dificulta porque os jovens que hoje vêm para o Teatro, são jovens com certa cultura, com certa preparação que não se via dantes, mormente no meu tempo e, portanto, sabem o que valem e todas estas dificuldades desencorajam.

Falou-se depois dos ultimos êxitos teatrais e veio «á baila» o «caso» Godot. Sobre isso disse-nos Laura Alves:

—Muitos não gostaram da peça, é certo, mas eu antes de ir vê-la, li-a e fui para o teatro com os cinco sentidos bem apurados, e com os cinco sentidos bem apurados eu compreendi tudo e senti tudo, porque só assim se pode compreender uma obra da envergadura como é «A' espera de Godot», de Samwel Becket...

Aproveitámos o ensejo e disparámos:

—E a reacção da juventude sobre obras teatrais portuguesas?...

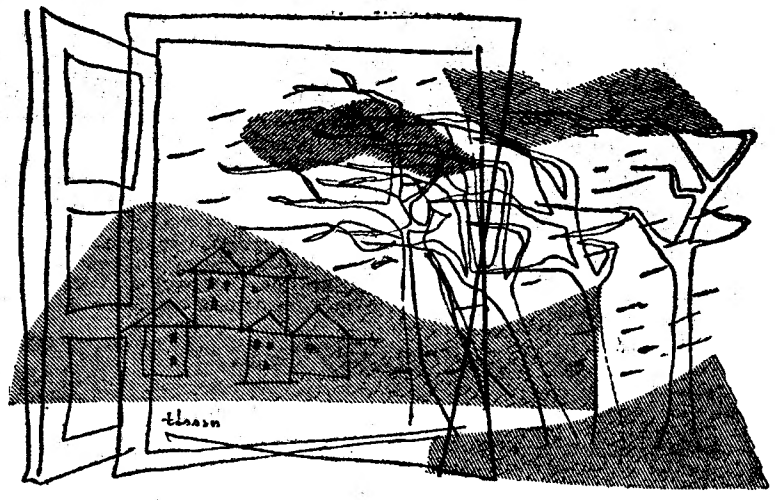
L. A. — Sabe, algumas vezes a juventude que vai ao teatro não gosta das peças e por isso afasta-se e é pena, pois se o nosso Teatro tivesse outra categoria, a juventude chegava-se mais ainda e interessava-se mais pelo nosso Teatro...

—Quais os novos valores na dramaturgia portuguesa que na sua opinião mais se tem evidenciado?

L. A. — Para mim há dois de que gosto muito. Um, é Bernardo Santareno, que conheço pessoalmente, pessoa encantadora e de muito valor, de quem li todas as peças e só é pena que a sua obra não possa ser levada á cena em Portugal, que lhe esteja proibida; e outro, é Luís Francisco Rebelo, também dramaturgo de muito valor.

Fala-se depois de «Promessa», de

(Continua na ultima página)



DA MINHA JANELA

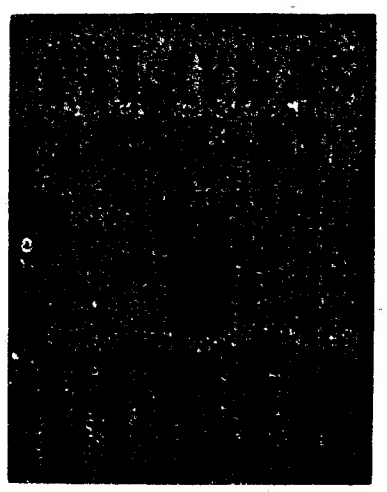
por MARGARIDA LOSA (16 anos)

Meia duzia de casas
esbatem-se lá longe
no cinzento do ceu.
Meia duzia de árvores
debatem-se, lá longe
contra a fúria surda da ventania.

Arvores verdes, jovens
desabrochadas ainda há pouco
com a Primavera.
Verdes, continuam verdes
e cedem,
para com mais força se tornarem a erguer;
para o Céu, triste — mas grande,
cinzento — mas belo
mudo — mas atento.
Depois só a chuva teimosa
e o chilrear desatinado dos passarinhos.
E eu longe como uma estátua
observo.

Amigo N.º 62

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS



Estive o ano passado no Porto e muito admirei o progresso da capital do Norte. Não me esqueci de visitar os seus monumentos, as suas ruas de belas e rasgadas montras (que me encantaram...) e ainda os becos e ruelas estreitas, onde o povo trabalha sem repouso desde o nascer do sol até á noite.

Mas não quis ser como as turistas que levam de um país uma imagem tão falsa, apenas porque nas suas visitas não passaram da superfície polida e brilhante, sim, mas que não chega para caracterizar um povo, uma cidade, um país.

Por isso visitei as ilhas, as famosas ilhas do Porto. Chamar-lhes á maneira dos dicionários, «espécie de beco cercado de pequenas habitações para gente de poucas posses» não significa coisa nenhuma. Começa por nem haver nem habitações que mereçam este nome, as posses daquela gente não são poucas, porque não são nenhumas, e quase chegamos a duvidar se se trata verdadeiramente de gente, tal o grau de miséria a que desceram...

Porque chamaram «ilhas», aqueles arraiais de miséria? A explicação que dei foi esta: tal como as ilhas se encontram perdidas, abandonadas no meio do mar, assim aqueles tegurios estão esquecidos, perdidos, abandonados á sua sorte no meio da cidade.

A denominação tem, porém, base mais científica, conforme me veio a demonstrar o dr. Artur Montenegro na sua obra «A conquista do Direito na Sociedade». A propósito do progresso material de Roma, diz ele «A casa ampliou-se. Teve pórtico ou vestíbulo exterior, átrio de entrada, jardim e, sobre a rua, lojas independentes («tabernae»); depois, conforme aumentaram as necessidades e habitantes, teve também andares. Em fins da Republica principiaram a construir-se grandes prédios de muitos moradores...». Ora o prédio em forma de quarteirão, com muitas divisões para locatários pobres ou remediados que algumas vezes sublocavam quartos por mais elevados preços chamavam-se «insula» ou seja «ilha»... Por aqui se vê quanto é penoso a gente recuar no tempo para encontrar explicação para os factos mais insignificantes. Ficamos hoje a saber que as «ilhas» tripeiras descendem das «insulae» romanas... Está bem. Mas porque razão chamavam os Romanos ínsula ao prédio com aquelas características? E' isto que os livros não dizem e aqui entra a explicação que dei no início desta crónica: aglomerados miseráveis rodeados de indiferença por todos os lados.

NATÁLIA DA FONSECA

por MANUEL SALGUEIRO

Memórias dum caçador

Como disse no ultimo numero, as minhas relações com Mr. Cooper, assim lhe chamava eu por gracejo, Mr. Cock, foram-se a pouco e pouco tornando menos tensas. Cooper, inglês estabelecido na União Sul Africana, era o protótipo do comerciante: frio, astucioso, implacável na defesa dos seus interesses que considerava sagrados, sabendo, por vezes, revestir-se de um verniz extremamente simpático, quando isso lhe trazia qualquer espécie de lucro. O que mais me repugnava nele era aquela sujeição de todos os sentimentos, emoções, pensamentos, ao seu negócio. Algumas vezes lho disse, com a rude franqueza lusitana, que, desde Sá de Miranda, é «de antes quebrar que torcer».

O facto dessas relações se haverem tornado mais «humanas», digamos assim, tomei-o eu á conta da minha habilidare que consistia em não o tomar a sério para que ele visse o ridículo, o vazio, da autoridade tão ostensivamente demonstrada.

A breve trecho conclui que me enganara ou que, pelo menos, a minha convicção não era tão consistente como julgara. Os elogios que Mr. Cock contínuamente fazia á minha perícia de caçador deram-me inicialmente, para quê negá-lo?, um prazer difícil de exprimir. Ouvir dizer a um empresário, conhecedor do ofício e dos homens, ser a minha espingarda, em futuro próximo, a «primeira espingarda de Africa», constituia um sério motivo de orgulho. Reparar depois neste pormenor: os elogios de Mr. Cock apareciam sempre em publico, na presença dos outros caçadores da companhia. Com toda a evidência, o empresário buscara criar um estado de rivalidade entre os assalariados, desenvolver uma emulação que, em ultima análise, só beneficiaria os seus cofres...

Smike, sul-africano de nascimento, acusou o golpe. Tinha um orgulho desmedido na sua qualidade de explorador. Ninguém conhecia melhor do que ele os sinais que denotavam a passagem da fera, ou da sua presença. Sem qualquer motivo aparente, aconteceu algumas vezes Smike mandar-nos pôr em estado de alerta; não tardava a *sentir-se* a chegada da fera...

As constantes alusões de Mr. Cock á minha perícia fizeram-me acreditar estar eu procurando arredá-lo do lugar de «primeira espingarda» que justamente ocupava. A partir de certa altura a sua desconfiança tornou-se em autentica obsessão. Em todas as minhas atitudes via a «conspiração» contra ele. Desastradamente, Mr. Cock advertiu-o certa ocasião:

— Ponha-se em guarda Mr. Smike, se não este moço passa-lhe a perna...

Isto mais o influiu na sua má vontade contra mim. Ao princípio, a situação divertia-me. Depois começou a preocupar-me. Smike dava mostras de nervosismo, de inquietação — que é, como todos sabem, o grande inimigo dos caçadores. O grande exploraodor — dizia Croel, um mestre no ofício — só tem direito a enervar-se depois que o tiro partiu».

Comecei a fazer marcha atrás. Afastei-me de Mr. Cock, a aproximar-me de Smike. Este, porém, viu na minha nova atitude, outra artimanha: eu procuraria muito simplesmente «adormecê-lo» com as minhas boas maneiras, para vibrar o golpe com segurança e ás escondidas.

— Se eu moresse — afirmou-me certa vez em que correu perigo — era um bom serviço que eu lhe fazia, não!

— Está enganado, Smike — respondi — o Mundo é pequeno, mas cabemos todos!

No dia do aniversário de Mr. Cock houve rancho melhorado, a que não faltou o clássico pudim inglês, arranjado não se sabe como. Abriu-se uma botija de «whisky». Raros de nós bebiamos. Eu não gostava. Foi Smike quem «se bateu» com ele. Ia com a garrafa quase no fim quando exclamou:

— Há moiro na costa...

Queria dizer: «Temos leão perto...». Não se enganou. Horas depois, o rugir do bicho fazia-nos arripiar... Smike, cambaleante, agarrou na arma. Quisemos impedi-lo. Em vão:

— Vou eu — e vou só. Para vocês verem como é...

A voz firme contrastava com a insegurança da marcha. Resolvi segui-lo a distancia. E foi isso que lhe valeu. O tiro com que pensava «despachar» o leão, falhou. Era a morte... O leão formou o pulo sem nenhum esforço, atleta consumado... A bala partiu da minha espingarda no instante próprio — quando já as garras implacáveis desciam para o pobre Smike em desequilibrio...

.....

A medida que os anos passam, modifica-se a nossa maneira de encarar os factos, as coisas, os sentimentos. A gratidão, para mim, era um sentimento alheio á vida quotidiana. Pois, a partir daquele dia, Smike foi a imagem viva da gratidão inabalável. Também eu lhe devo a vida, em condições dramáticas. Mas isso vem a ser outra história...

Crítica do João

Pode haver quem goste de poesia, não admito que haja quem goste dela mais que o nosso amigo João. O curioso é saber que nunca escreveu um verso, que não sabe exprimir um sentimento, um pensamento, uma emoção em termos poéticos. Espantado da ciência que ele possui na arte dos outros, levei uma tarde a convencê-lo a mostrar-me as suas produções. Levou-me, finalmente, ao palmo de terra que há nos sacafundos do prédio, apontou um canteiro de batatas e exclamou: «Eis aqui as minhas produções. Fui eu que as plantei...» Bem me repete ele que podemos entender e amar Beethoven, sem sermos precisamente beethovens. E quando eu ia a responder com uma tolice digna de mim, o João atalhou:

— Pois menino, agora bico calado. Vai entrar a poesia. De joelhos, hereje! — assim dizendo sacou da algibeira uma folha de papel de máquina, escrito de ambos os lados. Agitou-a ao vento, como uma bandeira e depois começou a ler. Eu mudo que nem bulia uma folha!

— Bem feito, isso. De quem são?

— De Margarida Losa. Sabes? Temos gente. Atrevo-me a dizer que nasceu mais um poeta em Portugal. E o «Juvenil» contente e orgulhoso de lhe servir de berço...

Foi a minha vez de sorrir. Bem, discretamente — porque a vaidade sempre me aborreceu... E o nosso Amigo João continuou:

— Margarida Losa cria um ambiente poético com notável economia de movimentos e simplicidade. A emoção escapa-se por entre cada pequena frincha, como as ervinhas que aproveitam qualquer fiozinho de terra para nascer. Escapa-se quase á revelia da Margarida. Tratando-se de uma poesia intelectualizada, a emoção contida ganha maior presença. Parece paradoxo, mas não é. Toda a emoção balofa é antipoética...

A sua poesia «Cansaço» que não nos foi possível publicar, atinge a plenitude de um documento humano de grande valor. E' todo o drama de uma adolescência semeadora de estrelas, de que trazem nos olhos aos braçados, e não encontram terra onde florescê-las. Eu gostaria de dizer á Margarida que esse chão existe; chama-se vida, chama-se luta, esforço diário — e a Margarida, mais cedo ou mais tarde, encontrá-lo-á... Então sim! Então a sua poesia será «completamente» bela...

Fez uma pausa. Achei prudente não lhe dizer nada. Depois continuou:

— No outro poema, o trabalho de oficina, não sendo medíocre, é inferior. A primeira instancia usa um artifício engenhoso de repetição — o que prova que a Margarida Losa vai penetrando os segredos. Mas o ultimo verso deveria sofrer arranjo, falta-lhe ritmo. E a explicação demasiado directa do «céu triste — mas grande, cinzento — mas belo, mudo — mas atento», não explica grande coisa, ficando assim provado que em poesia o caminho mais curto nem sempre é o melhor! Estes senões não chegam para invalidar a qualidade poética da composição. As árvores verdes continuam verdes. Há que acreditar. O poeta o diz. O poeta sabe.

João acabou. Isto das «árvores verdes continuarem verdes» parece querer dizer um mundo de coisas valiosas. Não atinjo completamente. Mas gosto, acabou-se...

MÁRIO CASTRIM

NOTAS DE LEITURA

UMA EXTRAORDINÁRIA ARTE DE CONTAR

A segunda edição portuguesa do livro de contos de Katherine Mansfield — O «Garden-Party» — *numa nova e excelente tradução, vai permitir que os nossos jovens leitores se familiarizem com uma extraordinária arte de narrar. E tal arte é tanto mais extraordinária quanto Katherine Mansfield nunca pretende contar-nos nada de sensacional, quer dizer daqueles enredos, daquelas intrigas que se apoderam do leitor desde a primeira á ultima página. Katherine Mansfield não é aquilo a que se costuma chamar um escritor* empolgante. *Se assim a considerarmos teremos de colocar o empolgante num outro plano: o das subtilezas do dia, o do quotidiano inefável que parece escapar-se-nos, pois na nossa experiência diária, e abismados nela, nem nos damos conta dele.*

À primeira vista, as histórias da Autora de O «Garden-Party» *parecem não ter assunto, não ter enredo. Muitas vezes os assuntos reduzem-se a uma sucessão de cenas de conversa entre várias pessoas. Todavia, de cena para cena as personagens vão-se-nos impondo tal como na realidade, tal como no quotidiano a que ainda agora nos referimos — e impondo de maneira mais profunda porque chegam aos nossos olhos já analisados pelo penetrante espírito de Mansfield: conhecemos os seus pequenos sonhos, as suas pequenas ou grandes virtudes, os seus pequenos ou grandes defeitos. E a pouco e pouco esse quotidiano a que parecíamos não ligar importancia aparece-nos cheio de densidade, cheio de interesse...*

Leiam, por exemplo, os Amigos o primeiro conto — Na Enseada. *Começa por uma descrição (aliás maravilhosa) da natureza:*

«Manhãzinha cedo. Com o Sol ainda por nascer, toda a Crescent Bay se mostra oculta sob a névoa que rompia do mar. As próprias colinas, vestidas de grandes matagais, se esfumam no horizonte, tornando impossível precisar com segurança onde morriam as elevações para darem começo aos campos e ás vivendas. Da estrada coberta de areia, bem como das pastagens e das vivendas que ficavam do outro lado, nem vestígios; engolidas igualmente as dunas brancas, revestidas de plantas avermelhadas, que serviam de fundo á paisagem. Tudo o que seria susceptível de estabelecer a demarcação entre a praia e as águas parecia ter desaparecido.

Ah! Ah! — bocejava o mar, tanto de sono. E, do fundo das matas, rompia o murmurio de pequenos regatos, que corriam ligeiros e subtis, sumindo-se por entre seixos lisos, precipitando-se nas poças cheias de fetos, de onde logo se libertavam; grossas gotas de água tamborilavam, desfazendo-se sobre grandes folhas e ainda outros sons indefiniveis flutuavam no ar, reduzindo-se a uma espécie de agitação abafada, a um vago frémito, a um rebento que se partia, logo seguido do silêncio recolhido como o de quem se põe a escutar qualquer coisa».

Depois é introduzido descritivo o primeiro sinal de elemento humano (por enquanto apenas gente alheia á história que se vai seguir):

«Contornando a curva de Crescent Bay, surgiu por entre o aglomerado de rochas partidas, um rebanho de carneiros martelando o solo.»

A narrativa fixa-se uns momentos no pastor, no rebanho que passa por casas onde tudo dorme.

«Depois apareceu o primeiro habitante daquelas paragens. Era Florrie, a gata dos Burnells, que viera postar-se á entrada do portão, como de costume demasiado cedo, á espera da leiteira.»

Eis-nos a aproximar-nos dos seres com quem estaremos em contacto daqui a pouco. Entretanto o rebanho continua o seu caminho, dobra a curva da estrada e desaparece:

«Daí a momentos, a porta das traseiras de uma vivenda abriu-se, dando passagem a um vulto metido num fato de banho de riscas largas, que, descendo até a vedação, a saltou prontamente.»

Cá temos primorosamente introduzido, o primeiro heroi da cena da vida quotidiana que Katherine Mansfield nos vai contar em onze pequenos capítulos, onze pequenas cenas como aquelas com que depararíamos na vida de todos os dias se acaso tivessemos os olhos bem atentos a ela.

Contista extraordinário, um dos maiores de todos os tempos, Mansfield é um exemplo de subtileza e de arte profundamente acabada, e profundamente poética. Tudo afinal tem importancia *em literatura — eis o que Vocês, amigos, podereis dizer depois da leitura deste livro — e até as pequenas coisas que se passam á nossa roda podem dar origem a verdadeiras obras-primas.*

O «Garden-Party» — *por Katherine Mansfield, 2.ª edição, em primorosa tradução de Virgínia Motta. Portugália Editora, 1959.*

Concurso da semana

Gente nossa

Menina bonita
bonita a valer
dessa água bendita
quem não quer beber
—Menina bonita
que à fonte vai ter.

Acena o castelo
lá da barbaçã,
desfez-se o cabelo
vento D. Juan.
Tem sorriso é vê-lo
e pensas que é manhã...

Roubas-te a água, vês,
não era mau roubo
que o mesmo já fez
o Rodrigues Lobo.
Não é da lei? Ria
quem tal não faria!

El-Rei D. Diniz
na voz do pinhal
cantiga te diz
de amor leal
—queixume feliz,
voz de Portugal...—

Menina bonita
bonita a valer
dessa água bendita
quem não quer beber
— Menina bonita
que à fonte vai ter...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 27 de Junho.

ESTA SEMANA, POR FALTA DE ESPAÇO, NÃO PUBLICAMOS OS RESULTADOS DOS CONCURSOS

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se para ti, aos sábados

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se para ti, aos sábados

A TORRE

POR

TROTE

OS furiosos ataques dos assaltantes duraram todo o santíssimo dia. Turquino-Mão de Ferro corria de um lado para o outro a animar os seus homens, lembrando-lhes os lucros que ganhariam com a vitória. Eram, porém, vãos todos os seus esforços: o «Baluarte Juvenil», defendido por rapazes e raparigas dos 12 aos 17 anos, resistia como um rochedo a todas as investidas. A desorientação começava a apoderar-se de Turquino-Mão de Ferro: guerreiro consumado, estava a esquecer-se do bernal de manhas que aprendera pela vida fora; era a raiva quem nele mandava e a raiva é má conselheira.

Do alto da torre, á vista da águia de Bede não escapavam estes pormenores: uma escada cheia de assaltantes era derrubada com estrondo; e Turquino, em lugar de cometer nova investida por outro lado, teimava em repetí-la no mesmo sítio. O malogro era ainda mais rápido; mas Turquino, cego de cólera, com os ouvidos dementados pelas chalaças que lhe dirigiam os jovens sitiados, insistia como um touro no mesmo sítio. Sempre julgara vencer os jovens num abrir e fechar de olhos; e ver-se derrotado quase o punha doido.

Bede sorria; aos companheiros que defendiam a muralha dava sinal para que deixassem encostar a escada e esperassem que ela se enchesse de novos atacantes; e quando o primeiro homem de armas atingia as ameias, com uma cauda de mais guerreiros nos degraus de baixo — Bede e os seus arqueiros disparavam ao mesmo tempo e com toda a calma: as setas abatiam sem dó nem piedade os atacantes, que se desmoronavam como bonecos de palha.

Turquino rangia os dentes e alvejava com sujas palavras Bede e os companheiros. Era uma alegria para estes! Assomavam cautelosamente ás ameias e troçavam de Turquino:

— Eh cavaleiro invencível! Que dizes dum homem cheio de prosápia que é vencido por moços como nós?

— Então, Turquino-Mão de Vaca, só és capaz de vencer á traição?

Esta alcunha de «Mão de Vaca» a substituir o heroico nome de «Mão de Ferro» deixava-o doente; já meditava se não seria melhor levantar o cerco e vingar-se manhosamente por meio dumas boas emboscadas. Mas não conseguiu aprofundar tão brilhante ideia: Bede acertava-lhe em cheio com uma seta a que prendera um morrão de estopa a arder. Apanhado de improviso, despediu um salto como uma corça e sangrou um tremendo urro provocado pela queimadura.

Ergueu-se um enorme brado por todo o «Baluarte Juvenil». Os atacantes, surpresos, detiveram-se nas suas investidas; mas, vendo a causa de tanto regozijo, redobraram de esforços, com a raiva a chicotcá-los.

As baixas eram pesadas nas hostes de Turquino; entre os jovens havia apenas feridos, embora alguns com bastante gravidade. Svein estava muito pálido em virtude do sangue perdido; mas dominava férreamente as dores, a falta de forças e mesmo o fundo horror que lhe causavam as brutalidades da guerra: todos o viam correr sem descanso, já senhor do seu papel de comandante, aparecendo onde o perigo era mais agudo, cuidando da defesa geral do «baluarte», vigiando os feridos e descendo sobre os atacantes a sua terrível espada. Esta espada era mais terrível ainda pelo horror com que seu dono se servia dela para matar; era um instrumento de justiça que infelizmente não podia ser substituído por palavras persuasivas; e esta verdade triste, a certeza da sua absoluta necessidade faziam com que cada golpe de Svein custasse menos um vivo neste mundo.

Só pelo entardecer a luta amainou um pouco. Svein aproveitou a calma para reorganizar a defesa, tendo em mira que a noite lhes poderia trazer surpresas muito desagradáveis. Tudo se aprestava para os possíveis ataques nocturnos quando Lançarote do Lago os visitou. Conversaram sobre o que se tinha passado durante a tarde, fizeram projectos de defesa e o grande cavaleiro da Távola Redonda felicitou-os pelo trabalho que tinham realizado:

— Quando a nossa vitória for completa eu terei o prazer de armar cavaleiros mais alguns destes jovens — disse ao despedir-se. Se os ataques se concentrarem no vosso baluarte eu virei cá esta noite.

De novo os jovens voltaram aos preparativos. Acenderam grandes fogueiras nos adarves, mesmo encostados ás ameias a fim de terem luz bastante para se precaver contra as surpresas. De quando em quando lançavam para a noite setas a que prendiam morrões embebidos em pez a arder: e a escuridão floria em belos efeitos luminosos que maravilhavam os mais jovens defensores do «Baluarte».

Entretanto a noite ia avançando e nada sucedia. As sentinelas bem perscrutavam o negrume em roda; mas nada: no acampamento inimigo não se ouvia o menor sinal de vida. Na expectativa do perigo e vendo que nada acontecia, os moços ainda se sentiam mais cansados do que se combatessem.

Finalmente veio a manhã. Veio a tarde. Veio outra vez a noite. E o Turquino não renovava os ataques. Viam-se os seus homens, as suas tendas, mas á distancia do fogo das setas incendiárias. Não havia duvida: Turquino pretendia rendê-los pela fome e preparava-se para um cerco demorado. No entanto Lançarote que viera visitar o «Baluarte», achou muito estranhos uns movimentos constantes que distinguiu no meio da mata de azinheiras.

— Não vês ali nada? — perguntou a Bede.

O moço afiou a sua vista de águia, ficou por momentos calado e disse por fim:

— Andam a cortar árvores lá para diante.

— Exactamente o que eu supunha. A torre vai ser atacada do lado nascente em que não há rochedos e os muros assentam no chão liso.

— Mas como nos atacarão? — quis saber uma rapariga.

— Andam a construir uma torre de madeira de vários andares e tão alta ou mais do que a nossa. Se conseguissem encostá-la, vomitariam sobre nós centenas e centenas de soldados. Felizmente que lhes descobrimos os intentos e não podem já apanhar-nos de surpresa.

— Pensa que eles atacarão de noite? — perguntou Svein.

— Tenho a certeza. Nós é que deveremos esconder todos os indícios de que descobrimos os seus intentos. Deixem de acender fogueiras, redobrem o cuidado das atalaias e tenham sempre á mão setas com estopa embebida em pez, a que possam lançar rápidamente fogo. A nossa defesa é procurar lançar fogo á torre de madeira dos nosso inimigos.

Nesta expectativa foram escorrendo dias e noites. Fora preciso racionar os alimentos ao fim de quinze dias de assédio, pois o castelo não estava preparado para tais provações. Mais do que os ataques dos inimigos, o receio de todos era a fome e a sede.

Finalmente uma noite, Alfredo, que estava de sentinela, enxergou o vulto da torre de madeira que lentamente se vinha aproximando. Sem causar panico transmitiu o alerta a todas as sentinelas e dentro em pouco todo o «Baluarte» se encontrava prestes para repelir qualquer ataque. Lançarote, que fora avisado, compareceu.

Quando a torre penetrara á vontade dentro da zona de alcance do tiro das setas, os moços arqueiros prepararam-se. Mas ainda não era altura. A ordem de Lançarote era que se deviam aguardar que a torre se aproximasse ainda mais, de modo a que, desejando retirar, não pudessem fazê-lo sem que as setas incendiárias os continuassem a perseguir.

Chegou enfim o momento! Distiguiam-se os homens a girandar na torre. Então, a um sinal de Bede, um disparo de setas incendiárias cortou a escuridão e foi cravar-se na madeira da torre assaltante. Mas os homens de Turquino estavam a postos e prontamente apagaram os focos de incêndio.

Muita atenção!

Os nossos Amigos de Lisboa e arredores a quem saiam prémios nos concursos semanais devem ir buscá-los, cinco dias depois da publicação dos resultados á Avenida de Roma, 78, 2.°, Esq.°.

Já temos publicado esta indicação e no entanto continua a haver quem se dirija ao «Diário de Lisboa», SEMANAS SEGUIDAS, a queixar-se por não receberem prémios.

Está neste caso o Amigo n.° 99 — Maria Cristina Bentes Ferreira, de quem encontrámos uma reclamação no nosso jornal.

Eis uma falta de atenção que os nossos Amigos, para sua e nossa comodidade, não devem repetir.

Os Amigos da província continuarão a receber os seus prémios pelo correio.

SO' POR ESQUECIMENTO...

Só por esquecimento é que ainda não tínhamos falado deste excelente livro da Colecção Vida e Cultura (n.° 11) publicado por «Livros do Brasil, Lda.». Trata-se de «Nós e a Medicina», por K. R. Roques.

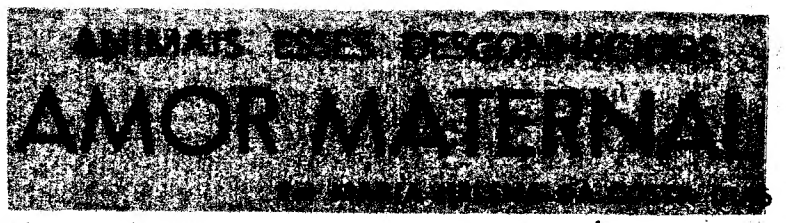
Qual a importancia desta obra para a cuultura dos nossos jovens Amigos maiores de 17 anos (que já entraram ou estão a entrar nas Universidades)?

Em primeiro lugar fornece-nos uma espécie de história da Medicina, ou do seu significado através dos tempos.

Depois põe-nos ao corrente das ultimas grandes descobertas no campo médico.

Finalmente, torna-nos compreensíveis os problémas que a luta contra a doença enfrenta.

Todos estes factos reunidos tornam o livro de Roques não apenas util, mas extremamente sugestivo.



A «Garrucha» tinha sempre grandes ninhadas de gordos cachorrinhos felpudos. Nem sei como, porque a «Garrucha» era uma cadelinha pequenina, tão pequenina que dir-se-ia ter ficado sempre na infancia. Mas não, tinha já um bom par de anos.

Sempre que a «Garrucha» tinha aquelas ninhadas engraçadas e felpudas, todos os garotos da casa faziam a distribuição: este castanho para mim, olha, aquele preto e branco é meu, aquele é para o Zé... e os cachorros tinham logo dons e donas. Todos os dias os garotos espreitavam; mal conseguiam ver, porque a «Garrucha» ficava brava sempre que tinha os filhos, nem sei porquê. Um dia percebi porque era.

Com espanto de todos os miudos donos dos cachorros, eles sumiram-se. Comecei a reparar que daí por diante, sempre que a «Garrucha» tinha filhos, eles desapareciam dentro de alguns dias. A pobre da «Garrucha» uivava, ladrava, chorava. Por dias e dias ficava de olhos tristes, chorosos, que metiam dó...

Os donos da «Garrucha» não queriam mais cães cá em casa — era a explicação.

Mas a «Garrucha» não percebia a explicação, ou não concordava com ela, ia sempre tendo aquelas belas ninhadas felpudinhas e engraçadas. E sempre ia ficando chorosa de meter dó. Teimosia de parte a parte.

Um dia, a «Garrucha» desapareceu. A casa ficava mesmo nas faldas da Serra de Sintra, mesmo á beirinha das árvores e árvores que trepavam por ali acima. Um emaranhado de verdura que vinha já dos mouros; de antes dos mouros, até.

Pois todos pensámos que a «Garrucha» tinha sido devorada por qualquer bicharoco que vivesse naquele emaranhado verde, ou que se tivesse perdido, por entre a floresta nalguns pontos virgem, e não conseguisse sair. Tivemos pena, isso tivemos.

Não a largávamos de vista porque sabiamos que ela ia ter uma das suas ninhadas e muito tinhamos pedido que os cachorros fossem poupados. Havia por isso grandes esperanças. Algum dia havia de vencer o amor maternal ou a teimosia da «Garrucha».

Por isso o desaparecimento dela deu-nos que pensar. Decidimos procurar, não estivesse o animal entalado ou ferido ou moribundo e precisasse de auxílio!

A serra foi rebuscada, todos os buracos espreitados, os ramos soltos, as pedras removidas. E, oh! satisfação suprema, por fim lá encontrámos a «Garrucha», agachada nuns penhascos. Os olhos brilharam, não de contentamento — bem o percebemos — mas de raiva. E não era só raiva, havia no fundo de humida tristeza naqueles olhos dedicados. Aproximámo-nos, em silêncio, mostrando-lhe a comida que levávamos, uns bolinhos de que ela gostava, uma lata com leite... e ela deixou-se convencer, embora sempre tapando com o corpo os cachorinhos aninhados numa cama fofa.

Mas os filhos... estavam mortos. Todos mortos, gelados, gelados de muitos dias.

A «Garrucha» teimava em acalentar os filhos já sem vida.

Foi difícil trazê-la para casa. Quem convencia aquela mãe que os filhos não precisavam mais dela?

A «Garrucha» andou vigiada, não fosse fugir. Mas a tristeza dela era tanta que nem parecia decidida a fugir. Creio que ela tinha compreendido bem.

Dias depois, já quase esquecidos da aventura da «Garrucha», que vimos nós?

A boa da cadelinha dava de mamar a um gatinho pequeno, felpudo. E lambia-o, delicadamente, mansamente, como creio que nunca fizera aos próprios filhos.

Compreendemos, com o decorrer do tempo. A «Garrucha» adoptara aquele gatinho que, quem sabe!, talvez não tivesse mãe...

PARA OS RAPAZES...

Para os rapazes foi o ultimo volume de grandes aventuras historicas a que aqui nos referimos — «Scaramouche, romance da Revolução Francesa», por Rafael Sabatini. Pois os nossos amigos devem preparar-se para levar para férias os volumes que a Portugália Editora vai publicar na mesma colecção: «História de um marinheiro», por Marryat.

São obras do mesmo alto interesse que «Scaramouche», «Aventuras de Tom Saywer», «Aventuras de Huckleberry Finn», etc.

Para os maiores de 15 anos (dos 15 aos 19 anos) vai a Portugália editar dentro em pouco uma nova colecção: a «Colecção Juvenil», onde os jovens encontrarão obras que gostarão de conservar, mais tarde, na sua estante de adultos.

«O Rapto», romance histórico de R. Louis Stevenson.

«A Epopeia» das Cruzadas», por Renée Grousset, o maior especialista francês deste período histórico.

«As Viagens», por Yves Reignier, etc.

PROBLEMAS DOS JOVENS

LEALDADE

POR
MANUEL DE PAULA CAMPOS (Amigo n.º 1545)

Fala-se muito, hoje em dia, da juventude. Seja a propósito da sua crise, do seu valor ou dos seus ideais, todos se jugam co.mautoridade para falar. Os jornais e revistas explicam a popularidade levando bem levantado um dístico em que se apregoa ser um dos seus fins ajudar os jovens — homens de amanhã.

No entanto não existirá uma grande falta de lealdade da parte dessas pessoas, ao apresentarem-se como paladinos e salvadores da juventude, quando afinal são ns inconfessados fautores da sua crise? Não quero dizer que essas pessoas sejam desmoralizadoras. Mas não serão elementos concorrentes para o complexo de frustação que hoje tanto grassa pelas nossas fileiras jovens?

Todos sabemos e afirmamos que ***a juventude será o que for a sua época. Assim, nós, os jovens de hoje, somos necessàriamente diferentes dos de há 20, 30 ou 50 anos. Sendo assim não haverá temeridade nos que julgam compreender a juventude e escutar os seus anseios quando o que fazem é re****cordar a sua própria juventude? E' preciso não esquecer que a juventude é fruto do seu tempo e o tempo é essencialmente evolutivo.*

Não me refiro aqui ás pesoas que verdadeiramente se dedicam a este problema e á custa de esforços conseguem vibrar em unissono com os jovens. Refiro-me áquelas que, talvez inconscientemente, contribuem com as suas acções para a frustação da juventude.

Em todas as épocas a crise da juventude teve o seu fundamento mas, mais ou menos compreendidas, relações entre jovens e adultos.

São duas mentalidades diferentes. Além disso os adultos são postos em lugares que dificilmente os tornam simpáticos. Tudo isso concorre para um esfriamento de relações entre os dois blocos.

Mas o ponto crucial é o que se segue. Os jovens ouvem diáriamente palestras e palavras de estímulo para uma cultura sempre crescente das virtudes. A' frente delas coloca-se com a razão a lealdade. E o jovem forma mesmo um ideal do homem perfeito. Mas eis que, circunstancias o colocam em mais directa relação com os adultos e vê então, para sua desgraça, ser a lealdade nos adultos tema mais de pregação que de acção. O seu sonho caiu por terra para dificilmente se tonar a erguer. A distancia com os adultos aumentou. O seu sentimento de revolta cresceu.

Depois opera-se a tão falada e discutida crise. Quando se chega a este ponto, erguem-se novamente os fautores desta crise e despiedadamente lançam todas as culpas para a família. Ninguém se lembra de que não é só a família a culpada. São culpados todos esses que prometeram ajudar a juventude, que juntaram á sua volta talvez um grupo de rapazes cheios de sonhos e que de um momento para o outro os abandonou sem ao menos uma palavra de amizade. Eu estou convencido de que será esta uma das grandes causas da multidão de rapazes frustrados, abulicos, revoltados, que tanto encontramos.

Não digam que a causa está na família. Está também em todos esse-s que se arvoram paladinos da juventude e que não passam de seus exploradores. O problema da juventude é demasiado sério para se tomar ao de leve. E' preciso que todos nos convençamos disso. Ninguém tem o direito de transformar um rapaz cheio de boa vontade, numa caricatura de rapaz aniquilado por um sentimento de frustração e de revolta.

Com estes rapazes estejamos certos de que o mundo não terá amanhã os homens de que necessita

E' caso para pedir aos que não têm coragem para serem guias da juventude, que mais vale não o serem. Se o forem mal, o estado em que deixam os jovens será pior do que aquele em que os encontraram.

Convém não esquecer que realmente os jovens de hoje serão os homens de amanhã.

VISTOS PELOS JOVENS

PASSEIO NOCTURNO

O relógio da torre bateu uma estridente badalada fazendo o som ressoar pelas redondezas. Havia-me já deitado há bastante tempo, e uma forte dor de dentes atormentava-me não me deixando dormir. Olho por entre as cortinas da pequena janela. O Luar bate em cheio nos vidros. Começo a pensar! De repente levanto-me silenciosamente, sem acender a luz e começo a vestir-me. Depois deste trabalho, apalpo uma pequena estante, e tiro um livro que me vai servir de companhia no passeio que vou realizar. Pé-ante-pé dirijo-me para a porta do meu quarto que abro vagarosamente. Transponho o pequeno corredor, e encontro-me ao pé da porta que dá para o quintal. Ando com a chave que se encontra na fechadura procurando não fazer ruído. Empurro a porta e esta cede. Torno-a a pôr como estava, não a fechando á chave. Lentamente atravesso o pequeno quintal e puxo o trinco do pequeno portão de madeira que dá para a rua. Volto a pô-lo como estava, pois este portão pode ser aberto pelo lado de fora, com um pequeno esforço. Já na rua olho a atmosfera onde milhares de estrelas me espreitam. Começo a descer a calçada que se ergue a meus pés. O silêncio é interrompido pelo bater cauteloso dos meus sapatos nas pedras da calçada.

Chego ao fim desta pequena artéria, e encontro-me ante a igreja da minha pequena freguesia. Páro a contemplar a torre com os seus dois belos sinos e o relógio que se ergue majestoso no meio deles. Ando agora para a direita para passados cerca de 10 metros virar outra vez para o mesmo lado.

De um lado e de outro pequenas casas esburacadas e sujas formam duas alas de pedras sobrepostas.

Ando mais um bocado sempre com o livro debaixo do braço. Agora as moradias findam dando lugar a dois muros altos, por detrás dos quais se enfileiram grandiosas amendoeiras.

O meu passo certo e vagaroso faz acordar pequenas pedras que se encontram no caminho. Este inclina-se agora um pouco para baixo sempre ladeado pelos seus escoltas.

Chego ao fundo desta descida e viro á esquerda.

Na minha frente gigantescos castanheiros vigiam a noite, segurando com dedos finos os seus frutos.

Olho a Lua redonda como um queijo, brilhante como oiro. Grilos dão vivas ao seu contentamento fazendo vibrar as suas pequenas gargantas. Este grupo mais parece uma orquestra tocando ao Luar. Enfio por um estreito caminho ladeado por milhares de pés de centeio que se debruçam á minha passagem, como a dizerem: — Boa noite, ilustre visitante.

Vou sempre por este caminho até que avisto o cemitério. Então meto por outro caminho ao lado do qual sussurram oliveiras. À vista deste lugar funebre sinto um terror invadir-me. Caminho mais lesto, e estou agora junto ao cemitério onde o mocho solta pios agoireiros, e apenas um grilo dá jus á sua alegria.

Lembro-me de certo livro que já li, intitulado: «O crime no cemitério»; e mais me encho de terror. Vou levar as mãos á cabeça, mas o livro que tenho debaixo do braço, cai-me. Ao apanhá-lo reparo no título: «A casa dos horrores».

Tenho vontade de o rasgar, ou atirá-lo o mais longe possível, mas detenho-me no momento preciso. Ponho-o novamente debaixo do braço, e começo a andar — quase a correr — pela enorme rua que liga com a calçada que habito. Andado um bom troço desta artéria, olho para a direita e avisto um pequeno monte no cimo do qual se ergue uma pequenina capela. — A capela de Santa Bárbara. Desço mais um bocado, e agora surge a pequena calçada. Dirijo-me para a minha porta a passo mais lento. Ao chegar aí olho novamente a torre da igreja lá em baixo, no momento em que o relógio dá três badaladas sonoras, estridentes, monótonas e compassadas. Puxo o trinco do portão. Abro-o ao mesmo tempo que solto uma exclamação de espanto. Um facho de luz sai pela janela do quarto defronte do meu. Fico imóvel até que a luz se apaga. Teriam dado pela minha saída?

Encosto o portão, e atravesso o quintal. Empurro a porta e entro no corredor. Sempre silenciosamente entro no meu quarto. Começo a despir-me, depois de pôr o livro na estante.

Sempre com a luz apagada deito-me. Já não sinto aquela maldita dor de dentes que poucas horas antes me atormentava.

Já dentro da cama murmuro para os meus botões: — O que vale é que quando acordar, é domingo, senão...

ANTÓNIO DE GÓIS PEREIRA
(15 anos)

Entrevistas com adultos feitas por jovens

(Continuação da 1.ª página)

Santareno, peça passada entre gente de mar e trocam-se impressões. A entrevista está a findar. O relógio marca 1 da madrugada.

—E agora gostaria de lhe fazer só mais duas perguntas, ou melhor, uma pergunta e um pedido.

L. A. — Faça favor...

—Que conselho daria a uma jovem que quisesse seguir a carreira teatral?

L. A. — E' uma pergunta muito difícil — diz-nos Laura Alves. — Olhe, primeiro que tudo não a aconselhava a ir para o Conservatório, pois lá não se aprende nada. Andam ali, lêem umas coisas mas não lhes dão a noção da realidade. Aconselhava-a a que tivesse alguém que se interessasse por ela, um actor ou actriz bons e que lhe quisessem ensinar porque «isto tem uma técnica que só se aprende lá em cima nas tábuas, ou então, caso pudesse, a ir ao estrangeiro estudar, porque realmente vale a pena.

—E agora o pedido, Laura Alves. Quer, por intermédio do «Diário de Lisboa Juvenil», dizer algumas palavras para a juventude, principalmente para aqueles que se interessam pelo Teatro?

L. A. — Apenas isto: como actriz que ando cá já há muitos anos a batalhar, e acreditem rapazes e raparigas, que tem sido uma batalha dura, eu, todas as vezes que vocês forem ao teatro, seja ele bom ou mau, agradeço-vos de todo o coração. Muito obrigado!

—Obrigado nós, Laura Alves, pela sua gentileza, e muitas felicidades lhe desejamos sinceramente.

A entrevista tinha chegado ao fim.

Francisco José Ferreira Fernandes
(17 anos)

FLASH

HOMEM Ó MAR!

POR
MANUEL AGRA

Era o fim de feira...

O dia desaparece num fogaréu que assombra o horizonte de raios sanguíneos. «Vamos ter calor!» exclamam os homens apontando para a serra em chama como se estivesse parindo um vulcão.

O Tejo, para o morrer da tarde, á maneira que o Sol declina, fica agitado. Vagas, animadas de cordeirinhos, varrem os costados do navio com movimentos nervosos, galgam o cais com a raiva dos soldados que sobem ás ameias do castelo...

Fim de feira. As pessoas regressam da Caparica. Fatigadas, mas felizes. Os cestos voltam leves. Os mais novos da família, moidos pelo Sol e pela correria doida do dia em liberdade, encostam-se ao regaço materno, fecham os olhos e assim mesmo de pé, enquanto esperam a chegada do barco, dormem... Os namorados vão despertos e bem despertos. E no entanto sonham. E no entanto o seu reino não é deste mundo... Para que o venha a ser, dão as mãos, entrelaçam os dedos, e ficam mudos, em êxtase, á espera do milagre...

Quando vem o sinal de avançar, a mole de gente desembesta contra o barquinho mimoso. Em tropel. Como se naqueles breves minutos que se ganham residisse o segredo da vitória, á certeza de chegar a casa rápidamente. Naquele instante, cada instante vale. Chegar cedo ao barco para escolher o melhor lugar; andar depressa para ver se ainda vamos no barco; fugir das paragens que tanto falam de cansaço, de Sol em demasia, de musculos doridos e nervos arrazados...

Foi então que soou o grito que gelou o céu ardente:

—Homem ao mar! Caiu um homem ao mar!

Um menino, é que era. Estamos a vê-lo a esbracejar infantilmente, a beber pirolitos sobre pirolitos. Atiram-lhe uma boia. O menino, perdido o fôlego e a calma, começa a deslizar para o fundo do rio, o corpo franzino esfuma-se como se o estivéssemos a ver através de uma lente mal feita para os nossos olhos.

Parece que vi o pássaro gigantesco voando. Saltou por cima da minha, cabeça, vindo do céu, como um anjo salvador. Mergulha na água barrenta, dos limos e da tarde. Desaparece, com duas braçadas, volta á superfície lentamente com a presa quase inanimada...

Qual anjo, qual força! E' um homem. Um homem de aparência frágil. Tirita de frito, depois da África. Entrega o náufrago em terra, dá logo uma corrida para o barco, o «Alcantara» que sem ele não pode largar.

Não pode, porquê ele é o cobrador e o barco não leva os passageiros por benemerência nem por amor á arte. E' preciso o cobrador para arrecadar os quinze tostões da ordem. Daniel, o cobrador, vai da proa á ré, no seu trabalho. Molhado que o cobrador, vai da proa á ré no seu trabalho. Molhado que nem um pinto. A água a escorrer-lhe dos cabelos...

—Já esta semana é o terceiro que tiro do mar... — diz com naturalidade.

E eu vaidoso. Vaidoso da companhia dele. De ir a bordo com uma pessoa tão importante!

Quando vocês forem no «Alcantara» para a Trafaria, perguntem pelo senhor Daniel. Apertem-lhe a mão. Para sentirem o prazer que dá apertar a mão de um Homem.